

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOSÉ VELOSO DOS SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DE HORACE LANE NA INSTRUÇÃO PÚBLICA
PAULISTA (1890 – 1910)**

**MARÍLIA
2011**

JOSÉ VELOSO DOS SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DE HORACE LANE NA INSTRUÇÃO PÚBLICA
PAULISTA (1890 – 1910)**

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, para obtenção do
título de Mestre em Educação.**

**Orientadora: Profa. Dra. Ana Clara
Bortoleto Nery**

**MARÍLIA
2011**

Santos, José Veloso dos.

S237c As contribuições de Horace Lane na instrução pública paulista : (1890-1910) / José Veloso dos Santos. – Marília, 2011
134 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências 2011

Bibliografia: f. 123-132

Orientador: Profa. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery

1. Instrução públicas paulista – (1890 – 1910).
2. Protestantismo. 3. Lane, Horace Manley. I. Autor. II. Título.

CDD 379.209816

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery

Unesp - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Marília

Examinador: Prof. Dr. Sinésio Ferraz Bueno

Unesp - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Marília

Examinador: Prof. Dr. César Romero Amaral Vieira

Unimep - Universidade Metodista de Piracicaba

*Dedico especialmente a
DEUS e aos meus pais,
Hilário e Jovelina, que me
ensinaram os valores
essenciais da vida.*

“A verdadeira educação [...] visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem.” (Ellen White, 1827-1915)

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela oportunidade de estudar e principalmente pelas pessoas que colocou em meu caminho e que me ajudaram a ser quem eu sou.

Às minhas avós que me contavam histórias sob a luz da lua e também de candeeiros a base de querosene no longínquo sertão baiano.

Aos meus pais pelo espírito guerreiro e por me incentivarem a acreditar nos meus sonhos e também o gosto pela leitura, aos meus irmãos, os príncipes e grandes batalhadores, Vanderlei, Tuca, Verônica e Néia pelos constantes incentivos para que eu pudesse atingir meus objetivos.

À minha família, em especial a minha esposa Val, a luz dos meus olhos, e filhos Camila e Antonio presentes de Deus, a Neuza e Thalita que nos completam e ao Spike *in memoriam*.

Aos meus tios Helenita e José Paulo pessoas muito especiais.

À comunidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia do Jardim Pirajuçara na cidade de Taboão da Serra, São Paulo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Ana Clara B. Nery, pela confiança depositada em mim e também pela paciência, e por ter aceitado este desafio me proporcionando crescimento no campo intelectual.

Às amigas, Regiane Marques, Raquel Schimmer (incansável motivadora), Vanessa de Oliveira, Alessandra Cerantola, que contribuíram efetivamente na concretização deste trabalho.

Aos amigos, Emerson, Jaqueline, Leila, Cleila e a Aurea pelo apoio, companheirismo e sugestões.

Aos professores. Carlos Brandão e Sinésio por seus comentários e contribuições no momento da Qualificação.

À Profa. Dra. Maria Lúcia Hilsdorf pelas sugestões que enriqueceram o trabalho.

À Profa. Dra. Dirce Encarnacion, pelas primeiras contribuições.

Ao Pr. Dr. Alderi, historiador da Igreja Presbiteriana.

À Demarice Goldman, viúva do Prof. Frank Goldman.

Aos administradores da Associação Paulista Oeste, que sempre me apoiaram e na qual trabalho há quase duas décadas, pela confiança e incentivo.

Aos Reverendos Enos e Eliezer do Arquivo Histórico Presbiteriano de São Paulo localizado no bairro de Moema.

Ao Dr. Marcel Mendes, diretor do curso de Engenharia da Universidade Mackenzie pelas entrevistas a mim concedidas e por me disponibilizar o material que dispunha.

À Ingrid pela imensa boa vontade sempre a mim demonstrada do Centro Histórico da Universidade Mackenzie.

Aos reverendos, Enos e Eliezer.

Ao amigo Fred Lane não só por abrir os arquivos pessoais me proporcionando acesso aos documentos, mas também pela boa prosa em que relatava fatos históricos relacionados ao governo paulista o Mackenzie e Horace Lane.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado de São Paulo, pela ajuda com os materiais.

À amiga Elena Palloni Gonçalves, da USP São Carlos sempre disposta.

Aos colegas de trabalho dos Colégios Adventista de Tupã e São Carlos, por suprirem minhas ausências. E a minha gratidão a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para que eu pudesse concluir esse trabalho.

RESUMO

SANTOS, J.V. **As Contribuições de Horace Lane na instrução pública paulista (1890-1910)**. 2011. 134p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Marília, 2011.

O presente trabalho tem como preocupação central mapear as contribuições de Horace Manley Lane na constituição da escola republicana paulista, entre 1890 a 1910. O foco será a ação de Horace Lane junto aos administradores da instrução pública paulista, em especial, Caetano de Campos e Oscar Thompson. Além da revisão dos trabalhos que focam a influência protestante na organização da instrução pública paulista, tomamos como fontes privilegiadas os relatórios oficiais, artigos editados em periódicos educacionais produzidos no período, documentos pessoais de Horace Lane e a edição do livro *Education in the State of São Paulo*, de autoria do Oscar Thompson, Horace Lane e Carlos Reis, apresentado na Feira Internacional de Saint Louis em 1904. O objetivo central é analisar atuação de Lane na instrução pública e evidenciar a influência da ação protestante em terras paulistas. Esta pesquisa está apoiada nas premissas de Marta Carvalho de uma História Cultural dos Saberes Pedagógicos, dialogando em torno, de suas práticas, seus agentes, suas representações e apropriações para uma nova compreensão da escola. Como resultado, este estudo permite dar visibilidade às contribuições de Horace Lane na consolidação da instrução pública paulista proposta pelos republicanos.

Palavras-chaves: Horace Lane. Instrução pública paulista. Protestantismo.

ABSTRACT

SANTOS, J.V. Contributions of Horace Lane in public education in São Paulo (1890-1910). 2011. 134p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Marília, 2011.

The purpose of this study is to chart the contributions of Horace Lane in the constitution of the republican school of São Paulo, from around 1890 to 1910. The main focus is the actions of Horace Lane along the administrators of the public instruction of São Paulo, specially Caetano de Campos and Oscar Thompson. Besides the revision of studies that focus on the protestant influence in the organization of the public instruction of São Paulo, we used as privileged sources the official reports, personal documents of Horace Lane and the edition of the book ‘Education in the State of São Paulo’, whose authors are Oscar Thompson, Horace Lane and Carlos Reis. This book was presented at the Saint Louis International fair back in 1904. The main purpose is to analyze the interaction of Lane in the public instruction and to point the protestant influence of it. This research is supported in the assumptions of Marta Carvalho from the research “Cultural History of the pedagogical knowledge”, discussing around her practices, her agents, her representations and appropriations for a new comprehension of the school. As a result, this study allows us to highlight the contributions of Horace Lane in the consolidation of the public instruction of São Paulo from the Republicans.

Key words: Horace Lane. Public instruction of São Paulo. Protestantism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Licença para exercer a docência no Rio de Janeiro.....	23
Figura 2: Licença para exercer a docência em São Paulo.....	24
Figura 3: Diploma de medicina de Horace Lane.....	29
Figura 4a: Documento enviado por Chamberlain a Lane em 1884– frente.....	34
Figura 4b: Documento enviado por Chamberlain a Lane em 1884– verso.....	35
Figura 5: Capa do relatório da Escola Americana de 1887 à Secretaria do Interior da Província de São Paulo, por Horace Lane.....	47
Figura 6: Solicitação da contratação de Oscar Thompson.....	55
Figura 7: Carta que Bernardino de Campos envia a família de Horace Lane após o seu falecimento.....	59
Figura 8: Documento de apresentação de Gabriel Prestes ao Secretário do Interior.....	62
Figura 9a: Carta do Deputado Alfredo Ellis.....	62
Figura 9b: Carta do Deputado Alfredo Ellis (Datilografado por Frederico Lane, neto de Horace Lane)	66
Figura 10: Notificação sobre desaparecimento de material pedagógico.....	68
Figura 11: Panfleto da Exposição de Saint Louis.....	72
Figura 12: Capa do impresso produzido pela delegação brasileira para a Exposição de Saint Louis.....	74
Figura 13: Palácio Monroe.....	76
Figura 14: Local de exposição dos trabalhos escolares da delegação brasileira.....	77
Figura 15: Capa do livro <i>Education in the State of São Paulo</i>	82
Figura 16: Diploma do Horace Lane do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.....	84
Figura 17: Diploma de Frederico Lane.....	99
Figura 18: Diploma de maçom de Horace Lane.....	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estatísticas escolares relacionando as escolas com número de alunos.....	95
Quadro 2: Custo da instrução pública paulista em 1904.....	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
 2 HORACE MANLEY LANE E A ASSESSORIA À INSTRUÇÃO PÚBLICA PAULISTA.....	 19
2.1 Origens de Horace Manley Lane.....	19
2.2 As primeiras experiências educacionais de Horace Lane no Brasil.....	20
2.3 Horace Lane vai à Europa e retorna aos Estados Unidos para estudar e trabalhar....	27
2.4 Horace Lane retorna ao Brasil.....	30
2.5. A Reforma Caetano de Campos.....	40
2.5.1. A participação de Horace Lane na Reforma Caetano de Campos.....	45
2.5.2. As professoras Márcia Browne e Maria Guilhermina de Loureiro de Andrade	49
2.5.3 Outras contribuições de Horace Lane	50
2.5.4 A reforma geral da instrução pública de 1892.....	56
2.5.5 A reforma da instrução pública de 1893	60
 3 PROMOVENDO A INTERNACIONALIZAÇÃO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA PAULISTA: A PARTICIPAÇÃO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE SAINT LOUIS EM 1904 E OUTRAS VIAGENS.....	 70
3.1 A Exposição Internacional de Saint Louis.....	70
3.2 A edição do livro <i>Education in the of São Paulo</i>	81
3.2.1 Curso preliminar.....	88
3.2.2. Escolas complementares.....	89
3.2.3 Escola normal.....	90
3.2.4 Educação secundária.....	91
3.2.5 Métodos, publicações e supervisão nas escolas.....	92
3.2.6 Educação superior.....	93
3.2.7 Educação profissional agrícola.....	93
3.2.8 Estatísticas escolares.....	94
3.3 O custo da instrução pública.....	96
3.4 Instituições privadas.....	96

3.5. Seminário Episcopal.....	97
3.6 A Escola Americana e o Colégio Mackenzie.....	97
3.7 A escola livre de farmácia.....	98
3.8 Escola prática do comércio.....	100
3.9 Liceu de artes e ofícios.....	100
3.10 Instituto Ana Rosa.....	100
3.11 Escola Dona Carolina Tamandaré.....	100
3.12 O Liceu Coração de Jesus.....	100
3.13 Outras escolas.....	101
3.3 Outras viagens	102
 4 A PARCERIA DE OSCAR THOMPSON E HORACE LANE JUNTO À INSTRUÇÃO PÚBLICA PAULISTA (1909-1910).....	108
4.1 A parceria entre Oscar Thompson e Horace Lane	110
4.2 O declínio da consultoria: críticas ao Programa de Ensino Primário.....	113
 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
 REFERÊNCIAS.....	123

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, intitulada *As Contribuições de Horace Lane na Instrução Pública Paulista (1890-1910)*, tem por objetivo apresentar as contribuições de Horace Manley Lane na constituição da escola republicana paulista, entre 1890 a 1910. Este assunto foi motivado após algumas leituras, em especial, a leitura da tese de doutorado *Educadores à Meia-Luz* de autoria da professora Denice Catani.

Tal interesse surgiu ao observar que, embora Horace Lane estivesse presente e tenha participado como tradutor e mediador cultural na implantação de uma nova proposta de reestruturação da instrução pública paulista, no período de 1890 a 1910, a importância de sua participação ainda não foi objeto de pesquisa. Sua presença está vinculada à formação de professores, material pedagógico e mobiliário escolar, programa de ensino, livros e material didático, maçonaria e protestantismo.

Foram realizadas várias leituras no que concerne à temática, porém, não há um corpo bibliográfico específico sobre ator social em questão. Por isso, buscou-se em várias obras que se aproximam do eixo pesquisado, deste trabalho, fundamentação para atingir os objetivos. Os autores que dão sustentação a esta dissertação (em ordem cronológica de produção de texto) são: Stewart (1932) com o seu texto contando a história e a organização do *Mackenzie College* e a Escola Americana; Francisco Venâncio Filho (1946) cita a presença de Horace Lane contribuindo com a instrução pública paulista ao apresentar o texto *Contribuição Norte Americana à Educação no Brasil*; Benedicto Novaes Garcez (1970) comenta a respeito da evolução da Escola Americana e sua parceria com a instrução pública paulista; Frank P. Goldman (1972) apresenta a questão da imigração de norte-americanos para terras da Província de São Paulo e os aportes em relação à agricultura, arquitetura, religião, tecnologia e educação concebendo a troca de informações culturais. Jether Ramalho (1976) com a pesquisa que apresenta as práticas, apropriações, representações e imposições dos saberes pedagógicos pelo viés sociológico, proposto pelos protestantes de origem norte-americana e a sua relação com a ideologia liberal. Maria Lúcia Hilsdorf (1977, 1986) com dois dos seus trabalhos em circulação; o primeiro é a dissertação em que apresenta *As Escolas Norte Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo* e o impacto causado por elas no âmbito político e educacional; o segundo é a tese que trabalha com o itinerário de Francisco Rangel Pestana, que evidencia a atuação deste

ator social como articulador da instrução pública paulista com o modelo norte-americano de educação. David Gueiros Vieira (1980) corrobora com as questões relacionadas à religião, em recorte o protestantismo e o progresso. Boanerges Ribeiro (1987) ao contextualizar os aspectos religiosos e educacionais na obra *A igreja presbiteriana da autonomia ao cisma* faz uma análise da questão maçônica e educacional entre os presbiterianos. Cesar Romero Amaral Vieira (1993, 2006) fala a respeito da contribuição dos atores sociais protestantes na reforma da instrução pública paulista, e em outro texto analisa o pensamento liberal em consonância com o Protestantismo que estava na Reforma Caetano de Campos. Peri Mesquida (1994) trata da hegemonia norte-americana no campo educacional apresentando o *Colégio Piracicabano*. Casemiro dos Reis Filho (1995) proporciona luz sobre a relação entre a instrução pública paulista, os republicanos e a ideologia liberal. Rosa Fátima de Souza (1998) discorre sobre os edifícios escolares e o seu contexto social, político e econômico, tendo como base o republicanismo e a ideologia liberal. Marcel Mendes (1999) apresenta em seus escritos a importância do *Mackenzie College* na construção do pensamento democrático para autonomia e liberdade universitária. Carlos Monarcha (1999) ao expor algumas das fases da Escola Normal da Praça contextualizada à história da cidade de São Paulo. Osvaldo Henrique Hack (2000, 2002, 2003) que traz contribuições relacionadas à influência do protestantismo norte-americano na instrução pública paulista. Miriam Warde (2002, 2003) em um dos seus artigos, discorre informações importantes a respeito da Exposição Internacional da Saint Louis em 1904 e em outro artigo fala a respeito de Lourenço Filho trazendo contribuições relacionadas às reformas no campo educacional no Estado de São Paulo. Gisele Nogueira Gonçalves (2002) exhibe a trajetória de Oscar Thompson na educação desde a Escola Normal até a Diretoria Geral da instrução pública. Geysa Abreu (2003) articula comentários a respeito da Escola Americana de Curitiba onde Horace Lane também atuava como responsável geral diante da mantenedora norte-americana. Carla Simone Chamon (2008) lança luz sobre a trajetória da professora Maria Guilhermina de Loureiro no magistério e a sua passagem por São Paulo. Ana Clara Bortoleto Nery evidencia o trabalho de Oscar Thompson diante da instrução pública paulista e a formação de professores no século passado (2009).

O objetivo central desta dissertação é analisar a atuação de Lane na instrução pública paulista como educador de fronteira e dar visibilidade a influência protestante desta ação. Como objetivo específico, temos o intuito de contribuir com

possíveis esclarecimentos históricos para uma melhor compreensão dos motivos pelos quais o modelo protestante de escolarização passou a ter influência na estruturação da instrução pública.

Pensando no que Reis Filho (1995, p. 7) diz que “Cada sociedade elabora historicamente, seu sistema de educação a partir de sua estrutura e organizações sociais. Essa é a razão pela qual a educação de um povo é assim inseparável do seu contexto sociocultural”, é que propomos um novo olhar no resgate, na restauração e na reinterpretação desses acontecimentos históricos. Esse novo olhar pode ser realizado por atores com ponto de vista diferentes a fim de se compreender a herança sociocultural que influencia o posicionamento da sociedade.

Para alcançarmos os objetivos indicados, utilizamos como instrumento de análise o conceito proposto pela história cultural, no qual a reconstrução dos momentos e dos fatos históricos é realizada por meio das representações das práticas do real. Nesse sentido, Chartier (1990, p. 98) afirma que “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler [...]”.

A partir do registro das representações, das apropriações e das práticas utilizadas em trabalhos e documentos já publicados a respeito da atuação de Horace Lane no planejamento e execução das reformas na instrução pública paulista no período de 1890 a 1910, é que será desenvolvida a pesquisa bibliográfica e documental. Ela contextualizará os aspectos: político, histórico, econômico, pedagógico e social, inseridos no campo da educação paulista no período que contempla o final do Império e início da República, tendo em vista que:

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p. 17).

Toda e qualquer comunidade ao ser constituída dar-se a conhecer através das suas práticas, pois é por meio dessas que são materializadas intencionalmente os seus princípios e valores elaborados pela classe hegemônica que lidera o dito grupo social nos aspectos econômicos, políticos e sociais. Essas mesmas práticas por sua vez são impostas nem sempre pela coerção, mas por vezes pela afinidade demonstrada por aqueles que ocupam o espaço de mandatários, consequentemente assimiladas pelos

membros da comunidade que pode ser a escolar, econômica, política ou religiosa. Os atores sociais dessa sociedade se apropriam das práticas apregoadas pela classe hegemônica e passam a reproduzir não exatamente da forma com que foi assimilada ou com a primeira intenção dos líderes, mas com sua leitura subjetiva.

Uma vez essas práticas assimiladas passam a ser reproduzidas intencionalmente para a geração seguinte procurando suprir os seus vários degraus com respeito ao tecido constituído pelas classes sociais ou ainda pode ser transplantada para outro contexto cultural sofrendo possíveis mutações ao serem reproduzidas ao longo do tempo e isso se dá por várias razões inclusive por resistência ao ato da imposição, prática essa conhecida como tática.

Outro trabalho consultado foi o texto de Marta Maria de Carvalho *Por uma História Cultural dos Saberes Pedagógicos* (1998), em que o uso dos impressos interessa como objeto no duplo sentido: “como dispositivo de normatização pedagógica, mas também como suporte material das práticas pedagógicas” (CARVALHO, 1998, p. 35). Para a autora, tomar o impresso em sua materialidade implica tratá-lo como objeto cultural com suas marcas de produção e de seus usos. O procedimento de investigação composto por vários campos:

[...] histórias das edições, histórias das políticas educacionais concretizadas nas prescrições legais e regulamentadas que estabelecem padrões e procedimentos para a sua produção, distribuição e uso; história da escola, entendida como instituição que é produto histórico da intersecção da pluralidade de dispositivos de normatização e de práticas de apropriação; história dos saberes pedagógicos que, veiculados pelo impresso, normatizam as práticas escolares, constituindo objetos de investigação; história cultural dos usos sociais dos saberes escolarizados como currículo e disciplina escolar (CARVALHO, 1998, p. 36).

Portanto, ao buscar modelos culturais inscritos nas práticas de apropriação se expressa uma especial pertinência nos estudos historiográficos sobre educação no Brasil. Os itinerários pedagógicos nos habilitam a não colocar “*ideias fora do lugar*” (CARVALHO, 1998, p. 40).

A fim de buscar informações *in loco*, visitas foram realizadas ao Arquivo Público de São Paulo, bem como em instituições pioneiras na implantação da proposta educacional de cunho protestante no Estado de São Paulo. Na Universidade Mackenzie foram investigados documentos do Centro Histórico Mackenzie; em São Paulo tivemos acesso aos arquivos pessoais da família Lane na residência do Sr. Fred Lane, bisneto de Horace Lane, a procura de informações.

Para melhor organização do tema, dividimos este trabalho em três capítulos. No capítulo 1 discutiremos a trajetória de Horace Lane na educação desde as primeiras experiências no Rio de Janeiro até o convite para atuar na instrução pública de São Paulo e o início da assessoria aos órgãos públicos. No capítulo 2 analisaremos a apresentação de Horace Lane sobre o livro *Education in the State of São Paulo* na Exposição Internacional de Saint Louis. Este é o momento ápice da assessoria do ator social em evidência. E para finalizar, o capítulo 3 tem como eixo as relações de assessoria de Horace Lane diante do Programa de Ensino da Escola Primária juntamente com Oscar Thompson e, posteriormente, o repentino afastamento dessa parceria.

2 HORACE MANLEY LANE E A ASSESSORIA À INSTRUÇÃO PÚBLICA PAULISTA

2.1 Origens de Horace Manley Lane

Educado nas melhores escolas dos Estados Unidos, conhecendo bem o Brasil, que tinha percorrido todo, acostumado ao modo de ver dos brasileiros de todo o tipo, desde estadistas e estudantes até os camaradas do sertão, juntava à aquisição de sua experiência escolar uma simpatia de irradiação vivíssima e uma compreensão da natureza humana, nas quais com ele, seria difícil rivalizar. [...] Parecia intuitiva a sua competência nas modificações necessárias para o êxito, no Brasil, de um plano que alcançara êxito nos Estados Unidos. Nunca fez uma adaptação servil de qualquer ideia ou de qualquer plano. Tudo através de seu gênio se transformava em alguma coisa diferente sem deixar de ser substancialmente o mesmo (STEWART, 1932, p. 9)¹.

Esta citação, expressa por um memorialista, pode criar expectativas positivas do indivíduo em questão. Porém, como afirmações desta natureza requerem cuidados, rigor acadêmico, trataremos os textos desta natureza com cautela. Acreditamos que nos aproximando das origens, formação intelectual e profissional de Horace Lane, isto nos levará para mais próximo de sua participação e influência diante das reformas na instrução pública paulista, sobretudo as empreendidas entre 1890 e 1893².

Horace Lane nasceu em Readfeld, no Estado do Maine, nos Estados Unidos, em 29 de julho de 1837, mas por volta de 1845 a família Lane muda-se para o Estado vizinho do Massachusetts. Descendia, por ambos os lados, de família de militares (GOLDMAN, 1972). Massachusetts era, à época, o centro econômico, cultural e educacional de uma região composta por 13 colônias, espaço esse que ficou conhecido como Nova Inglaterra (CÁCERES, 1996). Assim, Lane cresceu num contexto repleto de experiências modernizadoras e modernizantes em relação à cultura e à educação, produzidas e divulgadas dentro e fora dos Estados Unidos.

¹ Documento disponível no *Acervo Centro Histórico Mackenzie*.

² Decreto nº 27 de 12 de março de 1890, a Lei nº 88 de 8 de setembro de 1892 e a Lei nº 169 de 7 de agosto de 1893.

Importante lembrar que o primeiro jornal a ser impresso na América do Norte foi em Massachusetts, assim como a organização da primeira biblioteca³ e também a primeira escola a oferecer curso superior, o *Harvard College* (ANUÁRIO DO ENSINO DE SÃO PAULO, 1909-1910, p. 203).

Com relação à formação educacional de Horace Lane, em razão da falta de documentos ou trabalhos acadêmicos no Brasil sobre este tema, tomamos como base o que foi dito sobre ele no momento em que foi apresentado ao corpo de servidores da Escola Americana e a Igreja Presbiteriana no ano de 1885 na capital paulista: “Educado nas melhores escolas dos Estados Unidos...” (STEWART, 1932, p. 9), e devido a sua proposta educacional trazida para o Brasil, já implantada nas escolas norte-americanas, acredita-se que tenha frequentado uma escola do padrão Comoon School⁴.

2.2 As primeiras experiências educacionais de Horace Lane no Brasil

Na segunda metade do século XIX o Império do Brasil havia conseguido o seu espaço no cenário comercial internacional não só com os Estados Unidos, mas com a Europa no setor de exportação do café. Esta lavoura uma vez instalada em terras fluminenses foi bem acolhida pela região a ponto de suprir a demanda do mercado internacional.

Neste período, estava em profuso andamento a doutrina do “Destino Manifesto”⁵, nos Estados Unidos, e concomitantemente, tem início o que ficou conhecido como a marcha para o oeste. Também, neste momento, emerge o debate sobre a questão abolicionista apoiada pelo norte, mas rechaçada pelo sul. Dentro desse contexto é que Horace Lane, aos 22 anos de idade, deixa os Estados Unidos e chega ao Brasil pela primeira vez.

³ Informação disponível em:

<http://www.google.com.br/search?q=biblioteca+mais+antiga+de+massachusetts&hl=pt-BR&rlz=1T4RNRN_pt-BRBR445&prmd=ivns&ei=ac1STtzyNKbL0QG6vbXtBg&start=10&sa=N&biw=1366&bih=478>.
Acesso em: 7 ago. 2011.

⁴ Comoon School foi o modelo de escola proposto por Horace Mann, no Estado do Massachusetts, na primeira metade do século XIX, em que contemplaria todos os setores da sociedade, independentemente de classe social, religião, gênero e origem étnica (MANN, 1963).

⁵ Ideologia norte-americana que prega que este povo foi o escolhido por Deus para serem líderes do mundo, especialmente no continente americano. Para isso, divulgam seu estilo de vida, a política, a economia, etc., e entre essas estratégias utilizam a religião.

Essa iniciativa de procurar o Brasil ao invés do oeste dos Estados Unidos pode ter sido despertada no jovem *yanke*⁶ em razão das leituras por ele realizadas de impressos, que tiveram ampla circulação pelo território do Estado do Massachussets, produzidos pelo missionário James Cooley Fletcher⁷, conhecido como “agente do progresso”. Fletcher entendia que o evangelismo e o progresso andavam juntos. Esta ideia foi trabalhada no livro *O Brasil e os Brasileiros*, editado em 1857 e que circulou nas igrejas e em associações de homens de negócios em várias partes dos Estados Unidos, promovendo intencionalmente a imigração de norte-americanos para os portos brasileiros (VIEIRA, 1980).

Lane chegou ao Brasil praticamente sem recursos financeiros, trazendo apenas algum capital cultural. Tal foi a situação que ele chegou ao ponto de pedir ajuda financeira, como mostra uma das notas de seu diário, com data de 13 de fevereiro de 1859. Ele conta que quem o auxiliou, no que se refere à alimentação e à assistência médica, foram as irmãs do Mosteiro da Misericórdia na cidade do Rio de Janeiro (RIBEIRO⁸, 1987). O trecho a seguir mostra o apreço que Lane passou a dedicar a essas irmãs:

⁶ Termo que designava o cidadão nascido no norte dos Estados Unidos, e que era a parte mais desenvolvida economicamente do país. Assim, esses cidadãos eram conhecidos por seu perfil arrojado e empreendedor.

⁷ Formação em Teologia, sendo ordenado Pastor Presbiteriano em 1850. Chegou ao Brasil pela primeira vez em 1851-1853 enviado pela União Cristã Americana e Estrangeira e da Sociedade Americana dos Amigos dos Marinheiros. Ainda nesse período exerceu a atividade de Adido da Legação Americana ganhando assim proteção especial por parte do Governo Brasileiro. Em 1855 e 1856 ele esteve novamente no Brasil enviado pela União das Escolas Dominicais. Em 1857 estando nos Estados Unidos escreveu em parceria com o Pastor Metodista Daniel Parish Kidder o livro *O Brasil e os Brasileiros – Esboço Histórico e Descritivo*. Este livro atinge nove edições e é utilizado nos Estados Unidos para divulgar as oportunidades que seriam encontradas no Brasil. Em 1864 e 1865 ele estava de volta ao Brasil e estabeleceu contato com o Deputado Tavares Bastos, que por sinal era um ávido leitor dos impressos produzidos por Fletcher e seu porta-voz na Assembleia Legislativa da Corte. A comitiva de pesquisa liderada por Agasiz foi resultado da influência de Fletcher. Em 1868 e 1869 ele retorna ao Brasil pela última vez por meio da Associação Americana de Tratados. James Cooley Fletcher entendia que o evangelho estaria de mãos dadas com o progresso (VIEIRA, 1980). A intenção de James Fletcher era de aproximar os dois países não só por meio da proposta de evangelização, mas também convidando empreendedores do mundo político e econômico para possíveis investimentos tanto em terras brasileiras como norte-americanas (ROSI, 2009).

⁸ Boanerges Ribeiro concluiu o grau de Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano de Campinas, Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais pela Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Sociologia e Política de São Paulo. Exerceu as seguintes atividades: Pastor de Igreja, Diretor do Jornal Brasil Presbiteriano, Presidente da Casa Editora Presbiteriana do Brasil, Professor, Presidente e Chanceler da Universidade Mackenzie, Presidente da Fundação Educacional Presbiteriana e Presidente do Supremo Concílio, cargo máximo dentro da hierarquia organizacional da Igreja Presbiteriana no Brasil. Também escreveu os seguintes livros: *O Apóstolo dos Pés Sangrentos*, *O Padre Protestante*, *Seara em Fogo*, *Protestantismo no Brasil Monárquico*, *Aspectos Culturais da Implantação do Protestantismo no Brasil*, *A Igreja Presbiteriana no Brasil: da Autonomia ao Cisma*, *A Igreja Evangélica e a República Brasileira: 1889-1930*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7177.html>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

Deus me livre de dizer uma palavra contra essas irmãs da Misericórdia, ou contra as irmãs da caridade. Se jamais houve anjo na terra, creio que uma delas, chamada irmã (ilegível) é esse anjo... Nem minha mãe teria feito vigília mais atenta e ansiosa que a que ela fez, ou ministrado as minhas necessidades com maior ternura. A Misericórdia é uma das instituições deste país que não fazem distinção de pessoas (LANE⁹ *apud* RIBEIRO, 1987, p. 40).

Abreu (2003) afirma que a primeira atividade profissional exercida por Lane, no Brasil, foi como professor¹⁰ no Colégio Köpke fundado em 1850. Este colégio, localizado em Petrópolis na província do Rio de Janeiro, era de propriedade do ex-soldado das tropas reais portuguesas, Dr. Henrique Köpke¹¹ (PANIZZOLO, 2006).

Ao desempenhar as suas funções de professor ao lado do advogado e educador Henrique Köpke, tanto foi o deslumbramento percebido pelo jovem com relação ao trabalho educacional desenvolvido pelo seu empregador que Horace Lane se tornou um autodidata:

Cheguei ao Rio de Janeiro em 1859; aí fui ter ao colégio João Köpke. Estava aberta para mim a carreira do magistério. Senti-me a gosto e prossegui. Estudei com aquele grande mestre e, comparando a vastidão dos seus conhecimentos a estreiteza da minha cultura, redobrei esforços e pude, no fim de algum tempo ser o braço forte do ilustre educador (LANE¹² *apud* RIBEIRO, 1987, p. 54).

Em seguida, providenciou as licenças necessárias para lecionar em escolas particulares e também as mantidas pelo governo Imperial, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. As figuras a seguir comprovam isso.

⁹ Diário de Horace Lane, 1859.

¹⁰ O jovem Horace Lane para poder exercer o ofício de lente providenciou a licença junto aos órgãos competentes para lecionar a disciplina de inglês naquela instituição que recebia a visita do Imperador D. Pedro II com certa frequência (RIBEIRO, 1987; PANIZZOLO, 2006).

¹¹ Dr. Henrique Köpke era de origem portuguesa e naturalizado brasileiro, era advogado formado pela Universidade de Coimbra e pai do futuro advogado e professor João Köpke (PANIZZOLO, 2006).

¹² Diário de Horace Lane, 1859.



Figura 1: Licença para exercer a docência no Rio de Janeiro

Fonte: Arquivo particular de Fred Lane, bisneto de Horace Lane

O magistério exercido por Horace Lane estendeu-se ainda para o Colégio da Glória localizado na Província do Rio de Janeiro e também para o Colégio dos Beneditinos, estabelecido na cidade de São Paulo (GOLDMAN, 1972). Matos (2004) afirma que Horace Lane trabalhou na área do magistério como primeira opção em terras brasileiras apenas no início de sua estadia, ministrando aulas de inglês.

No final da década de 60 do século XIX havia muitos comerciantes ingleses e aumentava cada vez mais a presença de norte-americanos, tanto na cidade do Rio de Janeiro como no interior da Província de São Paulo (JAF, 2001). Em razão da presença desses imigrantes é que houve a necessidade de comunicação entre eles e os brasileiros. Nesse contexto é que Horace Lane, nativo da língua inglesa e também conhecedor da língua portuguesa, leciona o inglês para comerciantes brasileiros e portugueses. Presume-se pelo desempenho do jovem imigrante que ele tenha chegado ao Brasil possuindo certo domínio do idioma vernáculo tanto no aspecto verbal como também no que diz respeito aos códigos da escrita da Língua Portuguesa. Essa atuação no campo do magistério durou em torno de dois a três anos, pois já em 1862 ele está atuando como negociante estabelecido na Rua do Ouvidor¹³ no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 1987).

De acordo com Gueiros Vieira (1980) e Ribeiro (1987), em 1862, no Rio de Janeiro, estavam residindo: James Fletcher, o deputado Tavares Bastos, o estudante de medicina Antônio Caetano de Campos (ROCCO, 1946) e também Horace Lane. Nesta época, o jovem professor passa ao ramo do comércio e deserta das aulas que ministrava. Ele próprio relata a sua deserção do magistério: “Razões de ordem econômica fizeram-me interromper meus trabalhos e os meus estudos, atirando-me às brutalidades da vida de comerciante” (LANE¹⁴ *apud* RIBEIRO, 1987, p. 54), justificando que havia a necessidade imprescindível de angariar mais recursos financeiros em um curto período de tempo, pois demonstrava possuir alguns planos a serem executados a médio e longo prazo (GOLDMAN, 1972; HILSDORF, 1986; MATOS, 2004; VENÂNCIO FILHO, 1946). Assim, Horace deixa o magistério e passa a dedicar-se ao ramo do comércio em três das quatro Províncias do Sudeste: Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

¹³ A Rua do Ouvidor era um importante centro econômico, político, cultural e social da capital do país.

¹⁴ Horace Lane (Memórias), 1912.

De acordo com Vieira (1980), é nesse período que eles travaram uma rede de sociabilidade por meio da leitura do material impresso, em especial os jornais que circulavam na corte naquele período. Isso pode ser notado no trecho a seguir:

Convém repetir é difícil averiguar como Tavares Bastos e Fletcher tornaram-se amigos. No entanto, posso fazer algumas conjecturas baseadas no que se conhece a respeito deles. Ambos tinham um interesse em comum, que era a abertura do Amazonas à navegação internacional. Já em 1853 Fletcher suscitara a questão e publicara artigos sobre a mesma nos jornais do Rio (VIEIRA, 1980, p. 95).

Fletcher e Tavares Bastos¹⁵ publicavam textos e ministravam por meio dos púlpitos e tribunas, em que expunham seus respectivos pontos de vista pautados sob a égide do liberalismo norte-americano, e ambos anunciavam com certo destemor as possibilidades do Brasil estreitar e ampliar as relações comerciais com os Estados Unidos (VIEIRA, 1980).

Fletcher desde o início da segunda metade do século XIX introduziu na corte textos escolares que apresentavam as práticas e representações pedagógicas que eram trabalhadas no aparelho escolar norte-americano embasado no modelo educacional de Horace Mann, bem como a descentralização administrativa entre outras propostas de cunho liberal. Essas ideias encontravam eco em terras do Império do Brasil na voz do deputado Tavares Bastos (VIEIRA, 1980).

De acordo com d'Ávila (1946), também na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1865 e 1870, está o recém-formado no curso de Direito, o jovem Francisco Rangel Pestana atuando na imprensa política carioca. Ele trabalhou em alguns jornais do Rio de Janeiro como *O Diário Oficial*, participando da criação dos jornais: *Opinião Liberal*, *Correio Nacional* e colaborou na criação do jornal *A República*. Também foi um dos signatários do Partido Republicano Brasileiro em 3 de dezembro de 1870.

Rangel Pestana havia sido contemporâneo do Tavares Bastos na Faculdade de Direito no Largo São Francisco, local onde os estudantes ampliavam o debate em torno das pressuposições que talvez levassem a Província bandeirante a alcançar o progresso (HILSDORF, 1986).

¹⁵ Nascido em 1839, em Alagoas, em 1854 apresenta-se para afluir a uma vaga no curso jurídico de Olinda que naquele ano estava sendo transferido para a capital da Província de Pernambuco. Tavares Bastos, como ficou conhecido, prestou os exames requeridos pela Faculdade de Direito agora instalada no Recife e foi aprovado tendo apenas 15 anos de idade. Mas já no ano seguinte, em 1855 transfere-se para a Província de São Paulo onde o seu pai estava desenvolvendo as atividades de juiz de direito. Bacharelou-se em 1858 e em 1859 em Direito Tributário (PONTES, 1975).

Isso ocorria exatamente no momento em que a divulgada comitiva, liderada pelo cientista de Harvard, Louis Agassiz¹⁶, chegava ao Brasil. Nesse período surge a amizade entre Rangel Pestana e o comerciante Horace Lane, ambos trabalhando na Rua do Ouvidor e assim ampliando a rede de sociabilidade que ficou conhecida como “Amigos do Progresso”¹⁷.

Horace Lane permanece com seu estabelecimento em plena atividade até 1870, quando a lavoura do café começa a declinar no vale do Paraíba e passa a migrar para as terras paulistas (SILVA, 1996). Neste mesmo ano também começam as atividades do Partido Republicano do Brasil. Ainda em 1870 têm início as atividades da futura Escola Americana, na sala da residência de George Whitehill Chamberlain¹⁸, na capital da Província de São Paulo, tendo como professora a sua esposa, a senhora Chamberlain (GARCEZ, 1970).

2.3 Horace Lane vai à Europa e retorna aos Estados Unidos para estudar e trabalhar

No ano de 1870 Horace Lane encerra as suas atividades de comerciante e fecha definitivamente o seu estabelecimento que estava localizado na Rua do Ouvidor e, juntamente com a esposa e três filhos, parte em viagem em direção à Europa.

O objetivo primordial de Horace Lane ao realizar essa turnê era de fazer uma varredura no contexto pedagógico de algumas das principais nações do velho mundo e tomar conhecimento sobre as novas convergências da pedagogia europeia. Além disso, tinha interesse em conhecer as mais recentes ideias que estavam circulando na literatura especializada entre os acadêmicos:

Fomos juntos (esposa e filhos) à Europa onde me entreguei a um minucioso estudo do problema da educação... Pretendia fundar no Brasil um grande estabelecimento de ensino e, analisando as minhas forças para me atirar a semelhante empresa, verifiquei que me não assistia um elemento indispensável: conhecer a natureza humana e os meios de poder corrigir os seus defeitos. Faltava-me o conhecimento da medicina (LANE¹⁹ *apud* RIBEIRO, 1987, p. 55).

¹⁶ Esta talvez tenha sido a maior das realizações de James Fletcher em favor do progresso do Brasil. Este conseguiu provocar em Louis Agassiz, cientista suíço um grande interesse para vir ao Brasil comandando um préstito de pesquisa que ficou conhecida como Exposição Tahayer em 1865-1866. (VIEIRA, 1980).

¹⁷ Os “amigos do progresso”, termo criado por David Gueiros Vieira, eram pessoas que compartilhavam dos mesmos ideais de democracia, liberdade, individualismo, progresso, direito ao comércio e a propriedade entre outros, do “agente do progresso”, que era o James Fletcher.

¹⁸ Missionário presbiteriano norte-americano.

¹⁹ Horace Lane (Memórias), 1912.

Horace Lane mesmo diante de todos os percalços da política centralizadora do Império, da presença de uma Igreja oficial²⁰ e regalada, de uma limitada tolerância com os “não católicos”, de uma mão de obra que tinha como base a escravidão, num país basicamente agrário e com a grande massa de analfabetos, ainda assim, Lane afagava a ideia de estabelecer uma instituição de ensino no Brasil (VENÂNCIO FILHO, 1946). Esse projeto surgiu de um ideal alimentado no período em que trabalhou ao lado do seu antigo mentor, o professor Köpke na cidade de Petrópolis. Mais tarde, foi reforçado em função das leituras e discussões junto ao grupo constituído pelos “amigos do progresso”. Por isso, vai à Europa em busca de conhecimentos para executar seu plano.

Lane chega à Europa na segunda metade do século XIX e assiste ao advento de duas propostas pedagógicas: a científica e a sociológica (CAMBI, 1999). Na Europa, os países que estavam realizando trabalhos de pesquisa e buscando inovações na área educacional, eram a França, a Alemanha e a Inglaterra. Países que ganhavam destaque por viabilizarem pesquisas no campo de ensino e aprendizagem.

Logo no início do século XIX os resquícios religiosos renascentistas clássicos se encontravam em hostil e ativo confronto com uma nova visão de mundo que se dizia estar em condições de esclarecer a realidade. Essa nova proposta seria a visão científica (GILES, 1987). No entanto, a visão de mundo que até então detinha a hegemonia em todos os segmentos da sociedade estava baseada na religião e arrestava como caução presumíveis bases sólidas em que a sociedade como um todo podia alicerçar-se.

O pretexto para introduzir a iniciação dos estudos em Ciências no currículo escolar teve como principal pano de fundo as mais recentes necessidades originadas pela nova realidade imposta pela modernidade (GILES, 1987). Esse diálogo entre as novas tendências educacionais é acompanhado por Horace Lane com atenção e crítica. Para corroborar com esta ideia, em 1872 decide fazer o curso de medicina escolhendo a Universidade de Medicina do Missouri. Esta instituição era reconhecida por ter uma proposta inovadora em seu segmento. Os estudantes desenvolviam um intenso ritmo de trabalho em laboratórios, ou seja, era uma proposta de medicina prática e experimental que se destacava na época, Lane concluiu o curso em 1878.

²⁰ Igreja Católica, que na época era a religião oficial do Império.



Figura 3: Diploma de medicina de Horace Lane

Fonte: Arquivo particular de Fred Lane, bisneto de Horace Lane

No período pós-conclusão do curso, Horace Lane exerceu a medicina juntamente com atividades análogas e em comum acordo com o seu ofício na área clínica, ocupando alguns cargos em instituições relacionadas à saúde. Foi presidente da Sociedade Médica do Condado de Jasper de 1881-1882 e secretário da Sociedade Médica do Sudoeste do Missouri de 1883-1884. Também exerceu a função de redator-chefe do periódico de higiene popular *Health at Home* (MATOS, 2004).

Compreendido o cenário da vida e formação de Horace Lane, tanto no Império brasileiro como também nos Estados Unidos buscamos estabelecer a sua relação com as transformações educacionais no cenário das reformas da instrução pública paulista no limiar da Primeira República e sua atuação no campo educacional. O próximo item irá tratar deste assunto.

2.4 Horace Lane retorna ao Brasil

O cenário encontrado por Horace Lane ao retornar ao Brasil, na década de 1880, é o de uma acirrada campanha abolicionista conduzida pelo advogado e jornalista Joaquim Nabuco. Este contava com o apoio acurado dos ingleses e também de norte-americanos que por sua vez pressionavam o Estado brasileiro, que era constituído por representantes da oligarquia cafeeira das plagas fluminenses e do Vale do Paraíba, que procuravam retardar o processo de abolição.

Outro ponto que estava sendo discutido pelos republicanos, na Província de São Paulo, era a questão da instrução pública a ser implantada, tomando como modelo as escolas americanas de confissão protestante que se destacavam pelas instalações, qualidade de ensino e metodologia diferenciada (HILSDORF, 1986).

Esse modelo intencionava dar arrimo ao desenvolvimento que estava sendo alcançado no campo financeiro. Todavia, esse suporte traria acréscimos que iriam provocar rupturas também no universo político, religioso, social, etc. Assim, os republicanos paulistas aliados aos positivistas, abolicionistas, anticlericais e maçons buscavam profissionais da educação em sintonia com os desafios que se configuravam com esse novo cenário e que estivessem em condições de apresentar um novo olhar para as práticas, apropriações e representações dos saberes pedagógicos condizentes com o novo século que estava adentrando pelas portas do Estado bandeirante.

Nesse sentido, intelectuais inseridos na política tanto na capital como no interior do Estado de São Paulo, desde os tempos da Monarquia, como Prudente de Moraes e Rangel Pestana haviam percebido que os protestantes estavam desenvolvendo uma experiência no campo educacional com outros olhos e que se coadunava com as expectativas por eles absorvidas. Segundo Hilsdorf:

Embora de origem confessional, essas escolas eram frutos de uma religião que representava, para as elites, “ideias mais adiantadas”, pois era “ativa, enérgica, amiga da propaganda e do trabalho” (HILSDORF, 1977, p. 152).

Corroborando com esta ideia, Ramalho (1976) diz que:

Para a tradição do protestantismo americano, religião, democracia política, liberdade individual e responsabilidade são concebidas como parte de um todo, que está envolvido por uma inflexível fé na educação (RAMALHO, 1976, p. 70).

Portanto, segundo o ponto de vista do protestantismo, a educação ocupa elevado grau de visibilidade na sociedade, pois o progresso é obtido pelo sucesso alcançado no processo educacional. E essa valorização era percebida pelos republicanos paulistas por meio de vários referenciais pedagógicos, como os edifícios escolares com suas amplas instalações, projetadas com a especificidade de dar condições adequadas para o trabalho pedagógico. Importante notar que isso ocorria em um período em que a instrução pública paulista não possuía, na sua maioria, instalações próprias e apropriadas. Sobre isso, Hilsdorf (1977, p. 163) afirma que: “Os recursos materiais e docentes de que dispunham esses primeiros colégios protestantes americanos contrastavam flagrantemente com os dos colégios nacionais”.

Com relação aos anseios das lideranças paulistas, Hilsdorf diz que: “As escolas americanas de fé protestante também representariam a ponta de lança que abriria caminho para as atividades de renovação das mentalidades e das práticas dentro dos quadros pedagógicos, e, por extensão da sociedade brasileira” (HILSDORF, 1977, p. 152).

Do ponto de vista das instalações, as escolas protestantes estavam na vanguarda. O mobiliário em contraste com as escolas da rede oficial era adequado ao trabalho do estudante, por exemplo, “o Colégio Piracicabano antepunha uma completa e moderna aparelhagem que incluía luz, elétrica, campainha para chamadas, quadros negros, mapas, microscópios e outros instrumentos para o ensino de Química e Física no curso secundário” (HILSDORF, 1977, p. 164).

Além disso, os republicanos e as demais lideranças identificaram outro diferencial:

Quanto aos professores, a presença, desde o início das atividades escolares, de pessoal especializado para o magistério, credenciava os colégios protestantes americanos quanto à eficiência e seriedade de seu trabalho. As professoras eram missionárias diplomadas nos Estados Unidos e frequentemente com vários anos de experiência no magistério público e particular [...] (HILSDORF, 1977, p. 164).

Esses professores com formação no exterior e habilitados a representar e a desenvolver as práticas pedagógicas, as quais haviam se apropriado em acordo com as premissas propostas pela Pedagogia Moderna²¹ produzidas pelo protestantismo norte-americano, influenciaram a reforma da instrução pública paulista.

Outra questão que também merecia consideração por parte dos reformadores da escola popular era o método de ensino. Nesse período, o que estava em voga nas escolas clericais e estaduais era o método embasado na memorização, e isso muito desagradava as lideranças paulistas, pois eles queriam formar estudantes questionadores e senhores de si com disposição para sugerir novas alternativas para os problemas que o Estado enfrentava. Era perceptível aos republicanos e, em especial, para aqueles que já haviam trabalhado nas escolas conduzidas pelos protestantes norte-americanos que o método utilizado por estes propunha outro roteiro para o desenvolvimento do raciocínio. Este método era o intuitivo, que trabalhava com a observação pormenorizada, levando o estudante ao questionamento e a procurar as possíveis respostas para a elucidação do problema.

Sobre este assunto, Hilsdorf fala que:

Mais do que a sua aparelhagem moderna, foram os procedimentos metodológicos, os objetivos, as transformações curriculares seguidos por esses colégios que lhes permitiam oferecer um ensino atualizado e eficiente, bem ao encontro às reivindicações das vanguardas provinciais. Currículo seriado e diversificado, com inclusão de matérias científicas ou profissionalizantes ministradas em lições curtas, mas graduadas e integradas, fins estabelecidos segundo uma orientação prática e progressiva, emprego do “método intuitivo” entendido na época como a observação correta de objetos reais, uso de coleções de espécimes, etc., são aspectos desse ensino renovado a nortear as atividades do “Internacional, do “Piracicabano” e da “Escola Americana” (HILSDORF, 1977, p. 165).

²¹ Segundo Carvalho (1998), é a proposta pedagógica que circulou no final do século XIX e início do XX, que propunha que professor norteasse a sua prática por meio de um modelo.

Nota-se que o método intuitivo provocava no educando a necessidade de material pedagógico de outra natureza, pois a metodologia instigava o estudante a, por exemplo, visualizar mapas, ter acesso ao laboratório, à biblioteca.

Todo o trabalho pedagógico desenvolvido por essas escolas estavam embasados nos pressupostos da ideologia liberal, que tinha como ponto essencial o individualismo, propondo a responsabilidade individual por toda e qualquer decisão que ele tome, direito à liberdade de crença, de expressão e de consciência. O êxito é outro fator relevante, porém, com uma ressalva: somente por meio do trabalho. Assim, o êxito dos indivíduos permearia a sociedade como um todo e intercalado à democracia propunha uma forma de governo descentralizada, abrangente e sem opressão a nenhum grupo, seja ele étnico, religioso, de classe social ou gênero. Portanto, o progresso seria compreendido como processo contínuo (RAMALHO, 1976).

Essas são as principais características do pensamento educacional protestante herdado do Puritanismo e do Destino Manifesto que estavam presentes nas escolas americanas e que influenciaram a instrução pública paulista no final do século XIX e início do XX (MENDONÇA, 2008). Em razão desses traços, aumentou o número de alunos, principalmente da escola americana instalada na capital do Estado de São Paulo. Assim, o projeto iniciado, timidamente, passa a ser ampliado e ganha maiores proporções.

No final do ano de 1884, Horace Lane, segundo o alvitre do Reverendo Chamberlain, estaria apto para compor e dirigir a equipe agregando valor ao grupo de servidores daquela Instituição de Ensino, substituindo o diretor e fundador que era médico, professor e pastor (GARCEZ, 1970). Entre outras qualidades, Chamberlain percebeu que Lane poderia agrupar profissionais competentes, e assim, formaria uma equipe capacitada para o trabalho específico de reelaborar e criar condições para dar continuidade ao projeto educacional proposto (RAMALHO, 1976). Foi pensando nessas características que Chamberlain convidou Lane para assumir a direção da Escola Americana da cidade de São Paulo. A Figura 3, a seguir, mostra esse convite.



Figura 4a: Documento enviado por Chamberlain a Lane em 1884 – frente
Fonte: Arquivo particular de Fred Lane, bisneto de Horace Lane

S. Paulo, Brazil. S. A. Nov. 3. 84.
 My dear friend Was it
 an inspiration which brought
 your name suddenly to mind
 yesterday as I walked up to
 Consolação road from our church
 situated on what you probably think
 as Campos dos Curros, now I doubt
 I had not been thinking about it,
 nor had I had any conversation
 since Mr. Peabody told me a
 year or two ago of a visit to your
 sister in New York. I am in New York.
 Has God no work for you to do
 among these people whose language
 and customs are familiar to you
 and in this city where the youth of
 the land are gathered in study?
 Is the experience you acquired
 here in the days when you had
 not found rest not a special cap-
 ital with which to do business
 for the Lord who redeemed you?
 I am solicited to enlarge our school
 work which counts some 150 boys & girls
 in daily attendance, by opening a boarding
 department for boys under the same
 auspices of an open Bible under which
 our day school has been since '82. Can
 you do such a work? L. C. Chamberlain

Figura 4b: Documento enviado por Chamberlain a Lane em 1884 – verso
Fonte: Arquivo particular de Fred Lane, bisneto de Horace Lane

Em função da condição atual do documento preferimos a tradução de fragmentos
 do texto realizada por Boanerges (1987, página 27 e 28) O reverendo Chamberlain, no

mês de novembro de 1884 através do cartão acima saúda e convida ao médico e velho amigo Horace Lane para assumir a direção da Escola Americana na cidade de São Paulo, diz ter lembrado o seu nome enquanto subia a rua da Consolação saindo da igreja presbiteriana a qual estava localizada próxima ao Campo dos Curros, atual Praça da República. Faz o convite apelando ao antigo alento de reformador social que sabia ainda existir em Lane e o provoca a aceitar o convite propondo as seguintes indagações: “Será que Deus não tem trabalho para você, entre esta gente cuja língua e costumes lhe são familiares, nesta cidade a qual afluí à mocidade do país para estudar? [...] Será que sua experiência aqui, nos dias em que não havia ainda encontrado descanso, não é um capital com que poderá negociar para o Senhor que o redimiu? [...] Insistem comigo na ampliação da Escola, hoje regularmente frequentada por perto de 150 meninos e meninas: querem internato para meninos, sempre com a Bíblia aberta na escola desde 1872. [...] Será que você está pronto para um trabalho desse tipo?”

O professor João Lourenço Rodrigues, ex-normalista²², ao apresentar palestra aos professores da Escola Normal, na cidade de Piracicaba, relatou que havia encontrado um livro com marcas de leitura na biblioteca escola que houvera pertencido ao ex-presidente da República Prudente de Moraes. O livro era de autoria do educador francês Hipeau, que fora traduzido e publicado em 1874 cujo título era *A Instrução nos Estados Unidos*. Vejamos as palavras de Lourenço Rodrigues:

Ao ler os trechos assignalados, eu comprehendí bem os motivos por que o dr. Prudente de Moraes, mal tinha galgado as escadarias do palácio presidencial, decretou a reforma da escola modelo, medidas essas de um vasto alcance para a radical regeneração do nosso systema tradicional de ensino (ANUÁRIO DO ENSINO DE SÃO PAULO, 1909-1910, p. 203).

Tanto Rangel Pestana quanto Prudente de Moraes previam que a escola a ser instalada no regime republicano teria de ter as características e a essência das escolas norte-americanas de confissão protestante. Segundo o ponto de vista de ambos, o fator primordial seria o apropriar-se das práticas e representações do método intuitivo²³.

A partir de 1885 Horace Lane assume posições na hierarquia da Instituição Presbiteriana²⁴. Em 26 de agosto de 1885 passa a fazer parte do corpo e da

²² Normalista da turma de 1890. Exerceu o cargo de professor primário e complementar, diretor de escola, inspetor escolar, inspetor geral do ensino, iniciador da publicação do impresso *Anuário de Ensino* e autor da obra memorialística *Um Retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino em São Paulo* (D’AVILLA, 1930).

²³ Método intuitivo que consiste em levar o educando a perceber por si próprio, intuitivamente, o conteúdo a ser aprendido. Seus maiores divulgadores foram Pestalozzi e Froebel.

²⁴ Importante esclarecer que até então não era presbiteriano.

força tarefa de missionários na Província de São Paulo quando é batizado²⁵ pelo reverendo Alexander L. Blackford (RIBEIRO, 1987).

Posteriormente, Horace vai assumindo a liderança do trabalho educacional realizado pela Igreja Presbiteriana no Brasil. Primeiro, foi nomeado como superintendente de todo o trabalho educacional sob os cuidados da *Brazil Mission* em território nacional pertencentes à Igreja Presbiteriana do Norte, em 1889. No mesmo ano foi organizada a primeira administração do *Protestant College*, tornando-se, mais tarde no *Mackenzie College*, o que correspondia ao curso superior no Brasil. Lane foi eleito para ocupar o cargo de presidente dessa Instituição, permanecendo por mais de 20 anos, até 1912, ano de sua morte. Os planos escolares elaborados por Horace Lane passaram a ocupar cada vez mais espaço ao longo dos anos na agenda da Igreja Presbiteriana. Em consequência disso, passa a necessitar de mais recursos financeiros²⁶ para executá-los.

Durante os anos em que o Horace Lane esteve à frente de instituições educacionais ou atuando como consultor, sua proposta era a de viabilizar a admissão na sociedade paulista do projeto educacional norte-americano. Essa proposta compreendia todos os níveis, desde o Jardim da Infância até a Universidade (RIBEIRO, 1987). Nesse sentido,

O Colégio Internacional e a Escola Americana introduziram um elemento novo no relacionamento do nascente protestantismo com as inquietas lideranças de São Paulo; nessa linha, seguiram-nos o Piracicabano, a escola de Lavras, o Granberry, e século XX a dentro, Colégios Batistas, Adventistas e dezenas de outros, de todos os grupos evangélicos (RIBEIRO, 1987, p. 64).

O *Board of Trustees* de Nova Iorque via com bons olhos a proposta de trabalho desenvolvida sob o ponto de vista da Nova Escola²⁷. O pioneiro Chamberlain, Nasch Morton do Colégio Internacional de Campinas e Horace Lane da Escola Americana compartilhavam desse ponto de vista, pois buscavam formar por meio das escolas as novas lideranças da Província de São Paulo (HILSDORF, 1986). A união desses ideais dos principais agentes da educação protestante no Brasil foi nomeada

²⁵ Lane havia sido instruído acerca dos princípios bíblicos na visão protestante, mas não era filiado a nenhuma denominação (RIBEIRO, 1987).

²⁶ Os recursos necessários para a implantação das propostas educacionais consumiam grande parte do que era enviado pela Board, criando indisposição entre os pastores nacionais e Horace Lane.

²⁷ Levando em conta a proposta protestante de evangelização, a Nova Escola tinha como vertente a postura de usar meios indiretos para a evangelização, como livros, revistas, mas de maneira especial a escola. A Velha Escola considerava o evangelismo de maneira ortodoxa, aqueles que trabalhavam na evangelização tinham como objetivo a conversão de almas diretamente. Disponível em: <www.mackenzie.br/6925html>. Acesso em: 20 jul. 2011.

como “Visão Gloriosa”, que por sua vez acreditava na escola como principal agente para transformação social, política e econômica; muito bem acatada pela fatia republicana da sociedade, entre eles Rangel Pestana que declara:

Desde que os desgostos da vida pública começaram, denuviaram meu coração, eu volvi as vistas para a escola, como o ponto donde deve sair a geração capaz de salvar a Pátria dos males que já estão lhe amesquinando os feitos. Penso desassombrado no futuro da Província de São Paulo todas as vezes que assisto a uma festa no Colégio Internacional de Campinas. Parece que minha alma rasga para si novos horizontes e que dali, eu meço o porte respeitado dos homens que hão de suceder os enfezados políticos do presente [...]. Nessa casa de educação já se estão formando moços que se aproximam do tipo dos estudantes norte-americanos, altivos e delicados e enérgicos e respeitadores das leis sociais (PESTANA²⁸ *apud* HILSDORF, 1986, p. 197).

Além do apoio financeiro mantido pelo *Board of Trustees* de Nova Iorque, Chamberlain saiu em viagem à procura de possíveis doadores nos Estados Unidos para investir na infraestrutura da futura faculdade protestante de São Paulo. Enquanto isso, Horace Lane interagiu com os políticos republicanos apresentando a Escola Americana como provável modelo para implantar a reforma na instrução pública paulista (RIBEIRO, 1987).

A política educacional do *Board of Trustees*, implantada no Brasil, tinha como inspiração basilar o espírito do nacionalismo *yanke* e buscava angariar o apoio dos meios progressistas e de maior destaque no Brasil para a efetivação dos seus projetos. Não se importando com as críticas apresentadas pelos pastores brasileiros com relação aos aspectos talvez frouxos do ponto de vista religioso, entretanto valorizava o aspecto da reforma social a ser alcançado pelo trabalho desenvolvido. Nesse sentido é que elegeu como seu representante, na Província de São Paulo, Horace Lane (LÉONARD, 1951, p. 52).

O *Board of Trustees* em Nova Iorque definiu que a Escola Americana seria objeto de prioridade para os trabalhos a serem desenvolvidos na Província de São Paulo e descartou toda e qualquer possibilidade de atender aos pedidos dos pastores nacionais que solicitavam recursos para as igrejas (RIBEIRO, 1987). O *Board of Trustees* incumbiu a Horace Lane imprimir orientação mais objetiva para as escolas que estavam sob sua responsabilidade, direcionando-as para a formação técnica-profissional no intuito de atenderem a nova realidade brasileira (RAMALHO, 1976).

²⁸ PSP 29.6.1876 Instr.Públ., ass. R.Pestana.

Um panfleto denominado *Protestant College for Brazil*, por volta do ano de 1889, traz algumas colocações de Horace Lane a respeito da expectativa do impacto da atuação de uma Faculdade Protestante em São Paulo sobre a população.

A ideia de um colégio Protestante perfeitamente equipado, organizado por americanos que estimam o Brasil, é recebida com entusiasmo por muitos homens influentes; na verdade, por todos com quem tenho conversado. Seja o Colégio organizado em plano sadio e prático; obtenha fundamentos de sólidas dotações, e ele remodelará a nação (brasileira) em uma geração (LANE²⁹ *apud* RIBEIRO, 1987, p. 290).

Outra preleção de Horace Lane encontrada no mesmo panfleto foi a seguinte: “a oportunidade de fixar padrão educacional da Nova República está sendo agora oferecida a Igreja Presbiteriana da América do Norte” (LANE³⁰ *apud* RIBEIRO, 1987, p. 291).

Até então, era Chamberlain o responsável por essas instituições e ele solicitava aos seus superiores que lhe permitissem atuar apenas na área evangelística, no que foi atendido em 1887. Horace Lane prestava relatórios do trabalho desenvolvido pela Instituição de Ensino que estava sob sua liderança tanto para a Missão no Brasil quanto ao *Board*. Entretanto, somente em 1895 é que Lane passa a responder diretamente ao *Board of Trustees* de Nova Iorque como responsável pelo *Protestant College for Brazil*.

De agora em diante, Horace Lane vai lentamente, assumir a liderança do trabalho educacional da Missão e a liderança da própria Missão. Seus planos escolares ocuparão, nos próximos anos, mais páginas de Atas que os relatórios e planos evangelísticos de todos os outros missionários: sua personalidade se voltará inflexivelmente para a introdução, na sociedade brasileira, da filosofia educacional, métodos, organização e escopo da escola norte-americana em todos os níveis, do Jardim da Infância à Universidade. (RIBEIRO, 1987, p. 53).

É nesse período que Lane abre espaço maior de atuação, passando a responder diretamente ao *Board of Trustees*, no Estado de São Paulo, facilitando a execução do seu projeto educacional.

²⁹ Horace Lane (Panfleto), 1889.

³⁰ Horace Lane (Panfleto), 1889.

2.5 A Reforma Caetano de Campos

Quando o Governo Provisório de Marechal Deodoro da Fonseca assume o país iniciam-se as reformas sociais necessárias diante do novo cenário. Reformas essas que haviam sido consideradas e exaustivamente debatidas entre os acadêmicos da Faculdade de Direito, fazendeiros, jornalistas como Rangel Pestana, políticos como Tavares Bastos, profissionais liberais e até mesmo imigrantes como James Fletcher. Em dezembro de 1889 é anunciado um pacote de reformas sociais de grande importância para o momento político. Dentre elas destacamos a separação entre Igreja e o Estado, extinção do padroado, liberdade de culto para todas as religiões, instituição do registro civil, secularização dos cemitérios, casamento civil, a grande naturalização, dando vazão aos propósitos de cunho liberal. Foi uma vitória que teve também a participação de missionários protestantes, reformadores políticos e sociais (RIBEIRO, 1987).

A comissão permanente do PRP (Partido Republicano Paulista) em 16 de novembro de 1889 elege uma Junta Governativa a fim de comandar o Estado de São Paulo. Esta Junta constitui o Governo Provisório do Estado formado por Prudente de Moraes Barros, Joaquim de Souza Mursa e Francisco Rangel Pestana: “A 14 de dezembro de 1889, a Junta era dissolvida. Assumiu as funções de Governador do Estado, Prudente José de Moraes Barros.” (REIS FILHO, 1995, p. 24).

O primeiro governador do Estado de São Paulo, Prudente de Moraes, tinha Rangel Pestana como o seu conselheiro e mentor em assuntos educacionais e primava por isso. O governo constituído elegeu o ator social que ficaria adjudicado para a elaboração e redação da nova proposta de reforma para a instrução pública no Estado de São Paulo de acordo com os pressupostos que já vinham sendo debatidos há algum tempo na cúpula do PRP. Rangel Pestana em função da sua atuação enquanto deputado provincial e membro das comissões especiais para assuntos relacionados à instrução pública da Província bandeirante no período de 1880 a 1887, já vinha a algum tempo se dirigindo aos profissionais liberais, educadores, advogados, engenheiros, comerciantes de pequeno, médio e grande porte incluindo os políticos e a classe hegemônica dos fazendeiros-empresários por meio de artigos editados para o diário *A Província de São Paulo* (HILSDORF, 1986).

Além disso, proferindo alocações da tribuna da Assembleia Provincial, onde ele procurava provocar disposição na classe política e ao mesmo tempo tinha

pretensões com a sociedade civil sugerindo a possibilidade de suscitar um amplo debate entre ambas em torno da probabilidade de se pensar em um novo olhar voltado para o campo educacional (RODRIGUES, 1930).

[...] Rangel Pestana não apenas pregou e escreveu sobre ensino na imprensa, divulgando e difundindo ideias, educando enquanto jornalista, como também atuou diretamente, criando, dirigindo, lecionando e colaborando em escolas de modo regular e sistemático, ao longo das décadas de 70 e 80. Concretizava assim, de modo exemplar, a diretriz do pensamento liberal da crença no poder do ensino como elemento transformador da sociedade e, ao mesmo tempo, a orientação específica do partido republicano de desenvolvimento da linha reformista de ação mediante a propagação da instrução popular. “Ao futuro pela escola” seria o mote articulador mais geral proclamado pelas lideranças democráticas, liberais e republicanas atuantes em São Paulo naquele período, mesmo considerando-se os variados matizes ideológicos que elas assumiram (HILSDORF, 1986, p. 171).

É compreensível que mesmo estando distante no tempo e dos acontecimentos daquele período e não tendo condição de propor interpretações de caráter absoluto, podemos perceber a presença de alguns vestígios de que naquele momento em que ocupou a cadeira de deputado provincial, Rangel Pestana buscasse apresentar à comunidade paulista a necessidade de se executar um programa de formação profissional para o docente das primeiras letras que fosse coerente com as necessidades que surgiam de maneira avassaladora no final do século XIX e que deveriam ser implantadas e sustentadas pelo viés educacional. Isso sugeria, portanto, outro olhar para a formação do profissional de ensino que ocupava o nível elementar (HILSDORF, 1986).

A proposta pedagógica que estava sendo instituída na instrução pública e que havia seduzido a todos aqueles que já tinham nutrido algum tipo de contato com ela, era aquela embasada nos pilares do método intuitivo que tinha como progenitores, educadores como Pestalozzi, Froebel. O método em questão largamente experimentado nas escolas públicas da América do Norte estava estabelecido em pilares como o ato da observação pormenorizada, do experimento prático, e da indução. Práticas essas que sugeriam desenvolver no aprendiz as devidas condições cognitivas e motoras, competência para desenvolver a autonomia de pensamento e, conseqüentemente, habilitá-lo para o debate com os mestres e pares.

Os professores que foram forjados pela arcaica escola imperial, no entender de Rangel Pestana, não estavam habilitados para o enfrentamento dessa nova

empreitada de criar um estado sustentável por meio da formação e do preparo de sua gente (REIS FILHO, 1995).

No panorama que até então se apresentava, acreditava-se que a única forma de transpor o regime político e econômico arcaico em que o país se encontrava era a educação significativa, que proporcionasse aos alunos a possibilidade de não apenas terem domínio do conhecimento, mas que atendessem à demanda das necessidades que se apresentavam diante da sociedade, sendo uma delas a manutenção da República (REIS FILHO, 1995). Por essa razão, havia a necessidade de se estabelecer uma nova proposta educacional, pois a República só poderia ser implantada, estabelecida, expandida e produzindo os devidos frutos, se fosse conduzida sob a responsabilidade de homens livres, letrados e capazes de elaborar as suas próprias leis, elegerem os seus representantes de maneira democrática e que fossem educados para que em momentos de crise recorressem às urnas e não as armas, como sugerira Horace Mann (COTRIM, 1997).

Vale ressaltar que o Grêmio do Professorado Paulista se pronunciou para com a comunidade bandeirante, primeiro, por meio de artigo assinado por Artur Breves no periódico *A Província de São Paulo*, em outubro de 1889, portanto, pouco antes da proclamação da República. Isso sugere uma proposta alternativa de reforma em contrapartida ao projeto em execução da instrução pública, segundo a perspectiva do Império na Província. Logo após a República ser aclamada, o Grêmio volta a se pronunciar, mais uma vez para tratar do mesmo tema no dia 23 de novembro de 1889 enviando ao governo constituído outra equivalente alternativa de reforma, visando cooperar, nesse novo contexto, com a instrução pública e agora republicana do Estado de São Paulo (REIS FILHO, 1995).

No dia 12 de março de 1890 foi aprovado o decreto de nº 27 pelo Governador do Estado de São Paulo, Prudente de Moraes Barros (REIS FILHO, 1995). O preceito que entrava em vigor naquela data tinha como propósito o de regulamentar a instrução pública dentro dos moldes pensados pelo Partido Republicano Paulista (SANTOS, 2009). A reforma que estava sendo executada vinha em cumprimento de um antigo sonho liberal em pauta desde 1823, em que já era proposto que a educação deveria ser um dever do Estado, sonho este que desde tempos remotos a Província de São Paulo alimentava, pressupondo que teria espaço no cenário nacional cada vez mais importante (HILSDORF, 1977).

Segundo Mesquida (1994), as contribuições de Prudente de Moraes e de Rangel Pestana com relação ao decreto de 12 de março de 1890 foram relevantes e pontua a atuação de Rangel Pestana, pois “Foi ele quem deu o caráter oficial necessário à operacionalização da legislação. Rangel Pestana foi o ‘guia’, o ‘conselheiro’ e o arquiteto do decreto” (MESQUIDA, 1994, p. 170). Rangel Pestana era defensor assíduo da atuação da liberdade de ensino, ou seja, que a iniciativa privada tivesse amplas oportunidades para abrir e gerir escolas participando e cooperando com a formação da juventude, mas que isso não deveria inibir o Estado de realizar profícuos investimentos e dessa maneira providenciar escolas para o povo.

A primeira e talvez a maior das preocupações dos idealizadores da reforma na instrução pública paulista era estabelecer de maneira consistente a instrução primária como prioridade para o Estado de São Paulo, que à época tinha 67% da população analfabeta (HILSDORF, 1986). Nessas condições, considerava-se o professor como sendo a peça-chave do processo que estava em andamento, e que, portanto, precisava receber formação suficiente e coerente com a responsabilidade que recaía sobre ele dentro da perspectiva dessa reforma. Nesse contexto, entendia-se que o professor deveria seguir uma proposta metodológica e os seus conhecimentos deveriam ter embasamento teórico e de cunho científico (DEWEY, 2002).

As contratações para a instrução pública, segundo o parecer de Rangel Pestana, não deveriam mais ter o caráter de apadrinhamento, filiação partidária ou de bajulação como acontecia de maneira costumeira no período Imperial, mas com o regime republicano seria por competência e mérito. Portanto, seria contratado, dentro do possível, apenas o profissional que estivesse em condições de preencher e cumprir com os requisitos solicitados para a função específica a ser desempenhada e teria ainda que demonstrar o seu nível de conhecimento e capacidade técnica por meio da realização de concursos (SOUZA, 1998).

A primeira reforma no programa da instrução pública paulista aconteceu por meio do decreto nº 27 em 12 de março de 1890 com a reforma específica da Escola Normal e a criação, em especial, da Escola Modelo funcionando de forma anexa no intuito de trabalhar a prática do ensino com os formandos.

Segundo Vieira (1993), Prudente de Moraes tinha um nome para indicar na composição do corpo de profissionais para atuarem na execução do projeto de reforma. Essa educadora seria a curadora do Colégio Piracicabano, estabelecimento de ensino que era uma das escolas inovadoras em relação à produção de conhecimento do

Estado de São Paulo. Este nome era o da professora Marta Watts, de origem norte-americana, por quem Prudente de Moraes tinha grande admiração devido à competência demonstrada na condução dos trabalhos educacionais. Prudente de Moraes foi um dos principais responsáveis por essa Instituição de Ensino ser instalada na cidade de Piracicaba. Rangel Pestana também havia participado indiretamente da escola por meio da assessoria na imprensa.

Marta Watts recusa o convite para assumir a Escola Modelo em função dos compromissos avocados com a Igreja Metodista do Sul, *Woman's Missionary Society of the Methodist Episcopal Church, South*, pois a sua condição era de missionária de tempo integral e com funções preestabelecidas pelo mesmo órgão (VIEIRA, 1993).

A primeira alcunha na agenda de Rangel Pestana para ocupar o posto de diretor da Escola Normal, inclusive abalizado pela envergadura demonstrada na realização de vários trabalhos até então já realizados, encabeçando a lista dos possíveis nomes era o carioca, autor de livros didáticos, professor, advogado e amigo, João Köpke (RODRIGUES, 1930).

Enfim, o nome com o qual o Rangel Pestana trabalhou com esmero determinado e com disposição de importância e de caráter cívico, segundo Rodrigues (1930), foi com o Dr. Antonio Caetano de Campos, médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e companheiro nas lidas do magistério tanto no Colégio Pestana como na Escola Neutralidade. Caetano de Campos, mesmo atarefado com os seus compromissos na azáfama da medicina e estar com a saúde debilitada, ainda assim aceitou o especial convite de Rangel Pestana. Este, por sua vez, vinha endossado pelo governador para participar do projeto histórico de iniciar a reforma da instrução pública na capital paulista começando pela reorganização do curso de formação de professores. Assim, assumiu a direção da Escola Normal na capital paulista em 13 de janeiro de 1890 (MERCADO, 1996).

Caetano de Campos avocou a administração da Escola Normal em 30 de março de 1890. Pronunciou-se para a comunidade paulista por meio de um artigo, apresentando o seu pensamento pedagógico editado nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*.

A chave de toda evolução escolar, como o concebe o decreto de 12 de março, repousa sobre a prática que devem ter os alunos mestres na escola-modelo, mais do que sobre a ampliação do curso superior, com a criação de novas

cadeiras. [...] (CAETANO DE CAMPOS³¹ *apud* REIS FILHO, 1995, p. 48-49).

Nesse artigo, ele apresentava as considerações que estariam permeando o funcionamento da Escola Normal e seu Plano de Ensino, que seria o primeiro trabalho a ser realizado dentro de um contexto mais amplo, profundo o qual visava alcançar toda a instrução pública distribuída. O programa de ensino da instituição foi alterado e o número de disciplinas teve acréscimo dando ao curso outro contorno, passando a adquirir um perfil mais científico. Dessa maneira, acreditavam que a educação criaria condições para o avanço da sociedade em todos os seus segmentos fundamentada nos pressupostos do Liberalismo³² e do Positivismo³³, tendo como principal veículo de legalidade o regime republicano.

Caetano de Campos assumiu simultaneamente a direção da Escola Normal e a cadeira de Biologia, pois a sua formação na área médica lhe deixava à vontade para realizar as suas preleções e explicações no que concerne à origem da vida, inclusive apresentava com simpatia e desempenho o pensamento do filósofo naturalista Charles Darwin aos estudantes. Isso era algo inusitado para uma escola que até recentemente não admitiria tal concessão (RODRIGUES, 1930).

A Escola Normal estava no centro das atenções do novo governo e também da população que acompanhava os trâmites por meio dos jornais, pois nela seria aplicado o plano piloto, ou seja, o projeto a ser implantado em todas as unidades escolares que seriam construídas e constituídas. A expectativa em torno dos resultados dessa prática, até então não utilizada pelos docentes na preparação dos normalistas provocava certa euforia sugerindo um novo contexto com espaço para discussão entre mestres, alunos e comunidade.

2.5.1 A participação de Horace Lane na Reforma Caetano de Campos

[...] o Dr. Lane era uma figura bastante conhecida e apreciada nos círculos americanos da Província pelas múltiplas atividades de negociante, médico e professor que desempenhava sempre com eficiência e liderança: e sendo liberal, republicano e maçom, Horace Lane tinha também, certamente, o apoio das vanguardas paulistas da época. Sob sua direção a educação religiosa ministrada pela “Escola Americana” tornou-se menos ortodoxa, mas

³¹ CAETANO DE CAMPOS, A. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 30 mar. 1890.

³² Conjunto de teorias que tem como pressupostos a defesa da liberdade individual, política, econômica, religiosa e do progresso. Ganhou expressão com John Lock (1632-1704) e Adam Smith (1723-1790).

³³ Teoria criada pelo francês Auguste Comte (1798-1857), que propõe à existência somente valores humanos, afastando fortemente a teologia e a metafísica.

seu tirocínio de administrador consolidou a posição do colégio como um centro educacional dos mais avançados da Província de São Paulo (HILSDORF, 1986, p. 167).

A Escola Americana nesse período passa a ganhar destaque, pois o trabalho realizado na área pedagógica era até então singular na capital. Em se tratando de espaço físico também ganhava visibilidade, pois as salas de aulas bem equipadas e os materiais didáticos utilizados na aplicação das atividades junto aos alunos, igualmente não se conheciam na instrução pública até então. A escola que Lane dirigia era única no gênero. Instalada na capital paulista, serviu como ponto de observação, ou seja, de aprendizado para os reformadores republicanos (RODRIGUES, 1930).

Em 1887, o diretor da Escola Americana apresentou à Secretaria do Interior um relatório em que foram apresentados, de maneira sucinta, aspectos da escola como suas instalações, seu corpo docente e discente, bem como o programa de ensino ali desenvolvido. Existe a possibilidade que esse relatório tenha dado ainda maior visibilidade ao diretor da Escola Americana perante os reformadores da instrução pública paulista. A seguir, apresentamos a capa deste relatório.

1887
 29 de Setembro de 1887
 1887
 Illmo. Sr.
 Capital
 Cumprimento do Art. 205 do Reg.
 de 22 de Agosto de annos corrente, tenho
 a honra de passar ás mãos de V. S.
 o Relatório, em resumo, da Escola
 Americana que funciona nesta cidade.
 Na falta do mappa mencionado
 em parágrafo 4º do citado artigo não
 tenho modelo para organizar o trabalho
 de modo que corresponda ao que deseja a
 repartição de que V. S. é meu digno Director.
 Promptifico-me, porém, a prestar
 qualquer outra informação que
 V. S. sirva a origin.
 Desse Guarde a V. S.
 largos annos.
 Illmo. Sr. Dr. Director
 da Instrução Publica
 S. Paulo 29 de Setembro de 1887
 Noracelly Fene, mestre.

Figura 5: Capa do relatório da Escola Americana de 1887 à Secretaria do Interior da Província de São Paulo, por Horace Lane
Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo, ordem 4917, lata 5. Instrução Pública. Ensino Particular (1850-1903)

O fato é que as escolas americanas de confissão protestante, naquele período, se apresentavam como escolas de fronteira pelo

[...] cuidadoso aparato pedagógico que exibiam, em termos de equipamentos, instalações, professores e procedimentos didáticos, ofereciam a possibilidade de uma formação acadêmica muito mais eficaz que a proporcionada pelos colégios nacionais, seja como preparatórios para o ingresso para os cursos superiores, seja pela formação imediata para a vida (HILSDORF, 1977, p. 156).

Por isso, “O Governo de São Paulo, em 1890 em virtude dos resultados alcançados pela Escola Americana, toma-a como padrão de ensino primário e normal para as escolas públicas estaduais” (RAMALHO, 1976, p. 85). Segundo Abreu (2003), a Escola Americana de São Paulo tornara-se modelar para a instrução pública paulista e também para as demais escolas presbiterianas.

Rangel Pestana e Prudente de Moraes já tinham em comum acordo o modelo de escola que dentro do pensamento republicano que pretendiam implantar em plagas paulistas, mas de acordo com a legislação, faltavam os profissionais, as acomodações e o material didático, além do mobiliário adequado (HILSDORF, 1977).

Em carta de 20 de março em 1890, enviada a Rangel Pestana, que mais tarde foi publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em 14 de janeiro de 1916, Caetano de Campos menciona o auxílio que recebeu de Horace Lane a fim de encontrar pessoal qualificado para dar início aos trabalhos da Escola Modelo.

Depois de uma luta que talvez lhe possa contar um dia, descobri por intermédio de Dr. Lane, da Escola Americana – a quem ficarei eternamente grato, pelo muito que se tem interessado pelo êxito da nossa reforma – uma mulher que mora aí no Rio, adoentada, desconhecida, e que esteve quatro anos estudando nos Estados Unidos. É uma professora, diz o Lane, como não há segunda no Brasil e como não há melhor na América do Norte. Estudou lá, sabe todos os segredos do método, escreve compêndios, sabe grego, latim, em suma é a *avis-rara* que eu buscava. Escrevi-lhe. Mostrou-se boa alma, com grande família a sustentar e não podendo vir para cá senão com 500\$000 mensais. No mais, muito entusiasmada pela reforma. Consegui do Prudente o contrato. Aqui começa o Prudente a brilhar. Confesso que estou cativo dele. Como vê, não é sem razão. A mulher do Rio (D. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade) vem, pois, reger a aula de meninas da escola-modelo. [...] Faltava-me, porém, um homem para os meninos, e isto é que é absolutamente impossível. Na luta e peripécias inacreditáveis para mim. Achei, por fim, não um homem, mas uma mulher-homem. Eis sua fé de ofício: Miss Browne, 45 anos, solteira, sem parentes nem aderentes, sem medo dos homens, falando ainda mal o português, ex-diretora de uma Escola Normal de senhoras em Saint Louis (Massachusetts) [...] e, finalmente trabalhando como dois homens, diz ela, quando o ensino o necessita. Tinha vindo para São Paulo, tratada pela Escola Americana, que me cede cinco dias por semana, para ajudar-me a realizar a reforma, que ficaria impossível sem ela (CAETANO DE CAMPOS³⁴ *apud* REIS FILHO, 1995, p. 57).

³⁴ CAETANO DE CAMPOS, A. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1890.

Nesse fragmento pode ser notado a importância de duas professoras que colaboraram na reforma da instrução pública paulista: *Miss Browne* e *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade*. O próximo item tratará, com mais detalhes, da importância dessas duas professoras.

2.5.2 As professoras Márcia Browne e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade

As reformas no campo educacional trouxeram um período de verdadeira ebulição na capital paulista. Caetano de Campos, então diretor da Escola Normal, encontrou o apoio necessário no curador da Escola Americana que lhe indicou as duas professoras especialistas no ensino intuitivo para dirigirem as Escolas Modelos. Com respeito às duas professoras, o professor José Feliciano de Oliveira nos retrata o perfil de cada uma em uma breve apresentação:

D. Maria Loureiro, amável, bem falante, delicada e senhora de si, era autora de livros bem feitos. Sua pequena História do Brasil há esse tempo, era um modelo de ordem, de methodo expositivo, com um aspecto attrahente, artístico. No tempo não havia cousa melhor. *Miss Browne* era sua antípoda, embora no fundo boa e direita, muito disciplinadora. Mas não falava bem [...]. Não se conciliaram e não podiam se conciliar as duas diretoras [...] (OLIVEIRA, 1932, p. 13)

Ambas gozavam de excelente conceito entre os norte-americanos instalados em Higienópolis. Maria Guilhermina, brasileira natural do Estado de Minas Gerais, havia aceitado o protestantismo entre os anos de 1860 e 1870. Muda-se para os Estados Unidos, especificamente para o Estado de Nova Iorque, com o objetivo de especializar-se na área educacional. Em razão de sua formação profissional no exterior e autora de livros didáticos, ganha visibilidade entre os educadores.

Maria Guilhermina assinou contrato com o governo do Estado de São Paulo em abril de 1890, comprometendo-se a ocupar o cargo de professora-diretora da Escola Modelo do sexo feminino pelo período de três anos, “envidando todos os esforços para implantar em suas discípulas os bons moldes do ensino intuitivo,

conforme ensinado nos Estados Unidos” (AESP-ORDEM, 1135, fls. 6v-7r³⁵ *apud* CHAMON, 2008, p. 287).

Depois desse prazo, segundo o contrato, o governo criaria um jardim da infância, também anexo à Escola Normal, o qual ficaria sob sua direção em caráter vitalício. No entanto, o contrato precisou ser suspenso, o diretor da Escola Normal alegou ao Governador do Estado que a justificativa seria a pouca saúde da educadora, “Mas, os atritos entre Maria Guilhermina e Márcia Browne poderiam estar relacionados a diferentes apropriações e entre elas a possibilidade no que diz respeito aos métodos desenvolvidos por Froebel e Pestalozzi” (CHAMON, 2008).

[...] o movimento froebeliano nos Estados Unidos sofreu uma divisão, uma linha com base numa apropriação rígida e espiritualizada, e a outra com base mais flexível e laica. Guilhermina dialogou e se formou com a corrente mais ortodoxa e fiel aos princípios de Froebel, sendo esse, possivelmente, um dos pontos de atrito entre as duas diretoras. [...] Nesse sentido, se houve uma escolha por parte de Caetano de Campos entre as duas educadoras, esse provavelmente foi o motivo. Interessava os métodos pedagógicos e os valores da cultura norte-americana, trazidos pelos protestantes, [...]. (CHAMON, 2008, p. 291).

Márcia Browne era norte-americana com ampla experiência no magistério, trabalhava na escola Americana com Horace Lane. Indicada por ele para atuar na reforma paulista, com a notoriedade de ser uma das educadoras mais competentes dentro e fora do Brasil. Com o seu estilo de “mulher-homem” esteve à frente da buliçosa e inteligente criançada paulista de 1890 a 1896. Permaneceu de forma decidida na instrução pública paulista de onde orientou, advertiu e dirigiu três das escolas modelos instaladas na capital: Escola Modelo do Carmo, Escola Modelo da Praça e Escola Modelo da Luz. Por fim, retornou aos Estados Unidos em 1896 (D’ÁVILA, 1946).

2.5.3 Outras contribuições de Horace Lane

Os profissionais qualificados para iniciar a nova proposta com a graduação necessária e concluída no exterior foram deparados e contratados. Os alunos formandos do curso oferecido pela Escola Normal estariam a partir da reforma assistindo as aulas de embasamento teórico na Escola Normal e seguindo um programa

³⁵ AESP-ORDEM, 1135, fls. 6v-7r.

de estágio prático na Escola Modelo. Num primeiro momento como observadores dos trabalhos realizados pelas professoras e, posteriormente, seguindo o plano de trabalho delineado por elas em situações de regência de classe. Eles seriam avaliados por meio da baliza e dos procedimentos metodológicos aplicados pela Escola Modelo sob a orientação fiscalizadora da professor(a) – diretor(a) de cada segmento. Assim, a Escola Modelo passa a ser o centro das reformas idealizadas. Este processo demandaria ajustes para o funcionamento prático das mais variadas facetas: pedagógicas, políticos, financeiros, infraestrutura, entre outros assuntos da rotina da escola.

Prudente de Moraes, governador, assinou um decreto adicionando uma observação em que deixava a possibilidade de, caso houvesse necessidade, o Estado teria autonomia de contratar para a prestação de serviços em instituição pública, estrangeiros que por ventura estivessem capacitados.

Miss Márcia Browne e mais quatro professoras, além do Dr. Horácio Lane, são nomeados para o serviço público do Estado de São Paulo por lei especial, para orientar o seu ensino primário e normal, sendo o Dr. Lane considerado Consultor educacional do Governo. É o modelo da escola Americana que dá origem ao conhecido “Grupo escolar” (AZEVEDO³⁶ apud RAMALHO, 1976, p. 87).

Assim, Caetano de Campos encontra os profissionais ideais para ocuparem os cargos, mesmo não atendendo às expectativas de gênero, ou seja, embora não sendo encontrado o diretor para os meninos. Os profissionais qualificados para iniciar a nova proposta com a graduação necessária e concluída no exterior foram deparados e contratados.

A professora de Pedagogia, Miss Márcia P. Browne, e quatro das moças preparadas por ela e pelo Dr. Lane passaram ao serviço do Estado [...] (STEWART, 1932, p. 10).³⁷

Horace Lane era uma personalidade que exercia uma sensível influência sobre a Escola Normal por estar disponível para atender às solicitações de Caetano de Campos ou aos requerimentos de *Miss Browne* (RODRIGUES, 1930).

Caetano de Campos teve de recorrer e não poucas vezes à experiência de Horace Lane para resolver certas dificuldades de ordem prática, que surgiram na aplicação dos novos processos didáticos, e para elucidar as suas dúvidas a

³⁶ AZEVEDO, F. **Uma interpretação do Instituto Mackenzie**. São Paulo: Mackenzie, 1960.

³⁷ Material cedido pelo Centro Histórico da Universidade Mackenzie.

Escola Americana lhe serviu como um precioso campo de observação. (RODRIGUES, 1930, p. 293).

As necessidades da Escola Modelo eram muitas, enquanto *Miss Browne* trabalhava na Escola Americana contava com todo aparato para ministrar a proposta. Seus pedidos em relação ao material adequado eram incessantes. Caetano de Campos precisava de um procurador para tais assuntos, pois, “Em várias ocasiões o Dr. Lane foi intermediário na compra de aparelhos nos Estados Unidos” (HILSDORF, 1977, p. 181).

Em se tratando do espaço físico, era preciso organizar duas salas para implantação da Escola Modelo e prepará-las. Este ambiente devidamente aparelhado seria de singular importância para o possível sucesso da nova proposta a ser trabalhada.

Para que a Escola Modelo funcionasse como um diferencial dessa reforma foi necessário adquirir, sob encomenda, nova mobília para atender às necessidades das inovações que estavam sendo propostas. Os materiais didáticos a serem utilizados não constavam em distribuidores nacionais, havendo a necessidade de um intermediário para a sua importação. Portanto, existe margem para a possibilidade de que a influência da Escola Americana sobre a Escola Normal e a Escola Modelo existia não só em função da presença dos profissionais que vinham da Escola Normal e agora estavam aplicando a metodologia como também nos materiais utilizados.

O mobiliário fôra cedido pelo dr. Lane, amigo sincero de Rangel Pestana e Caetano de Campos, sempre pronto a prestar sua valiosa colaboração quer intelectual, quer material à incipiente Escola Modelo (ROCCO, 1946, p. 30).

Como *Miss Márcia Browne*, já trabalhava com este material na Escola Americana, fizeram-se então os contatos necessários para a aquisição pela Escola Modelo do acervo indispensável para o funcionamento da proposta pedagógica. Até que chegasse a mobília e o material encomendado, houve um atraso para o início das aulas naquele ano de 1890, e a abertura do ano letivo se deu então em 1º de julho (REIS FILHO, 1995):

As aulas são extremamente animadas pela riqueza do material ilustrativo. Pois, cada noção a ser transmitida deve estar apoiada em viva impressão sensorial. Daí os quadros murais de geografia, história, mapas, objetos e figuras de toda ordem para objetivar o ensino. A lição de coisas deve permitir à criança contemplar a ocorrência de inúmeros fenômenos naturais reproduzidos por aparelhos usados pelo professor (REIS FILHO, 1995, p. 81).

As salas da Escola Modelo eram divididas por gênero: uma para o feminino e outra para o masculino. E cada uma com o professor ou professora que simultaneamente atuaria também como diretor ou diretora, ambos se reportando ao diretor da Escola Normal.

Um dos diferenciais práticos da reforma recomenda a abolição da leitura em voz alta e a introdução da leitura silenciosa, além de abolir os castigos físicos. A escola republicana, por meio de um professor moderno, estaria buscando conscientizar o estudante por estímulos positivos.

Caetano de Campos propunha, enquanto diretor da Escola Normal, que não convinha disseminar a reforma da instrução pública “[...] sem o professor estar preparado para instruir novos processos de ensino” (RODRIGUES, 1930, p. 280).

Nos relatórios de Horace Lane escrito no final do ano de 1890 sobre o trabalho que realizava, podemos perceber sua atuação na instrução pública paulista:

[...] A escola (Americana) de São Paulo tem tido o privilégio de fornecer planos e métodos para a organização de duas Escolas Normais do Governo, bem como professores para o treinamento em uma delas. Há constante atendimento em nossas escolas primárias de professores jovens e professores de escolas normais, ansiosos por aprender o trabalho prático de nossos métodos. Durante o ano passado, muitos professores da Escola Normal do Governo de São Paulo foram alunos em nossas classes de botânica, música vocal e desenho (LANE³⁸ *apud* HACK, 2003, p. 86).

Como pode ser notado nesse excerto, a influência das escolas particulares nesse período é notável em razão da carência das escolas públicas em diversas áreas. É esta carência de um aparelho educacional público em funcionamento que incentiva ainda mais as reformas da instrução, pois, para os republicanos, essa questão é prioritária em razão de todo o pano de fundo da proposta liberal.

Nesse momento, a Escola Modelo ainda estava trabalhando na construção de sua identidade.

Durante a sua direção, infelizmente muito curta, o Dr. Caetano de Campos achou-se, por assim dizer, na confluência de duas correntes educativas. Uma dessas correntes tivera como ponto de irradiação a antiga Escola Neutralidade, fundada em 1885 pelo abalizado educador Dr. João Köpke. Da Escola Neutralidade vinha o próprio Caetano de Campos, que pertencia ao respectivo corpo docente, como o professor Cyridião Buarque; e de lá vinha igualmente o Dr. Rangel Pestana, a cuja indicação devia o primeiro a sua escolha para diretor da Escola Normal. A outra corrente promanava da Escola Americana, fundada em São Paulo por volta de 1871 e a cuja frente se achava

³⁸ Horace Lane (relatório), 1890.

o Dr. Horacio Lane em 1890, quando se fundou a Escola Modelo (RODRIGUES, 1930, p. 292).

Nesse período vem morar em São Paulo o Dr. Henrique Goerceix, um acadêmico de nacionalidade francesa que atuou de maneira brilhante na Escola de Mineralogia de Ouro Preto, em Minas Gerais. Uma vez exonerado do cargo, estabeleceu-se temporariamente na capital paulista. O governador Prudente de Moraes entendeu que seria produtiva a visita de pessoa tão ilustrada à Escola Normal. Ele sugeriu ao acadêmico que fizesse uma breve aparição na instituição e desse seu parecer a respeito do projeto que ali estava sendo desenvolvido. O alvitre do visitante não foi simpático ao projeto e o governador não mais o procurou (RODRIGUES, 1930).

Havia certa urgência em continuar com os assuntos da instrução pública, mas o falecimento de Caetano de Campos de forma brusca surpreendeu a todos em 12 de setembro 1891, deixando o projeto sem liderança. A professora Márcia Browne ainda no final de 1892 responde pelas duas escolas e para dar prosseguimento aos trabalhos continuava a insistir com as autoridades nas possíveis, inevitáveis e inadiáveis melhorias que precisavam acontecer na Escola Modelo. Essa insistência visava à preparação dos normalistas, que eram atores importantes para o prosseguimento das reformas sugeridas (MONARCHA, 1999).

É nesse período que ela solicita auxiliares para a Escola Modelo e entre eles estava o jovem professor Oscar Thompson.

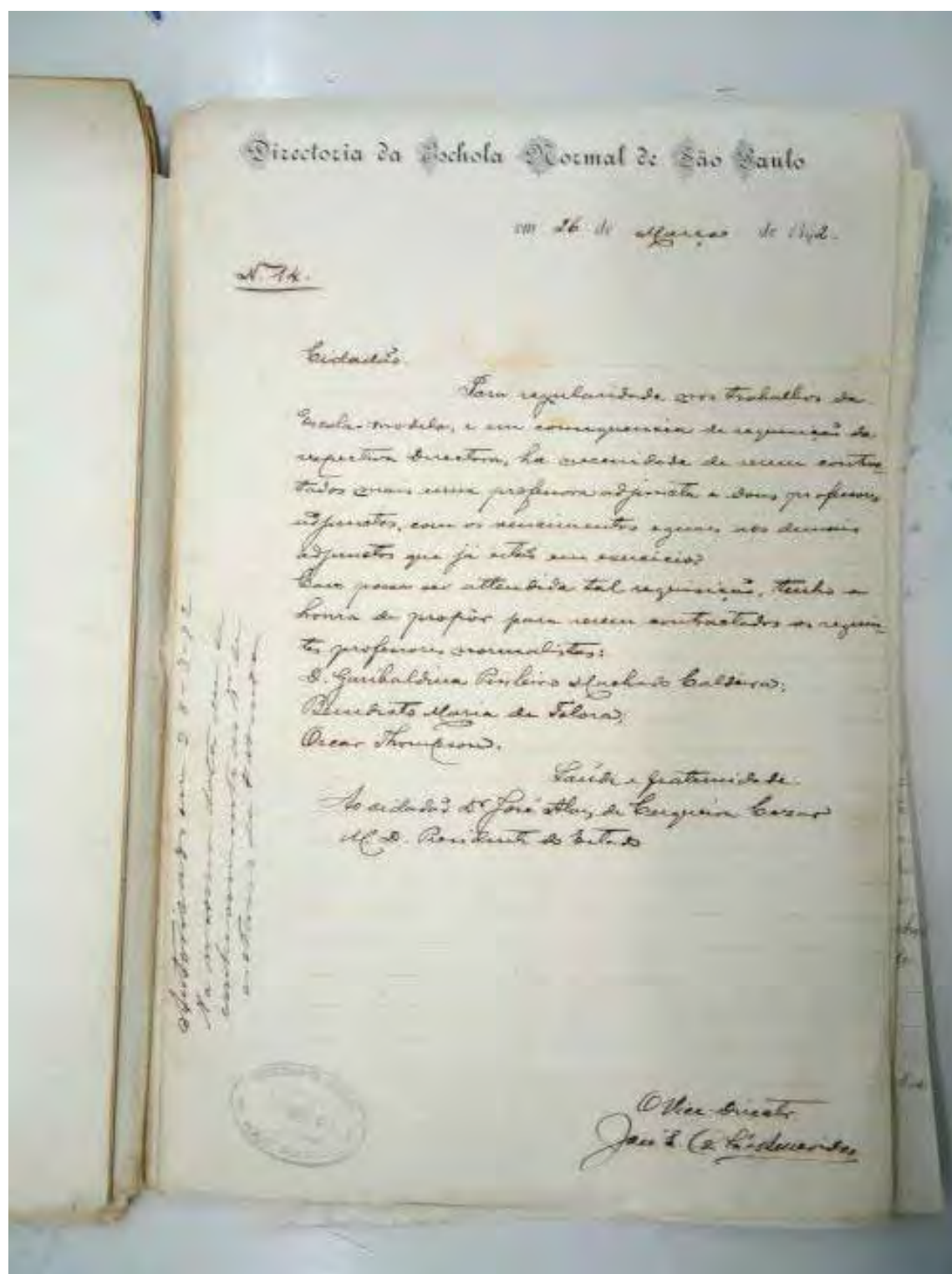


Figura 6: Solicitação da contratação de Oscar Thompson

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ordem 135. Lata 580. 1892

Para dar andamento aos trabalhos iniciados por Caetano de Campos, presume-se que a professora Márcia Browne requisitou com mais frequência a atenção do diretor da Escola Americana. Tendo em conta os seus inúmeros problemas, ela talvez o solicitasse em busca de sugestões e de resoluções que estavam à mercê de possíveis entendimentos.

Para substituir Caetano de Campos na Escola Normal, foi indicado o professor José Estácio Corrêa de Sá e Benevides. Entretanto, a reforma ainda estava por ser feita e se fazia necessária a elaboração e a aprovação de um projeto de lei para dar prosseguimento ao plano que havia sido elaborado por Rangel Pestana e estava sendo executado por Caetano de Campos (REIS FILHO, 1995).

2.5.4 A reforma geral da instrução pública de 1892

Rangel Pestana estava azafamado em razão das suas obrigações na capital federal, no cargo de parlamentar, o que lhe impossibilitava de atuar efetivamente na política educacional paulista. O então governador, Dr. Bernardino de Campos, buscava outro ator social para elaborar, de maneira abrangente, a reforma geral para a instrução pública no Estado de São Paulo. Em 8 de setembro de 1892 a lei nº 88 que iria reger a reforma em toda a instrução pública do Estado de São Paulo foi aprovada.

A proposta de lei deveria ser amplamente discutida e confrontada a ponto de alcançar moderação para que pudesse exercer impacto na reforma. Também deveria ser instaurada em regime de urgência, com o desígnio de dar continuidade à construção do organismo educacional que se pretendia construir na capital econômica da República (MERCADO, 1996). Ressurge o nome de Goerceil que em razão da sua competência foi nomeado para desempenhar a função de auxiliar técnico na Secretaria do Interior no Estado de São Paulo. Em 28 de abril de 1892 ele assume o cargo na condição de consultor da Instrução Pública e sob sua responsabilidade ficou a empreitada de produzir o projeto de reforma da instrução pública prometida e apregoada pelos republicanos. O projeto foi apresentado pelo deputado Bueno de Andrade na Casa das Leis do Estado de São Paulo. O comentário proferido por Gabriel Prestes, que na época ocupava também uma cadeira de parlamentar no mesmo recinto, a respeito da aprovação do plano, divulgado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, é que o tal projeto era uma verdadeira anomalia tanto na questão dos preceitos quanto na maneira de administrá-los (REIS FILHO, 1995).

A nova lei que iria reger o ensino havia sido aprovada. A liderança do Estado demonstrava estar disposta a fazer o que fosse necessário para que este permanecesse em franco crescimento e esse parecer incluía impreterivelmente o setor educacional. A reforma da instrução pública tinha no bojo da sua proposta a criação do Conselho Superior da Instrução Pública, Inspetorias Distritais e ainda dividir a educação pública em três segmentos que seriam os seguintes: primário, secundário e superior.

A escola primária seria constituída em duas etapas, a preliminar e a complementar. A preliminar seria de carácter obrigatório e ministrado para as crianças que estivessem na faixa etária dos 7 aos 12 anos de idade e tendo como regentes os professores que foram habilitados pela Escola Normal. Para atender a demanda de professores para este segmento seria necessário implantar mais quatro Escolas Normais no Estado.

Em seguida à etapa preliminar viria a complementar com duração de quatro anos. Compreenderia a faixa etária dos 12 aos 16 anos e proporcionava ao estudante prosseguir a carreira acadêmica. Esta etapa não era comum entre os estudantes, pois não havia escolas em número suficiente para a população e os estudos eram mais avançados causando dificuldades de aprendizagem. Segundo Caetano de Campos, este era exatamente o momento em que o estudante despertava para a vida profissional, acadêmica, religiosa, ou seja, era um momento de formação muito importante se fazendo necessária a atuação da escola. Posteriormente, essa escola foi descaracterizada e desviada do seu objetivo primeiro (SOUZA, 1998).

Quando o aluno terminava a etapa complementar incluía-se o curso Secundário Científico e Literário. O governo criaria três prédios de nome Ginásio, um deles na capital. A duração deste curso seria de seis anos, sendo quatro de forma comum a todos e os outros dois anos de acordo com a escolha do aluno científico ou literário (REIS FILHO, 1995).

Outra categoria de escola reconhecida na proposta seria a escola intermédia que teria como regentes os professores não normalistas, conhecidos como “Professores de Palácio”, capacitados em acordo com os Regulamentos de 1869 e 1887 (REIS FILHO, 1995).

A escola provisória era regida por docentes interinos que seriam examinados de maneira imprescindível perante o inspetor do distrito. Estas escolas contavam com um currículo reduzido e os professores não eram formados pela Escola Normal (SOUZA, 1998).

As escolas unitárias também estavam inclusas no programa de reforma. Escola esta em que o professor dependendo do número de estudantes, seria possível ter um auxiliar e lecionaria para alunos que estavam em diferentes estágios da aprendizagem.

Por fim, anexo ao prédio da Escola Normal, seria criado um Curso Superior com duração de dois anos, objetivando a formação dos futuros professores para os cursos secundários e também para as escolas primárias (SOUZA, 1998).

Gabriel Prestes, ativo representante dos professores na Câmara Legislativa Paulista, ganha visibilidade ao expor por meio do jornal *O Estado de São Paulo*, em 12 artigos, o seu parecer a respeito das questões que deveriam impreterivelmente ocupar o centro das atenções, o que na íntegra era um contraponto a lei que acabava de ser aprovada.

O período em que a Escola Normal esteve sob a direção do Dr. Benevides³⁹, tanto a influência de *Miss Browne* aumentou quanto à de Horace Lane. Presume-se que é nesse momento em que o relacionamento de Bernardino de Campos se estreita com o diretor da Escola Americana em razão das necessidades da Escola Normal e, conseqüentemente, da Escola Modelo.

As relações entre Bernardino de Campos e Horace Lane permaneceram até 1912, fato este atestado por uma carta escrita de próprio punho pelo ex-governador e endereçada aos filhos de Horace Lane por ocasião do falecimento do educador norte-americano e consultor da instrução pública paulista. A carta pode ser visualizada nas figuras a seguir:

³⁹ José Estácio Correio de Sá e Benevides tornou-se diretor interino várias vezes da Escola Normal.

S. Paulo, 29 de outubro 1892.

Ilmos. Srs. Drs. Frederico, Rufina,
John & William Lane, Senhorita
Margaret Lane e Dr. Horace
Williams e seus filhos.

Surprehendido com
a tanta nobreza do falleci-
mento do venerando Dr.
Horace Lane, venho apre-
sentar ao V. Ex. a minha
expressão de mais profun-
da pesar.

Resta ao Dr. H. Lane muita

affeição, respeito e recon-
hecimento pelo seu ilus-
trissimo e nobre e sang-
ueento serviço a socie-
dade parietaria por
justamente deplora-
re a sua perda.

Sou com a mais alta
de consideração ao V. Ex.
seu obrigado e etc.

Bernardino de Campos

Recebo de L. Jacques

Figura 7: Carta que Bernardino de Campos envia a família de Horace Lane após o seu falecimento
Fonte: Arquivo particular de Fred Lane, bisneto de Horace Lane

Com relação à participação de Horace Lane na instrução pública durante o governo de Bernardino de Campos, o jornal *O Correio Brasiliense* publica a seguinte nota:

Horace Lane um enamorado das coisas da Educação. Na organização de nossas escolas oficiais ao tempo em que a sua patrícia Miss Márcia Browne começou a adaptar ao nosso meio, os processos mais adiantados da metodologia norte-americana, esse honrado velho alheara-se de todos os seus encargos, das responsabilidades que lhe cabiam como diretor de dois estabelecimentos de ensino, para consagrar toda virilidade do seu espírito à obra grandiosa em que estava vivamente empenhado o Sr. Dr. Bernardino de Campos, então Presidente do Estado (O CORREIO BRASILIENSE⁴⁰, 1983 *apud* HACK, 2003, p. 91)⁴¹.

O governo de Bernardino de Campos se apropriou do ideal de implantar a reforma social no Estado de São Paulo por meio da instrução pública, e encontrou em Horace Lane um alentado mediador.

2.5.5 A reforma da Instrução Pública de 1893

Em 7 de agosto de 1893 foi sancionada a lei nº 169, na condição de projeto substitutivo do plano de Bueno de Andrade, aproximadamente um ano após a aprovação da lei de Reforma Geral da Instrução Pública em 1892.

O Senador paulista Paulo Egídio argumentava que a proposta que estava sendo apresentada não era pensamento de um único homem. Este plano seria o resultado de amplo debate entre os setores interessados na questão do ensino: os membros da Câmara dos Deputados, participação consistente do corpo de professores da rede pública, além de consultas realizadas em bibliografia estrangeira (REIS FILHO, 1995).

Com a lei de nº 169 ficou proposto um corpo definido para o programa de trabalhos a serem desenvolvidos com coerência e de maneira operacional, tendo como sugestão a verticalidade para melhor eficiência no processo administrativo da instrução pública paulista (MERCADO, 1996).

Em primeira instância estaria a Secretaria do Interior, depois o Conselho Superior de Instrução Pública, a Diretoria Geral da Instrução Pública, e por último a Inspeção. Essa consolidação aconteceu mediante empenho e cooperação de José Feliciano de Oliveira, Gabriel Prestes e Cesário Mota (MONARCHA, 1999). Em 3 de

⁴⁰ O CORREIO BRASILIENSE, 1983

⁴¹ Hack (1983, p. 181).

fevereiro de 1893 foi nomeado para assumir a Secretaria do Interior o Dr. Cesário Mota que além de médico era também Deputado Federal e fazia parte do grupo de republicanos históricos. Cesário Mota apresentou o seu parecer a respeito da situação que se encontrava o ensino público no Estado de São Paulo e, segundo o seu ponto de vista, o quê e como deveria ser feito.

Foi lembrado o nome do Dr. Horácio Lane, presidente do Mackenzie College, face à experiência e conhecimentos pedagógicos que possuía. Honroso ofício do Dr. Cesário Mota, comunicou ao professor Horácio Lane, sua nomeação pelo governo de São Paulo, para o elevado cargo de Consultor Educacional do Ensino Público. No final desse ofício escreveu Cesário Mota; “A República sem a Instrução Universal é o abismo” (GARCEZ, 1970, p. 140).

A fala do Secretário do Interior endossou os argumentos já anteriormente apresentados por Gabriel Prestes publicado no jornal *O Estado de São Paulo*. Esse posicionamento foi extremamente favorável para a aprovação da lei nº 169 de 7 de agosto de 1893. Portanto, em curto período de tempo, o Estado de São Paulo elaborou e apresentou, em caráter de urgência, duas propostas para reformar a instrução pública, pois a sobrevivência da República, segundo os paulistas republicanos, dependia da qualidade da educação do povo. Assim que a reforma da instrução pública foi aprovada, os olhos do Secretário do Interior perscrutavam, entre os educadores da época, o futuro diretor para a Escola Normal. O convite foi feito para o Deputado Gabriel Prestes que aceitou prontamente o referido cargo. Ele deixou a sua cadeira na Casa das Leis na capital paulista (REIS FILHO, 1995) e assumiu o cargo em 23 de setembro de 1893, conforme o documento que pode ser visualizado na figura a seguir:

Excellência Sr. Secretario de Estado dos
negocios do Interior

Com a devida honra

Tendo sido nomeado,
por decreto de 23 de Setembro proximo
passado, para o cargo de Director da
Escola Normal desta capital, cum-
pre-me levar ao vosso conheci-
mento, para as devidas fins, que na
presente data entrei em exercicio
das funcções do referido cargo.

Com a Fraternidade.

São Paulo, 3 de Outubro de 1893.

O Director.
Gabriel Prestes

Com a devida honra
Pagamento em 4-10-93.



Figura 8: Documento de apresentação de Gabriel Prestes ao Secretário do Interior
Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ordem 7135. Lata 530. 1993

O Estado de São Paulo no final do ano de 1893 tinha na Secretaria do interior o Dr. Cesário Mota, que assumia a secretaria de Instrução Pública. Na direção da Escola Normal, o professor e advogado Gabriel Prestes, e dirigindo a Escola Modelo a Miss Márcia Browne. Esses foram os atores sociais que dinamizaram a instrução pública entre os anos de 1893 e 1896 (MONARCHA, 1999).

Diante dos desafios a serem transpostos no desenrolar da implantação do plano piloto da reforma da instrução pública na Escola Normal, Cesário Mota, com o apoio de Gabriel Prestes, arregimentou auxiliares para fazer frente aos novos e desconhecidos desafios e entre estes contava o diretor da Escola Americana (HILSDORF, 1977).

Ofício nº 150, de Gabriel Prestes, Diretor da escola Normal, ao Secretário do interior, em 16 de dezembro de 1895, encaminhando fatura de “128 caixas de móveis escolares e aparelhos de ensino destinados à Escola-Modelo Complementar anexa a esta Escola, adquiridos por intermédio do Dr. Horace Lane e ordem do Governo” (HILSDORF, 1977, p. 204).

Gabriel Prestes, assim como Horace Lane, era um ferrenho defensor da escola pública graduada e organizada para realizar a tão necessária integração social. Sugeriu que grande parte da sustentabilidade da sociedade repousava sobre a escola e sobre o professor, que seria o principal condutor até o conhecimento (MERCADO, 1996). Ele também acreditava que o método intuitivo era o que verdadeiramente poderia levar o estudante a fidedigna experiência de aprendizado consistente e, nesse sentido, propunha um currículo abastado no campo das ciências.

A maneira pela qual Gabriel Prestes era plausivelmente homem de ação rápida e ávido por resultados denotava a atuação de Miss Browne e de Horace Lane de como eles conduziam os trabalhos ministrados na Escola Americana.

[...] atribuía a característica de praticidade e inventividade que distinguia os norte-americanos. Logo se quiséssemos ser os *Yankees* do sul, era por esse método que deveríamos nos guiar (MERCADO, 1996, p.116).

Segundo o comentário de Luís de Toledo Pisa, paulistano que nasceu em 1888, ao citar momentos da sua infância faz referências ao entusiasmo dos paulistanos pela causa abolicionista e também o entusiasmo pelos métodos anglo-americanos no campo educacional. Diz ainda que São Paulo tanto fez questão de assimilar e aperfeiçoar que a atuação do Bernardino de Campos com Cesário Mota e a assistência técnica de Miss Browne que formou uma verdadeira escola de pedagogos e assim

propuseram uma nova proposta de trabalho para o departamento da instrução pública (MONARCHA, 1999).

Nota-se, portanto, que Horace Lane esteve todo o período da atuação de Cesário Mota operando junto à instrução pública atendendo as solicitações do diretor da Escola Normal, tais como Fazendo a intermediação do acesso das escolas aos mobiliários, material pedagógico e intercedendo em outros assuntos de interesse da instrução pública paulista.

Em 2 de agosto de 1894 foi inaugurado o novo prédio da Escola Normal, localizado na Praça da República. Nesse ínterim, Horace Lane recebe uma missiva do deputado Alfredo Ellis informando-o da verba que o secretário da instrução pública, o Dr. Cezario Mota, havia reservado para investir na Escola Normal da Praça. Apresentamos, a seguir, um fragmento desta carta.

Fallei ao Cesario Motta e tive a affimação de ter elle já enviado 70 ou 75 contos para a compra da mobilia para a Eschola Normal. Já deve - pelo que me disse – estar o amigo de posse d’essa importância, e habilitado portanto a desempenhar a compra de que foi encarregado pelo Governo do Est. de S. Paulo (CARTA DO DEPUTADO ALFREDO ELLIS PARA HORACE LANE, 10 de janeiro de 1894).

A figura a seguir, mostra este trecho da carta na versão original.



Figura 9a: Carta do Deputado Alfredo Ellis
Fonte: Arquivo particular de Fred Lane, bisneto de Horace Lane

Figura 9b: Carta do Deputado Alfredo Ellis (Datilografada por Frederico Lane, neto de Horace Lane)
Fonte: Arquivo particular de Fred Lane, bisneto de Hoprace Lane

Em 1895 a Escola Modelo Complementar passa a funcionar no mesmo prédio e, em 1897, as instalações da escola se completam com a inauguração do edifício do Jardim da Infância (MARÇOLA, 2011).

O jardim da infância nasceu ancorado no modelo froebiano, como se pode observar no decreto nº 397, de 9 de outubro de 1896, em cujo art. 181, capítulo III, aparece assinalado: “O jardim de infância, anexo à Escola Normal da Capital, é destinado a preparar pela educação dos sentidos, segundo os processos de Froebel, os alunos de ambos os sexos, que se destinam às escolas-modelo” (ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO, 2011, p. 16).

Horace Lane, na instituição que dirigia, já disponibilizava o Jardim da Infância em plena atividade desde o ano de 1877. Portanto, pode-se pensar que ele tenha participado das discussões a respeito da implantação do projeto desse segmento na Escola Normal.

Com o início dos trabalhos, Gabriel Prestes produz a Revista do Jardim da Infância, um volume de 292 páginas e mais um suplemento com 30 páginas contendo músicas e jogos. Para o momento político-pedagógico foi um acontecimento inédito visível não só para o universo escolar, mas também para a imprensa (MARCELINO, 2004).

Horace Lane, consultor educacional do ensino público, não deixou passar a oportunidade de comentar a publicação de Gabriel Prestes e sua equipe da Escola Modelo, as chamadas “jardineiras”. Após minucioso exame, elaborou uma carta de apreciação do trabalho (MONARCHA, 2001, p. 102-105).

Ilmo, Sr. Gabriel Prestes, M. digno director da Escola Normal da capital – Recebi o 1º volume da Revista do Jardim da Infância que tiveste a fineza de me enviar. Li-o de princípio a fim com grande satisfação e não posso furtar-me do prazer de applaudir, por meio desta, o apparecimento de tão valioso trabalho, que, de certo vae abrir uma nova era na educação das crianças de S. Paulo. [...] Se alguém quizer ver o novo Brazil, em miniatura, ou ainda tiver amor ao velho estado das coisas, - que vá, qualquer tarde das 3 horas, à Praça da República, ver sahir do bello edificio os mil e tantos meninos e meninas livres e alegres, com as fases radiantes da nova dia intellectual, sem outra preocupação que não seja as coisas da escola: - veria ao mesmo tempo o bello typo physico da nova geração. Dará, de certo, vontade de dizer: “Com effeito, se isto é a República, então Viva a República!” [...] Saúdo o colega afetosamente e dou-lhe parabéns pela publicação da “Revista Jardim da Infância” e pela organização do jardim, procurando desde o princípio dar-lhe uma feição nacional e felicito-o pelo auxilio valliosíssimo que tem no seu corpo docente de “jardineiras” (LANE⁴² *apud* MONARCHA, 1999, p. 102-105).

Outro momento da atuação de Horace Lane na instrução pública paulista na gestão de Gabriel Prestes pode ser notado na figura a seguir, em que Gabriel Prestes

⁴² Carta de Horace Lane para Gabriel Prestes.

Gabriel Prestes mostra-se descontente com os novos rumos para os quais estava sendo direcionada a política educacional paulista e pede exoneração do cargo em 1898, não participando mais do contexto político-pedagógico do Estado de São Paulo. Para substituí-lo foi empossado o advogado, professor, jornalista e escritor João Alberto Sales, natural de Campinas e irmão do ex-governador do Estado de São Paulo e Presidente da República de 1898 a 1902, o Dr. Campos Sales.

João Sales é o autor do livro *A Pátria Paulista*, editado em 1887, sugerindo que os problemas da nação, segundo o seu ponto de vista, seriam sanados pela imigração de europeus e a separação da Província de São Paulo das regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste e Sudeste e parte da região Sul ficando apenas com o espaço correspondente ao Paraná.

No governo de Fernando Prestes em 1898, João Sales é nomeado diretor da Escola Normal da Capital, onde realizou um trabalho de base aproximando-se dos alunos em momentos diversos. Seus discursos eram apreciados por professores e estudantes e até mesmo os críticos reconheciam a clareza de seu raciocínio do universo educacional. Permaneceu no cargo até 1901, quando abandonou a função por não acordar com a política do Secretário do Interior, José Pereira de Queiroz (D'AVILA, 1946).

Mais uma vez era preciso um diretor para a Escola Normal da Capital. Foi nomeado Oscar Thompson que havia sido estudante da Escola Normal, formando 1891, exercido a função de assistente da professora Márcia Browne. Em 1893 foi diretor interino da Escola Modelo anexo a Escola Normal e, posteriormente assume a Escola Modelo Preliminar enquanto a professora Márcia Browne vai dirigir a Escola Modelo Complementar em 1894. Em fevereiro de 1902 avoca a direção da Escola Normal da capital quando esta já estava instalada na Praça da República.

3 PROMOVENDO A INTERNACIONALIZAÇÃO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA PAULISTA: A PARTICIPAÇÃO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE SAINT LOUIS EM 1904 E OUTRAS VIAGENS

A Província de São Paulo a partir da segunda metade do século XIX passa a figurar com mais destaque no cenário nacional devido ao crescimento financeiro adquirido por meio das suas atividades comerciais. Este crescimento inspirava o sonho de imigrantes que chegavam de vários países com intenção de obter recursos financeiros, mediante o trabalho, oportunidade para a livre iniciativa, liberdade religiosa, questões estas não encontradas em sua nação de origem. Esses imigrantes difundiam a ideologia liberal, conceitos estes que circulavam por meio do trabalho, da religião e em especial, em suas escolas. Este comportamento liberal chama a atenção da vanguarda republicana paulista.

Segundo Warde (2003), os alunos que eram formados pela Academia de Direito se espalhavam pelo interior da província de São Paulo como advogados, mas também atuavam como professores, por exemplo, o caso de Rangel Pestana, João Köpke. O colégio Culto à Ciência e o colégio Florense em Campinas foram escolas que abrigaram profissionais como os citados acima. Na capital, a atuação destes também era de muita evidência em escolas como o colégio Pestana e colégio Neutralidade.

As práticas pedagógicas vivenciadas nas escolas de cunho protestante despertaram o interesse dos educadores republicanos. Estes se apropriaram dos métodos versados para contribuir na organização da instrução pública paulista. Por sua vez, os educadores estimulados por essa nova vertente pedagógica sentiram a necessidade de buscar mais conhecimentos no campo pedagógico em terras estrangeiras, em particular nos Estados Unidos, transplantando-as para a realidade paulista.

3.1 A Exposição Internacional de Saint Louis

Após a segunda metade do século XIX, as Exposições Universais passaram a divulgar os avanços no campo industrial, científico, político e educacional, que revelavam, em grande medida, as transformações socioeconômicas ocorridas depois da Segunda Revolução Industrial. Essas exposições eram consideradas "Espectáculos da modernidade, palcos de exibição do mundo abastado" (SANTOS; COSTA, 2006).

Seguindo essa tendência, a Exposição Internacional de Saint Louis no Estado do Missouri foi planejada e efetuada em homenagem ao aniversário dos 100 anos da aquisição da Luisiana⁴³ por parte dos norte-americanos que compraram a área dos franceses, isso em 1803. Este fato foi fundamental para o estabelecimento do progresso, vindo a fortalecer o Estado norte-americano. A Exposição deveria ser em 1903, mas só foi realizada no ano de 1904 devido às grandes proporções do evento. O acontecimento teve início em 30 de abril e terminou em 1º de dezembro do mesmo ano (WARDE, 2002). A seguir, apresentamos o cartaz desta exposição.

⁴³ A aquisição do território da Luisiana pelos Estados Unidos da América foi de grande importância para o seu desenvolvimento não só geográfico, mas também político e econômico uma vez que até aquele momento estavam restritos ao espaço já conquistado pelas treze colônias. A Luisiana representava a conquista do meio oeste, portanto era ponto estratégico para o ininterrupto avançar em direção ao longínquo oeste e assim estendendo o território americano do Oceano Atlântico até ao Oceano Pacífico.

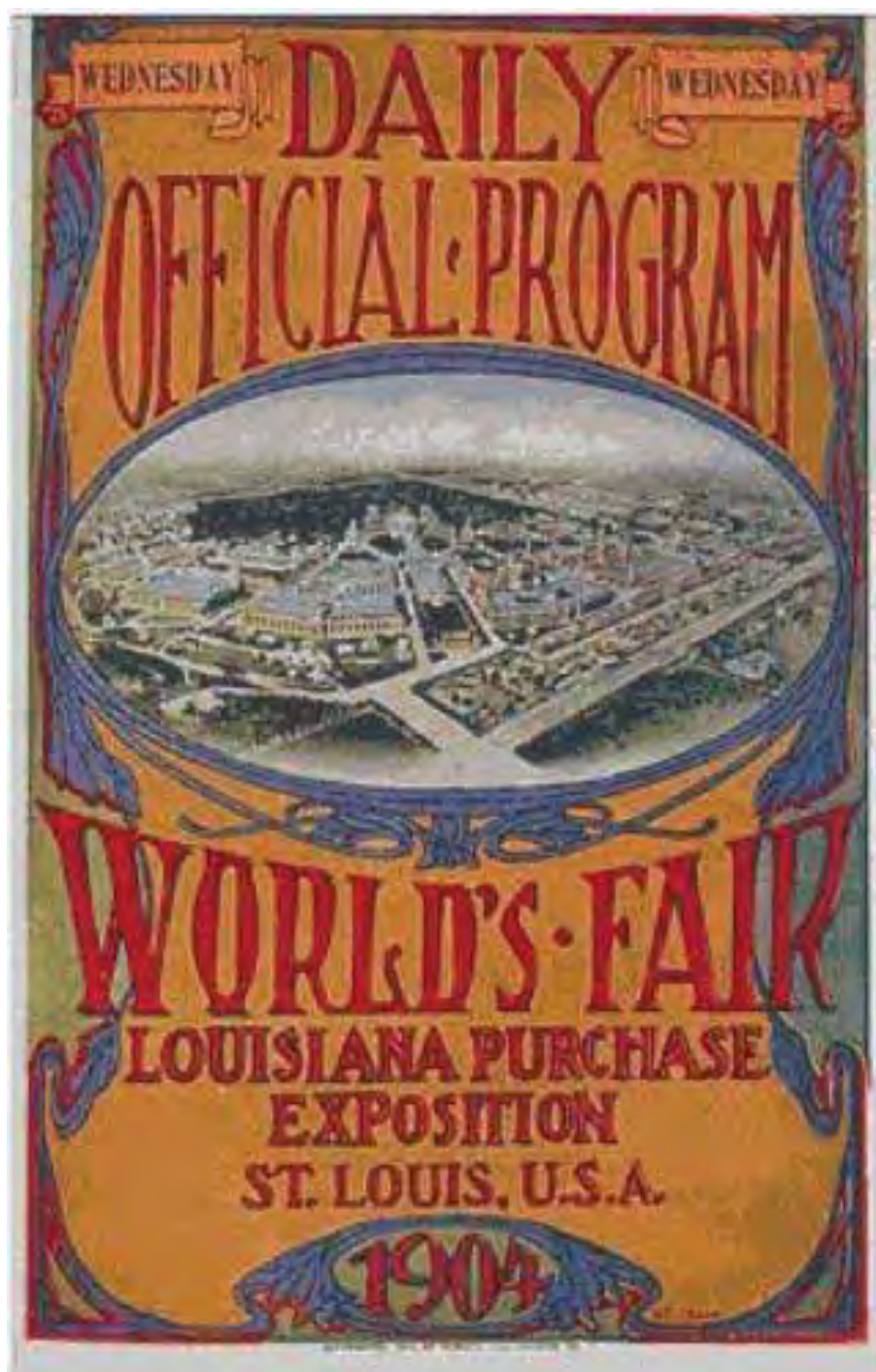


Figura 11: Panfleto da Exposição de Saint Louis
Fonte: AFRICAN...(2011)

O local escolhido para a realização da grande feira foi o Forest Park. Composto de uma área verde de grande extensão, por volta de 500 hectares que foram designadamente preparados para receber uma população de aproximadamente 20 milhões de pessoas oriundas dos Estados Unidos e de vários outros países.

A participação dos países nas Exposições era realizada por meio do convite pelas nações que sediavam o evento. Os governos dos países convidados se empenhavam muito a fim de realizar a divulgação das oportunidades oferecidas em vários setores da atividade econômica. Buscavam a classe empresarial para estabelecer uma parceria para efetivar acordos visando angariar recursos para o progresso da nação (SANTOS; COSTA, 2006). A Exposição de Saint Louis se destacou por sua proporção de custos, número de visitantes, por sediar os Jogos Olímpicos naquele ano e pelo número de países expositores, em torno de 15 nações.

Segundo o ponto de vista de Warde (2003), os Estados Unidos entendiam que seria:

[...] preciso explicar, àqueles que ainda não haviam entendido, o papel civilizatório, educativo, que os Estados Unidos estavam a exercer sobre os menos aquinhoados por Deus. Para eles, ao invés da força bruta, os Estados Unidos estavam oferecendo educação, completando assim a tarefa da natureza para aqueles que a evolução havia restado inconclusa. Os Estados Unidos estavam lá, como uma universidade, a arrancá-los do estágio cultural primitivo em que se encontravam (WARDE, 2002, p. 49).

A Exposição de Louisiana foi elaborada com o objetivo maior apresentar ao mundo a competência e as habilidades desenvolvidas pelos norte-americanos no âmbito educacional e tendo como meta singular dar visibilidade ao método de como seria possível reinventar o homem (WARDE, 2002). Nela, as mais variadas áreas do conhecimento foram contempladas. Em primazia a Educação, depois Arte, Artes Liberais e Ciências Aplicadas, Manufaturas, Maquinaria, Eletricidade, Transportes, Agricultura, Horticultura, Florestas, Pesca e Caça, Minas e Metalurgia, Antropologia, Economia Social, Congressos Internacionais e Cultura Física (WARDE, 2002).

O custo da Exposição foi orçado em 20 milhões de dólares por se tratar de uma ampla infraestrutura. Foram construídos 1.500 edifícios e um grande parque de diversões. Havia 8.000 figurantes que desfilavam pela Exposição⁴⁴. O Brasil foi convidado e se fez representar com um Pavilhão projetado pelo engenheiro coronel Francisco Marcelino de Souza Aguiar, que também havia projetado o Pavilhão Brasileiro na Exposição de Chicago em 1893. A seguir, apresentamos a capa do impresso que foi produzido pela delegação brasileira apresentando o prédio em que permaneceriam durante a exposição.

⁴⁴ Informação disponível em: <www.fau.ufrj.br/brasilexpos/f2-1904.html>. Acesso em: 14 ago. 2011.



Figura 12: Capa do impresso produzido pela delegação brasileira para a Exposição Saint. Louis
Fonte: BRAZIL... (1904)

Na sequência, reproduzimos a nota de introdução deste impresso.

NOTIFICAÇÃO.

Esta publicação pretende ser mais uma lembrança da participação do Brasil na Exposição Internacional de 1904, realizada em St. Louis, comemorando a compra do território da Louisiana, do que como uma abrangente descrição dos recursos do Brasil, vai, no entanto, revelar-se de algum valor como ponto de partida para futuras investigações.

Este livro guiará os interessados no Brasil. Depois de ler a primeira parte, o leitor vai ter uma ideia geral da natureza do país, como pode ser visto sob diferentes aspectos, os seus recursos, poder produtivo e estágio de progresso. O catálogo após a primeira parte contém uma lista geral de todos os expositores cujos produtos foram mostrados na exposição, e com quem uma correspondência direta pode ser exercida, a fim de ganhar conhecimentos especiais ou certas informações sobre qualquer dos assuntos mencionados. Durante o período de exposição quaisquer detalhes ou informações relativas ao Brasil podem ser obtidos direto no Edifício brasileiro, Feira Mundial Fundamentos expostos, ou por carta para o Presidente da Comissão (COL.F.M. DE SOUZA AGUIAR, ST. LOUIS, 7 DE SETEMBRO, 1904)⁴⁵.

A delegação brasileira ficou instalada em Saint Louis, no Palácio Monroe. A Figura 13, a seguir, mostra este edifício. Ele foi projetado para a Exposição, mas na condição de posteriormente ser desmontado e a sua estrutura reaproveitada na capital da República dos Estados Unidos do Brasil. Quanto à delegação paulista, esta contava na sua equipe educacional com Horace Lane, diretor da Escola Americana, consultor da instrução pública paulista e articulador para que fosse possível a presença dos educadores republicanos na Exposição Internacional; também estava na comissão Carlos Reis, professor da Escola Normal, e Oscar Thompson, diretor (GONÇALVES, 2002).

⁴⁵ Tradução livre.



Figura 13: Palácio Monroe
Fonte: BRAZIL... (1904)

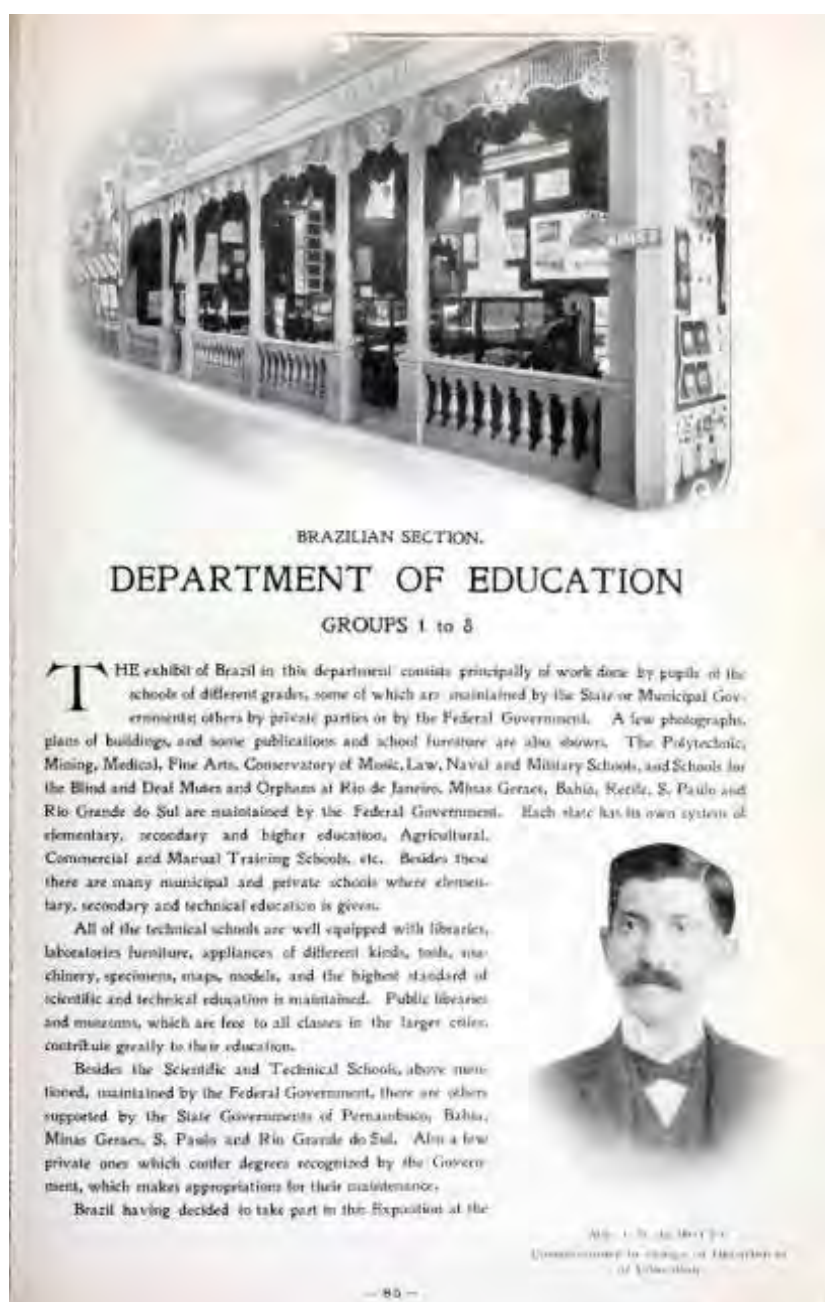


Figura 14: Local de exposição dos trabalhos escolares da delegação brasileira
Fonte: BRAZIL... (1904)

Traduzindo a figura acima:

“Uma evidencia do Brasil nesse departamento consiste principalmente no trabalho feito pelos alunos de escolas em diferentes séries, alguns deles são mantidos pelos governos do Estado ou Município; outros por grupos particulares ou pelo governo federal. São também apresentadas algumas fotografias, plantas de edifícios, e algumas publicações e o mobiliário da escola.

Escolas como o Instituto Politécnico, de Mineração, Escola de Belas Artes, Conservatório de Música e ainda as Escolas Naval e Militar e incluindo as Escolas para os surdos, cegos e orfãos que estão instaladas no Rio de Janeiro,

Minas Gerais, Bahia, Recife, São Paulo e Rio Grande do Sul são mantidos pelo Governo Federal.

Cada unidade da Federação tem o seu próprio sistema de educação básica, secundária e superior, escolas de agricultura, de comércio e artesanato, etc. E além destes estabelecimentos há muitas escolas municipais e privadas, onde os cursos de formação básica, secundária e técnica são ministrados.

Todas as escolas técnicas estão bem equipadas com bibliotecas, laboratórios portando aparelhos de diferentes tipos incluindo ferramentas, máquinas, espécimes, mapas, modelos e o mais alto padrão de educação científica e técnica é mantido. As bibliotecas públicas e museus, que são abertos para todas as classes nas grandes cidades, contribuem consideravelmente para sua educação.

Além das escolas científicas e técnicas, mencionadas acima, mantidas pelo Governo Federal, existem outras que recebem apoio dos governos estaduais do Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. Há ainda algumas instituições privadas que oferecem diplomas reconhecidos pelo governo que, por sua vez, contribui com doações para sua manutenção”(BRAZIL..., 1904, p.85, tradução do autor).

Oscar Thompson, diretor da Escola Normal da Praça e representante paulista, levou trabalhos escolares realizados por alunos da Escola Modelo São José que lhe foram enviados pela diretora da escola para serem exibidos na Exposição em Saint Louis, tais como: “caderno de desenho, de caligrafia, de cartografia, linguagem e provas escritas de todas as classes. Enviaram também, objetos de trabalhos manuais feitos em barro, papel, cartão, madeira, cartonagem, bordados e costura” (SOUSA, 1998, p. 264).

Da Escola de Minerologia de Minas Gerais foram apresentados trabalhos relacionados aos minerais encontrados em solo brasileiro como amostras de minério de ferro, manganês, ouro, zinco, diamantes, oligisto, itabirito, escoroditas, topázios, entre outros minerais, foram sistematicamente classificadas e remetidas para o evento.

No "Bulletin de la Société Française de Mineralogie", Gorceix publicou trabalhos de caracterização química e mineralógica de minerais. [...] A monazita foi exportada do Brasil entre final do século 19 e primeiras décadas do século 20, para, entre outras aplicações, a fabricação de ligas para filamentos de lâmpadas, na Europa, e era encontrada no litoral extremo sul da Bahia, no Espírito Santo e no Estado do Rio de Janeiro. Amostras dessa areia foram enviadas pelo Estado da Bahia para a Exposição Universal de Saint Louis em 1904. O artigo publicado por Claude Henri Gorceix sobre as areias monazíticas ou monazitas (um dos primeiros estudos sobre o mineral) oferece um exemplo das relações muito próximas entre ciência, tecnologia, engenharia e atividade econômica no final do século XIX (SANTOS; COSTA, 2006).

Outro participante do pavilhão brasileiro na Exposição foi Guilherme Gaensly, cujo nome verdadeiro era Wilhelm Gaensly⁴⁶, considerado nos anos 50 o

⁴⁶ Wilhelm Gaensly nasceu em Wohlhausen, cantão de Thurgau. Ainda criança mudou-se com a família para Salvador e fundaram uma empresa importadora de tecidos e exportadora de algodão.

melhor fotógrafo de São Paulo. Guilherme começou a arte de fotografar ainda adolescente e, em 1871, abriu seu primeiro empreendimento relacionado à fotografia em Salvador. Notando que o progresso passava pela capital de São Paulo, inaugura uma filial da Photographia Gaensly & Lindemann na cidade. Passou a retratar o progresso trazido pelos imigrantes em várias vertentes, bondes nas ruas da cidade, os casarões da Avenida Paulista, plantações de café no interior do Estado.

Seu talento foi reconhecido ainda em seu tempo. Gaensly recebeu prêmios tanto na Exposição Universal de Paris, em 1889, como na Exposição Internacional de Saint-Louis, em 1904 (SUÍÇOS DO BRASIL, 2011).

O departamento de instrução pública do Estado de São Paulo percebendo a visibilidade e a importância do evento para o crescimento do setor adota uma postura de incentivo à participação da classe dos docentes. Em maio de 1903, a *Revista de Ensino* já anunciava os preparativos da Exposição Internacional de Educação que estavam acontecendo na cidade de Saint Louis.

Em maio do próximo ano de 1904, deve realizar-se na cidade de São Luís nos Estados Unidos do Norte, uma exposição universal que, segundo nos infere nos anúncios que a publicam será certamente de tudo o que de mais perfeito ainda produziram até hoje a inteligência e a mão do homem” (REVISTA DE ENSINO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSADO PÚBLICO DE SÃO PAULO, 1903, p.193)

A expectativa se deixava perceber por meio das páginas da *Revista de Ensino* na capital paulista, naquele momento, demonstrada pelos professores do ensino público quanto ao nível do evento fosse enriquecedor. Eles estavam interessados para saber a respeito dos assuntos em pauta para o debate e também sobre as palestras que proferidas por ícones da pedagogia europeia e norte-americana. Também tinham interesse acerca do material didático exposto e disponibilizado para a venda, uma vez que lá “[...] estariam visitando e participando da grande mostra acadêmicos do mundo todos ciosos dos métodos e das classificações”, pois, “Aquele era, portanto, um evento grandioso, pressionado pela condição de uma grande feira e, ao mesmo tempo em que um grande evento acadêmico” (WARDE, 2002, p. 420-422)

Essa expectativa foi percebida por parte do grupo que poderia estar tão somente na esperança de encontrar na Exposição pressupostos que lhes dessem condições de melhorar a prática pedagógica de tão poucos resultados na opinião deles. O intuito era de redirecionar o ensino público paulista para o crescimento e quem sabe obter resultados positivos, nas suas respectivas salas de aula por meio das apropriações

e práticas sugeridas pela arte de ensinar proposta pela Pedagogia Moderna (REVISTA DE ENSINO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSADO PÚBLICO DE SÃO PAULO, 1903, p. 194).

Segundo o articulista da *Revista de Ensino*, Horace Lane, diretor da Escola Americana, foi quem esteve proferindo palestra alusiva ao tema para os professores na Sociedade Beneficente do Professorado Paulista (WARDE, 2002). Lane, como *yanke*, provavelmente provocou por meio do seu discurso no corpo docente da instrução pública paulista, o desejo de estar no evento em busca de soluções para as dificuldades que aqui começavam a surgir, mas que lá já havia a tempo e a contento deliberadas (REVISTA DE ENSINO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSADO PÚBLICO DE SÃO PAULO, 1903, p. 193).

O articulista do referido artigo enobrece a atitude do palestrante e faz apelo para que as autoridades do poder público paulista, por meio do Senado Estadual, enviem alguns professores para participarem do aludido evento. Também sugere a quantidade de participantes e, finalmente, lança solicitação para que ao menos um dos professores que compunham o quadro de docentes da instrução pública paulista fosse nomeado para estar presente.

Os republicanos paulistas, por meio dos seus representantes no Senado Estadual, apresentaram como imperativo organizar e enviar uma equipe que representasse a instrução pública paulista na Exposição Internacional de Saint Louis. Os senadores estaduais definiram e aprovaram uma verba em caráter extraordinário para tal fim como também o voto para a composição da comissão educacional para representar o Estado de São Paulo no campo educacional. Além de propor o envio de uma comitiva, agregaram a proposta de que os membros dessa própria comissão deveriam elaborar um relatório explicativo apresentando de maneira sucinta a condição a qual se encontrava a instrução pública na Província de São Paulo durante o período Imperial. Além disso, deveriam elucidar, e de maneira nada prolixa, as transformações progressistas sofridas por esse departamento após a proclamação da República e a atuação do regime republicano.

Essa comitiva de caráter educacional foi constituída excepcionalmente para representar o Estado de São Paulo estando presente no evento a partir do segundo semestre de 1904. As pessoas nomeadas foram: Oscar Thompson, diretor da Escola Normal de São Paulo; Carlos Reis, professor titular da cadeira de Língua Portuguesa; e também Horace Lane, diretor da Escola Americana e consultor da instrução pública

paulista. Um relatório foi preparado pelos três representantes no intuito de ser apresentado e distribuído no decorrer do evento para os participantes da Exposição.

Em São Paulo, a *Revista de Ensino* divulgou esse relatório em um artigo na sua edição de 1904. Esse mesmo relatório foi editado como livro com o título de *Education in the State of São Paulo*. Assim, foi consolidado por meio desse impresso as normas e as práticas pedagógicas que haviam sido apreendidas e circulavam no Estado de São Paulo, e possivelmente estavam sendo impostas em outras unidades da Federação.

3.2 A edição do livro *Education in the State of São Paulo*

O relatório produzido pelos educadores republicanos foi a materialização da consultoria de Horace Lane na instrução pública paulista. Ao analisar o detalhamento dos dados apresentados é possível perceber que Horace Lane estava inteirado do projeto de construção da instrução pública paulista como partícipe de tomada de decisões. Na capa do livro consta sua autoria juntamente com Oscar Thompson e Carlos Reis, como mostra a figura a seguir.

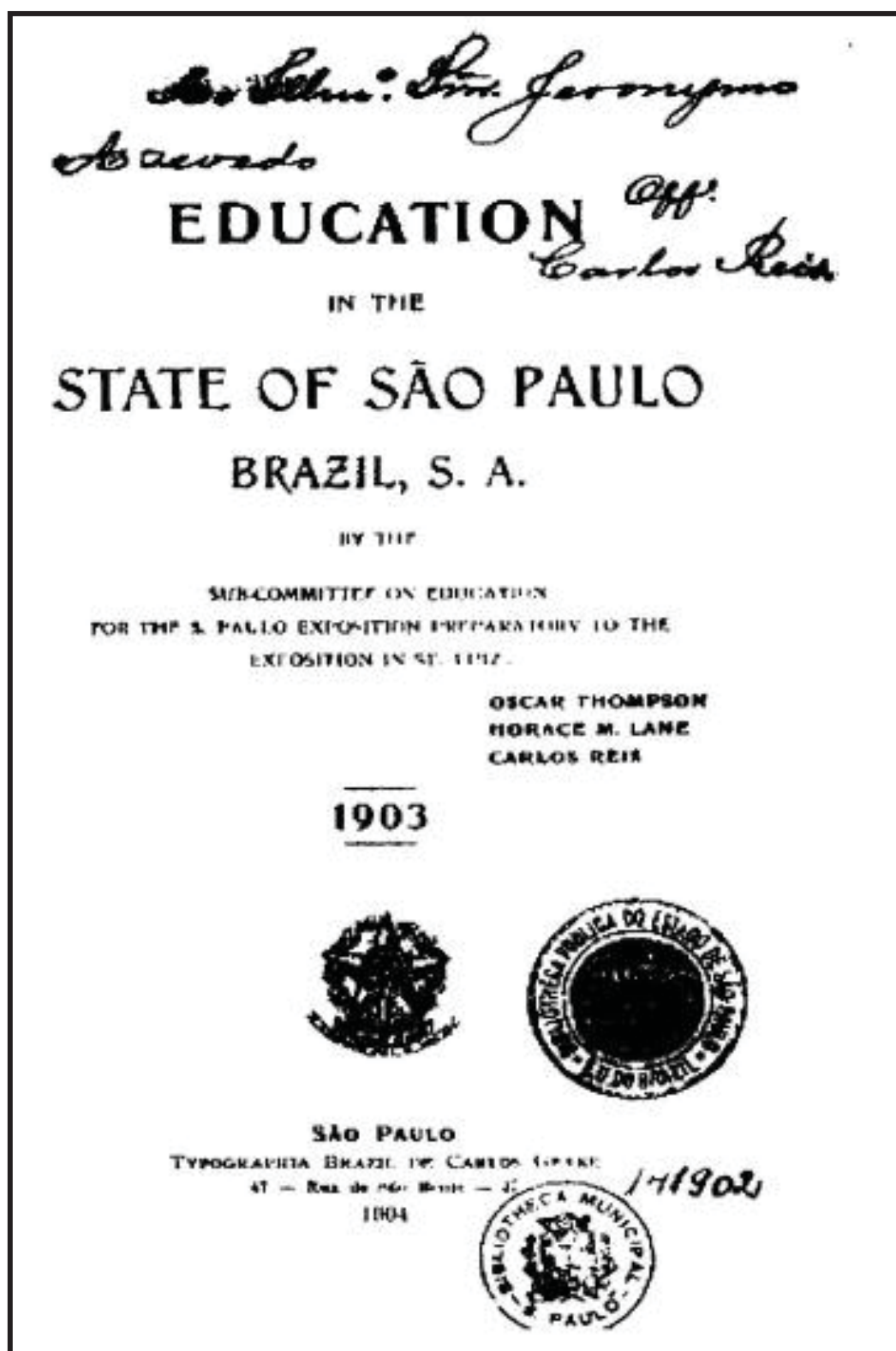


Figura 15: Capa do livro *Education in the State of São Paulo*
 Fonte: Thompson, Lane e Reis (1904)

Podemos aqui evidenciar o ponto de vista proposto por Roger Chartier em relação à produção escrita e sua relação com seus autores de que:

Os textos não existem fora dos suportes materiais de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou visão participam profundamente da construção de seus significados (CHARTIER, 1990, p. 62).

O subcomitê foi composto por três integrantes que compunham a elite do aparelho escolar na cidade de São Paulo. O mais conhecido em nossos dias, Oscar Thompson, que figura no universo da historiografia da educação pública paulista com maior visibilidade, foi normalista, bacharel em direito pela Faculdade do Largo São Francisco, exerceu a função de assistente da professora Márcia Browne, o que lhe proporcionou visibilidade entre os seus pares em 1892. Atuou também como diretor interino da Escola Modelo em 1893, como diretor titular em 1894, diretor da Escola Normal da capital em 1901, quando esta se encontrava instalada na Praça da República e ainda como diretor geral da Instrução Pública Paulista de 1909 a 1911. Em 1912 ele torna a dirigir a Escola Normal onde permanece por alguns anos. Em 1917 assume mais uma vez a direção geral da Instrução Pública Paulista até 1920, quando se aposenta (D'ÁVILA, 1946).

O professor Carlos Reis, outro representante na comissão, não é tão conhecido na atualidade, pois seus feitos não circularam tanto quanto os de Thompson. Também foi estudante na Escola Normal quando esta ainda estava instalada na Rua da Boa Morte, atuou como professor primário em escolas do interior no Estado de São Paulo. Obteve o bacharelado em direito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco de 1879-1883, como o colega Oscar Thompson. Em 1885 Reis assumiu o posto de segundo delegado da cidade de São Paulo e em 1886 foi eleito vereador. Em 1887 assumiu a cadeira de Língua Portuguesa na Escola Normal e foi também o sócio-fundador e primeiro secretário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, inclusive é a sua assinatura de secretário a qual encontramos no diploma de membro do Instituto Histórico e Geográfico de Horace Lane . Este diploma pode ser visualizado na imagem a seguir:



Figura 16: Diploma do Horace Lane do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
Fonte: Arquivo pessoal de Fred Lane, bisneto de Horace Lane

Horace Lane desde a primeira proposta de reforma da Instrução Pública Paulista participou nos bastidores da criação e instalação da Escola Modelo, “menina dos olhos” de Rangel Pestana e Prudente de Moraes, os grandes motivadores da Instrução Pública Paulista. Em 1904 ele dirigia a Escola Americana já conhecida como *Mackenzie College* que neste período contava com curso superior e continuava como consultor educacional da Instrução Pública Paulista. O documento produzido por essa comissão tinha como objetivo apresentar de maneira específica e completa o trabalho que estava sendo realizado no campo educacional da Instrução Pública Paulista após a implantação do regime republicano.

Neste trabalho, abordamos este documento sob a perspectiva de Nery em que os escritos são: “os mecanismos de legitimação de saberes e práticas pedagógicas a partir do momento em que os abordamos enquanto indícios de idéias circulantes” (NERY, 2008, p. 1). E Chartier (1990, p. 125) conclui que: “é grande a distância entre o relato pronunciado e a escrita impressa. Contudo, ela não deve fazer esquecer que são numerosos os seus laços”.

Nesse sentido é que analisaremos o livro *Education in the State of São Paulo*. Este documento possuía 64 páginas e contava com uma capa especialmente criada para a Exposição de Saint Louis indicando que havia sido preparado por um subcomitê para futura apresentação na Exposição de Saint Louis (WARDE, 2002). Ainda na capa estavam registrados os nomes dos autores e dois dos símbolos nacionais: o Brasão e o Selo da República dos Estados Unidos do Brasil.

O documento que foi produzido e posto em circulação para divulgar as práticas, apropriações e representações da instrução pública paulista era constituído de uma introdução, vários tópicos e uma sinopse elaborada pelo professor Ramon Rocca Dordal, apresentando a metodologia de como ensinar o sistema métrico de maneira intuitiva nas escolas primárias. A introdução do texto tem como título *Educação no Estado de São Paulo* apresenta a localização geográfica do Estado e a sua condição vantajosa diante dos seus pares no quesito educacional. Essa suposta superioridade paulista é materializada, imposta e divulgada por meio de impressos e também de acordo com Hilsdorf⁴⁷ (*apud* NASCIMENTO, 2006).

⁴⁷ HILSDORF

Os educadores paulistas passam a ser convidados a realizarem as reformas em outros Estados, a partir de 1890, com o intuito de organizar escolas em Estados como Ceará, Sergipe, Goiás dentre outros. Segundo Gonçalves (2002), Oscar Thompson recebe em 1896 um convite do governo do Maranhão, a fim de instalar uma Escola Normal na cidade de São Luís. Possivelmente entre 1900 e 1901 ele tenha se dedicado a esta atividade já que não há registro de outras atividades deste ator social neste recorte de tempo.

Os autores consideram essa prerrogativa em razão do novo regime de governo, a República Federativa implantada em 15 de novembro de 1889 solidificando a proposta da escola republicana sobre a escola do Império (NERY, 2009). Também valorizam a atuação de Prudente de Moraes como governador de fronteira ao iniciar a proposta de reestruturação da instrução pública que, segundo João Lourenço Rodrigues, a inspiração primária surgiu da leitura de um impresso de autoria de Hipeau. Mesquida (1994) afirma que a materialização dessa alternativa de escola ocorreu mediante o trabalho realizado pelo Colégio Piracicabano e a Caetano de Campos na condição de diretor reformador da Escola Normal, dando uma nova perspectiva à questão educacional paulista num momento em que o impresso de José Veríssimo *A Educação Nacional* sugeria um novo olhar para com a escola popular. O governador republicano entendia que a instrução do povo proporcionava crescimento econômico, político e social a um país (HILSDORF, 1977). Assim, ele parte da reestruturação da Escola Normal da capital e institui um plano piloto para a instrução pública paulista alicerçado em uma Escola Modelo para a formação de novos professores.

Nota-se que foi perceptível a intenção de apropriação por parte dos paulistas de espaço privilegiado no que se refere ao campo educacional que naquele momento estava sendo construído. Segundo o ponto de vista de Bourdieu, o espaço se define:

[...] entre outras coisas, através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são redutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar nesse campo. Para que um campo funcione é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo dotadas de hábitos que impliquem no conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa (BOURDIEU, 1993, p. 89).

A Exposição Internacional de Saint Louis possuía o ambiente favorável para o mapeamento do território em disputa em terras do Brasil e os republicanos paulistas estavam dispostos a jogar. Segundo o documento, o auge da reforma

educacional no Estado de São Paulo ocorreu na gestão de Bernardino de Campos como governador e Cesário Mota no cargo de Secretário do Interior. Assim, pode-se pensar que: “Os dados sobre a materialidade das publicações são reveladores de como as disputas pela hegemonia dos grupos são edificadas” (NERY, 2009, p. 6). Neste sentido, há evidências da preeminência demonstrada por São Paulo ao preparar o relatório de maneira independente e ainda enviar uma comitiva com recursos próprios à Exposição Internacional.

O relatório foi organizado por tópicos que tratam da organização escolar mediante uma estrutura verticalizada: Curso Preliminar, Escola Complementar, Escola Normal e Educação Secundária. Os tópicos subsequentes tratam da metodologia, publicações na área educacional, supervisão das escolas, Educação Superior, Educação Profissional Agrícola, Estatísticas Escolares. Mesmo sendo um relatório que tem como foco prioritário a instrução pública, foi concedido espaço para as instituições privadas, entre elas o *Mackenzie College*, de confissão protestante, aliado dos reformadores republicanos e algumas instituições católicas.

Entre as páginas do relatório estão as fotos do diretor reformador da Escola Normal Antonio Caetano de Campos, do Secretário do Interior e responsável maior pela instrução pública paulista, Cesário Mota e da diretora Miss Márcia Browne. Este relatório foi editado apenas uma vez. Não há muitas informações com relação à quantidade de exemplares produzidos e distribuídos tanto em São Paulo quanto na Exposição, mas importante reiterar que a *Revista de Ensino* o publicou, como já citado anteriormente neste trabalho.

No que diz respeito ao conteúdo, o texto contém uma tabela em que são apresentados dados estatísticos relacionados ao gênero e número de escolas que estão em funcionamento, número de estudantes e a quantia despendida para a manutenção do aparelho escolar paulista em Mil-Réis⁴⁸. São citadas a Biblioteca e o Museu mantidos pelo Estado de São Paulo e, por fim, uma sinopse das lições a serem usadas com o aparato para ensinar o sistema métrico nas escolas pelo método intuitivo. Concluiremos este capítulo fazendo uma breve análise panorâmica da instrução pública paulista, de acordo com o relatório que foi apresentado em 1904 em Saint Louis.

⁴⁸ Moeda vigente na época. Cada dólar equivalia aproximadamente a quatro mil réis.

3.2.1 Curso preliminar

Os reformadores paulistas ao organizarem o relatório a respeito da escola primária apresentaram de maneira sóbria o universo no qual ela estava assentada, porém evitando as mazelas. Assim, este tópico descreve como a instrução pública estava disseminada pelo Estado de São Paulo.

A proposta era instituir escolas de no máximo 40 alunos em localidades distantes dos grandes centros, onde havia famílias com crianças em idade escolar. Os professores para atuarem nessas escolas deveriam ser formados pela Escola Normal da capital com o intuito de difundir a proposta política pedagógica defendida pelos republicanos.

O conteúdo a ser ensinado nessas escolas seria o seguinte: leitura e os elementos da gramática, escrita e aritmética, as quatro operações e frações, geometria elementar, medidas de superfície e volume, sistema métrico, desenho livre, moral, noções de Governo Civil, Cosmografia e Geografia voltada para o Brasil e uma mais específica da geografia do Estado de São Paulo, Ciências, História do Brasil e biografias, Música, Ginástica e treinamento Militar.

O Estado de São Paulo contava com 58 grupos escolares, cinco Escolas Modelo (quatro na cidade de São Paulo e uma no interior na cidade de Itapetininga). Também foi mencionada a escola para órfãos mantida pelo Estado com o nome de Seminário das Educandas e uma escola correcional, o Instituto Disciplinar.

O capítulo é encerrado com uma nota de gratidão a uma das professoras que foi indicada por Horace Lane para assumir a direção e docência da Escola Modelo sediada na Rua da Boa Morte, na reforma de 1890. A seguir, o excerto que trata desta nota:

Para encerrar esse capítulo sobre a educação primária no Estado de São Paulo o nome do mais ilustre cooperador no grande trabalho do recém-falecido Caetano de Campos não pode ser omitido, a ilustre educadora americana senhorita Márcia P. Browne; nós, portanto registramos um voto de gratidão e prestamos essa homenagem ao seu nome pelo trabalho beneficente que ela realizou e por seus dedicados esforços em favor da educação primária no estado de São Paulo. Os métodos e processos adotados hoje em nossas escolas primárias, “Grupos” e Escolas Modelos são os que ela introduziu e colocou em prática; primeiro na Escola Modelo que carrega o nome do amado mestre Caetano de Campos; em seguida na escola “Prudente de Moraes” que ela organizou e dirigiu (THOMPSON; LANE; REIS, 1903, p. 15-16).

Pode-se perceber, por meio deste capítulo do livro, que a escola primária paulista foi apresentada pela comitiva na Exposição de Saint Louis como se estivesse de certa forma consolidada.

3.2.2 Escolas complementares

O relatório explicitava que para dar continuidade ao avanço da instrução primária foram criadas as escolas complementares que tiveram o seu objetivo redirecionado para a formação de professores para servirem no curso preliminar. Essa medida havia sido adotada em razão da pouca demanda na formação de normalistas via Escola Normal da Praça e a grande necessidade de prover as escolas que estavam distribuídas pelo Estado. O curso tinha a duração de quatro anos e com conteúdo programático que consistia em Português, Francês, Aritmética, Elementos de Álgebra, Equações do segundo grau, Planos e Sólidos Geométricos, Elementos de Trigonometria, noções de Mecânica e sua aplicação a máquinas simples: Elementos de Física e Química Experimental, História Natural, Geografia, Geografia e História do Brasil, Cosmografia, Elementos de Higiene e Economia Doméstica, Desenho Livre, Exercícios manuais e de Ginástica, adaptados ao sexo e idade dos alunos (THOMPSON; LANE; REIS, 1903).

Em todo o Estado se encontravam seis dessas escolas, duas delas localizadas na capital e as demais no interior, nas cidades de Itapetininga, Piracicaba, Campinas e Guaratinguetá. Os salários eram distribuídos da seguinte maneira: professor de Escola Preliminar, 300\$000 Réis (75 dólares), professor no Grupo Escolar 350\$000 Réis (87,50 dólares), professor na Escola Modelo 400\$000 Réis (112,50 dólares) e o salário do diretor era a soma do salário do professor mais um bônus de 50\$000 Réis (12,50 dólares).

A escola complementar foi apresentada como uma medida salutar encontrada pelos reformadores em razão do ritmo do progresso que acometia o Estado bandeirante graças à implantação da república.

3.2.3 Escola normal

A maior preocupação dos líderes da reforma educacional em todo o projeto de reestruturação da instrução pública estava centrada no programa de trabalho a ser desenvolvido pela Escola Normal, como as instalações, o mobiliário, o material pedagógico, o candidato ao curso, e incluindo os profissionais que estariam atuando na Escola Modelo. A referida escola estava instalada na capital do Estado de São Paulo e tinha como especificidade a missão de preparar os profissionais de ensino. O curso com duração de quatro anos estava aberto para ambos os sexos, mas com aulas ministradas em salas diferentes. O candidato ao curso era submetido a um exame prévio de seleção e ainda deveria portar o certificado de idade, reputação moral e vacinação.

Quanto ao programa de estudos, as matérias ensinadas eram as seguintes: Português e história da língua, Francês, Inglês, Latim, Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria, Elementos da Astronomia, Mecânica, Física, Química e História Natural, noções gerais de Anatomia, Fisiologia e Higiene, Geografia e História, Administração Pedagógica e Escolar, Governo Civil, Caligrafia e Desenho. Também faziam parte do programa mais algumas matérias divididas em sete aulas que eram as seguintes: Manutenção de Livros, Economia Doméstica, Exercícios Militares e Ginástica, Treinamento manual e Música. O curso havia sido constituído com uma forte presença das exatas buscando, segundo o parecer dos reformadores, uma melhor formação acadêmica para o normalista.

Para trabalhar com as disciplinas regulares os professores eram selecionados via exames e uma vez aprovados tornavam-se vitalícios na cadeira. Já os professores das demais disciplinas eram contratados como prestadores de serviço.

O complexo da Escola Normal contava com uma biblioteca de 10.000 volumes, um escritório de Física e História Natural, um laboratório de Química, Museu pedagógico, oficinas para treinamento manual, utensílios para o ensino e prática de ginástica e exercícios militares.

Uma vez concluído o curso o normalista encontrava-se apto e com preferência a ocupar o cargo de professor nas escolas preliminares e complementares. O salário dos docentes era de 500\$000 réis (125, dólares) e do diretor de 1.000\$000 réis (200 dólares). O professor oriundo da Escola Normal forjado nas práticas por ela

ensinada e se apropriado das suas representações teria a bênção dos republicanos para conduzir os destinos da instrução pública no Estado de São Paulo.

3.2.4 Educação secundária

O Estado de São Paulo possuía duas instituições públicas com este nível de instrução: uma na capital e uma no interior, na cidade de Campinas. Essas instituições objetivavam preparar os seus estudantes para cursar o ensino superior profissional.

A duração do curso era de seis anos com dezessete disciplinas ministradas durante esse período e duas classes. As disciplinas eram as seguintes: Francês, Inglês, Italiano, Alemão, Latim e Grego, Matemática elementar, elementos de Mecânica e Astronomia, elementos de Física, Química e História Natural, incluindo noções de antropologia, Geografia, Cosmografia e História Geral, Psicologia e Lógica, Desenho, Ginástica e Treinamento Militar. Essas duas escolas possuíam bibliotecas, escritório de Física e laboratório de Química.

Para ingressar no curso secundário era necessário ser aprovado em um exame de seleção. Ao concluir o curso, o estudante adquiria o título de Bacharel em Ciências e Letras. Os professores do curso eram eleitos por meio de exame de seleção e uma vez aprovados, o cargo passava a ser vitalício. Os salários eram equivalentes aos da Escola Normal.

O professor de maior visibilidade na instrução pública paulista era o que estava construindo carreira na Escola Normal. Daí as possíveis comparações entre os salários entre uma escola e outra.

A Escola Secundária de São Paulo contava com 145 alunos matriculados e a Escola Secundária de Campinas com 105 alunos. Com relação ao mobiliário dessas instituições, encontramos a seguinte nota:

Todas as instituições públicas de aprendizagem estão completamente mobiliadas com os melhores móveis escolares e materiais disponíveis nos mais avançados países do mundo, mas principalmente dos Estados Unidos da América (THOMPSON; LANE; REIS, 1903, p. 24).

Também é importante salientar que parte considerável da mobília era proveniente da América do Norte, talvez essa prática revelasse seriedade nos investimentos que estavam sendo realizados no campo educacional.

3.2.5 Método, publicações e supervisão nas escolas

A gestão da instrução pública em São Paulo tinha como padrão os Estados Unidos desde as atividades que eram realizadas em sala de aula como a aplicação do método, o mobiliário e o material pedagógico. Isso era apresentado constantemente no decorrer de todo o relatório. O trecho a seguir comprova isso:

Todas as instituições públicas de aprendizagem estão completamente mobiliadas com os melhores móveis escolares e materiais disponíveis nos mais avançados países do mundo, mas principalmente nos Estados Unidos da América (THOMPSON; LANE; REIS, 1903, p.8).

A prática do trabalho pedagógico utilizado e desenvolvido pelos educadores nas escolas públicas paulistas era o método intuitivo difundido pelos educadores norte-americanos.

No campo educacional circulavam dois periódicos voltados para as causas educacionais: a *Revista de Ensino*, editada pelos professores da instrução pública paulista, que tinha o objetivo de oferecer orientações na área pedagógica e também dar voz ao corpo docente do Estado. Outra publicação era o jornal *Educação*, editado por uma associação educacional.

A administração do sistema da instrução pública paulista tinha como líder maior o Presidente do Estado e o seu imediato era o Secretário do Interior. Na sequência da linha de comando, encontra-se o Inspetor Geral das Escolas e sob a sua gerência os inspetores de distritos. As escolas de cada cidade estavam sob os cuidados do prefeito local e de seus respectivos auxiliares ligados a instrução pública, como pode ser notado no excerto a seguir: “Os Inspetores escolares são bem pagos e completamente independentes de influências externas na realização de seu trabalho” (THOMPSON; LANE; REIS, 1903, p. 26, tradução do autor).

Havia a preocupação, por parte do subcomitê, de relatar as práticas e representações que haviam sido apropriadas do modelo norte-americano no gerir o aparelho escolar e que estavam em andamento nas escolas distribuídas pelos municípios em solo paulista (THOMPSON; LANE; REIS, 1903).

3.2.6 Educação superior

Naquela época havia, no Estado de São Paulo, em funcionamento duas instituições de ensino superior que eram a Faculdade de Direito no Largo São Francisco, fundada em 11 de agosto 1827, mantida pelo governo federal, e a Escola Politécnica, fundada em 15 de fevereiro de 1894, conservada pelo governo estadual.

O curso de Direito tinha duração de seis anos e o currículo era composto pelas seguintes matérias: Filosofia da Lei, Direito Internacional Público e Privado; Diplomacia, Direito Público e Constitucional, Política, Economia, Ciência Administrativa, Medicina Legal, Direito Romano; Direito Civil Criminal e Comercial; Teoria e Prática de Procedimentos Legais, Casos Comerciais e Criminais, Legislação Comparativa. Essas matérias eram distribuídas entre 16 disciplinas com 16 professores efetivos e oito substitutos. A Faculdade de Direito foi o ambiente de maior aderência ao pensamento liberal desde a sua fundação até a proclamação da República, e responsável pela formação de diversos dos republicanos históricos (HILSDORF, 1977). Essa Instituição publicava uma revista por ano sobre fatos acadêmicos e artigos jurídicos produzidos por professores.

Uma outra instituição que proporcionava curso superior era a Escola Politécnica que tinha como base um Curso Preliminar com duração de um ano. Essa formação era básica para dar continuidade aos cursos especiais de Engenharia, Mecânica, Construção, Contabilidade e Manutenção de livros. O corpo docente era formado por 28 professores regulares e 14 substitutos e ainda oito instrutores, todos com cargos vitalícios. A faixa salarial dos professores era de 700\$000 réis (175 dólares), um substituto recebia 500\$000 réis (125 dólares); o instrutor tinha um salário de 400\$000 réis (100 dólares) e o reitor além de receber o salário de um professor recebia ainda como complemento a quantia de 1.000\$000 réis (250 dólares) mensalmente.

3.2.7 Educação profissional agrícola

A Escola Agrícola do Estado de São Paulo foi concebida em dezembro de 1901 numa área de terra denominada como fazenda São João da Montanha situada na cidade de Piracicaba e doada ao Estado pelo Sr. Luiz Vicente de Souza Queiróz no intuito de estabelecer uma instituição de ensino voltada para a agricultura. A escola

recebeu a alcunha de *Escola da Agricultura Prática Luiz de Queiróz*. O curso com duração de três anos era composto pelas seguintes matérias: Matemática, Física; Meteorologia e Climatologia; Química Mineral, Orgânica e Agrícola; Botânica; Fitopatologia; Zoologia e Geologia; Mecânica Aplicada; Coleta de Dados e Desenho; Ciências Zootécnicas; Arte Veterinária, Higiene de Animais de Fazenda; Economia Rural e Manutenção de Livros; mas tudo voltado para os fins práticos da agricultura. Ao concluir o curso o estudante recebia o título de Agrônomo.

A faixa salarial dos professores era de 500\$000 réis (125 dólares), o instrutor 350\$000 réis (87,50 dólares) e o mestre de cultivo 300\$000 (75 dólares).

Na área da agronomia ainda existia mais três escolas para formar profissionais mantidos por recursos municipais. Uma delas estava localizada no município de Iguape cujo nome era Escola de Aprendizagem Agrícola Bernardino de Campos. O curso tinha duração de dois anos e era composto das seguintes matérias no primeiro ano: Botânica Agrícola, Noções de Anatomia e Morfologia, Zoologia Agrícola, Ideias Gerais sobre Animais Domésticos, Aritmética Prática, Agronomia Geral e Prática em Campo. No segundo ano as disciplinas eram: Botânica e Noções de Fisiologia Sistemática das Plantas, Agricultura Geral, Indústria Animal, e revisão das matérias do primeiro ano com atividades práticas nas plantações e experimentos em fase de testes.

As outras duas escolas agrícolas mencionadas estavam localizadas nos municípios de Batatais e Araras.

Seguindo as orientações gerais do Comitê organizador da Exposição de Saint Louis, os paulistas elaboraram um gráfico estatístico que foi solicitado para cada país, que deveria apresentar os investimentos feitos no aparelho escolar. Isso objetivava provocar em cada participante o comportamento de autoanálise sobre o índice de desenvolvimento alcançado em relação ao montante aplicado em educação (WARDE, 2003).

3.2.8 Estatísticas escolares

A seguir, apresentamos o quadro com os dados apresentados anteriormente.

Designação	Número de escolas				Número de alunos		
	Masculinas	Femininas	Mistas	Total	Homens	Mulheres	Total
Escolas preliminares							
Escolas Estaduais	1446	938	120	2504	15906	14774	
Escolas Municipais	406	410		816	2967	3153	
Escolas Noturnas	72			72	2160		
Jardim da Infância			1	1	83	98	
Grupos	3	2	53	58	18982	20128	
Escolas Modelo			5	5	1098	1194	
Orfanatos		1		1		100	
Escolas Correcionais	1			1		35	
Escolas normais							
Complementar (primário normal)			6	6	512	739	
Escola Normal (curso secundário)			1	1	100	186	
Escolas Secundárias							
Ginásio	2			2	250		
Educação Superior							
Faculdade de Direito	1			1	444		
Escola Politécnica	1			1	159		
Escolas Agrícolas							
Escola Luiz de Queiróz de Agricultura Prática em Piracicaba	1			1	33		
Dr. Bernardino de Campos, Escola de Aprendizagem Agrícola, em Iguape	1			1	29		
	1934	1351	186	3471	42768	39372	

Quadro 1: Estatísticas escolares relacionando as escolas com número de alunos

Fonte: (THOMPSON; LANE; REIS, 1903, p. 34)

É importante salientar que ainda existiam duas instituições que cooperavam com as escolas em nível primário, secundário e superior. Uma delas era a Biblioteca Pública, fundada em 7 de setembro de 1896, que contava com um acervo de 25.000 livros e recebia a visita de 40.000 visitantes por ano. A outra era o Museu Paulista, inaugurado em 7 de setembro de 1895 localizado no morro do Ipiranga em comemoração a declaração de Independência no ano de 1822 pelo Príncipe Regente Dom Pedro I. O museu possuía vasto material nos campos da Etnografia, Arqueologia, Numismática, Relatos Históricos, e ainda uma divisão ocupada pela História Natural e livros distribuídos por dois andares.

3.3 O custo da instrução pública

Por meio do orçamento previsto pela arrecadação de impostos no Estado de São Paulo era possível perceber a importância que dispensava ao ensino público.

Designação	Quantia em MIL RÉIS	Quantia em DÓLARES
Escolas preliminares, noturnas e grupos escolares	4.090:000\$000	1, 022, 500
Subsídios dos municípios às suas escolas	500:000\$000	125000
Subsídios para instituições privadas de aprendizagem	318:200\$000	79550
Jardim da infância	41:160\$000	10290
Escolas modelos	384:140\$000	96035
Orfanatos	92:380\$000	23095
Escolas correcionais	77:400\$000	19350
Escolas complementares	290:500\$000	72625
Escolas normais	199:280\$400	49820
Ginásio	331:200\$000	82800
Escolas politécnica	562:200\$000	140550
Escolas agrícolas	88:400\$000	22100
Inspeção de escolas	105:000\$000	25250
Para compra de material escolar	240:000\$000	60000
Biblioteca pública	30:000\$000	7500
Museu paulista	69:960\$000	17490
Professores aposentados	332:100\$000	83025
Subsídios para jovens homens que estudam Música e Pintura	20:000\$000	5000
TOTAL	7.771:920\$000	1942980

Quadro 2: Custo da instrução pública paulista em 1904

Fonte: (THOMPSON; LANE; REIS, 1903, p. 39)

3.4 Instituições privadas

O Estado de São Paulo desde tempos remotos estimulava e favorecera a iniciativa de particulares para a abertura de escolas em seu território pretendendo com este auxílio criar líderes empreendedores em condições de projetar o Estado a um patamar de hegemonia política, econômica e social diante dos seus pares.

O Estado de São Paulo possuía naquela época, segundo os dados de um último levantamento anterior à Exposição de Saint Louis, 800 instituições de ensino no âmbito particular. Essas instituições eram distribuídas em todos os segmentos desde as escolas primárias, noturnas, secundárias e de nível superior, também de nível técnico e

profissional e que em alguns casos trabalhavam em regime de internato, cobrindo um total de 24 mil estudantes. Neste relatório são citadas apenas as escolas de maior expressão para o Estado de São Paulo.

3.5 Seminário episcopal

Instituição fundada pelo Bispo Antonio Joaquim de Melo em 9 de novembro de 1856, com o propósito de preparar o jovem do sexo masculino para o serviço leigo da igreja, para o sacerdócio e para o trabalho. Essa escola mantinha 550 alunos matriculados.

3.6 A Escola Americana e o Colégio Mackenzie

Em 1870 o Reverendo George Chamberlain fundou na capital do Estado de São Paulo a Escola Americana transplantando para as plagas paulistas o modelo de escola norte-americana. Ainda nos idos de 1877 foi implantado na Escola Americana o Jardim da Infância.

Em 1885 é instalada a Escola de Treinamento Manual tendo como mentor um educador que havia prestado serviços a uma escola na Suécia. Também contava com uma Escola Normal tendo em sua direção a professora *Miss Browne*.

Em 1896 a Escola Americana passou a ser chamada *Mackenzie College*, uma homenagem ao filantropo John Theron Mackenzie, que doou uma quantia enorme de dinheiro à instituição. A intenção do doador era construir uma escola de Engenharia no Brasil. A instituição americana deixou de ser administrada pela *Brasil Mission* e passou a ser conduzida pelo *Conselho de Trustes* de Nova Iorque e, consequentemente, foi incorporada ao alvará da Universidade desse mesmo Estado.

O Mackenzie era mantido por mensalidades pagas por seus alunos e por doações providas de instituições cristãs e de amigos oriundos dos Estados Unidos. Segundo o diretor da instituição, essas doações eram de grande importância para a manutenção da instituição. O Mackenzie oferecia a Escola Primária, Intermediária e Secundária em duas seções: a científica e a literária. De acordo com o último relatório de 1903, o Mackenzie contava com 624 estudantes matriculados.

O *Mackenzie College* era naquele momento a escola modelar para a instrução pública paulista, pois abrangia o ensino desde o jardim da infância até o curso superior (ABREU, 2003).

3.7 A escola livre de farmácia

Esta escola de nível superior foi fundada em 22 de novembro de 1898 na capital do Estado de São Paulo com a opção de formar bacharéis em Ciências Naturais e Farmacologia, com cursos especiais de Odontologia e Obstetrícia. O número de matrículas dessa escola era de 267 estudantes de ambos os sexos. Entre os estudantes do curso de Farmácia encontrava-se o jovem formando Frederico Lane, filho do diretor do *Mackenzie College*. A figura a seguir mostra o diploma dele.



Figura 17: Diploma de Frederico Lane

Fonte: Arquivo particular de Fred Lane, bisneto de Horace Lane

3.8 Escola prática do comércio

A organização dessa instituição é de 1902 com o objetivo de oferecer formação técnica e profissional na área comercial. A duração do curso era de três anos e contava com 140 alunos matriculados.

3.9 Liceu de artes e ofícios

O Liceu foi fundado em 1880, com o propósito de preparar jovens para o trabalho nas indústrias, sendo subsidiados pelos empresários, pois boa parte dos estudantes era de camadas mais carentes da população. A escola tinha sede própria.

3.10 Instituto Ana Rosa

Essa escola também buscava atender os meninos pobres na condição de pensionistas buscando prepará-los para o mercado de trabalho. Os recursos para a manutenção dessa instituição eram de capital particular, provindos de fundos oriundos do testamento da falecida Dona Ana Rosa de Araújo. Sua sede, com fundação em 1875, era própria e bem equipada.

3.11 Escola Dona Carolina Tamandaré

A escola foi planejada para atender meninas pobres com o objetivo de prepará-las nos conhecimentos básicos e nas artes domésticas para serem exímias esposas e donas de casa. A instituição era mantida com capital particular oriundo da família que a projetou. O número máximo que a escola comportava de estudantes era de 60 alunas em regime de pensionato.

3.12 O Liceu Coração De Jesus

O Liceu, fundado em 1886, foi um investimento dos padres Salesianos com o objetivo de receber alunos pobres e prepará-los para o mercado de trabalho por meio da formação profissional. O edifício contava com oficinas e salas de aulas e os

estudantes eram pensionistas. As escolas salesianas eram encontradas em várias partes do Estado de São Paulo em cidades como Lorena, Campinas, Botucatu entre outros municípios.

3.13 Outras escolas

Entre as demais escolas localizadas no Estado de São Paulo de relevância para serem mencionadas neste relatório encontramos o Ateneu de Jaú, o *Kingston College* em Sião, a Escola Patrocínio em Itu, as escolas maçônicas mantidas pelo Grande Oriente e as Escolas do Círculo de São José.

Ainda se fazia relevante referir entre outras as escolas maternas fundadas pela Associação de Beneficência e Educação, num total de 28 escolas primárias, além de um liceu para moças, um asilo para senhoras, uma creche para atender as crianças dos trabalhadores de baixa renda. O total de pessoas atendidas era de 1.071 beneficiados.

Apoiando o trabalho das instituições escolares havia o Instituto Histórico e Geográfico, Sociedade de Etnografia e Civilização dos Índios, Centro de Ciência, Letras e Artes de Campinas, a Sociedade Científica de São Paulo, além de várias bibliotecas particulares que estavam à disposição da população discente. Também a biblioteca do Dr. Eduardo Prado, o Museu do Sr. Francisco Barros Cavali na cidade de Boa Vista das Pedras.

O zelo e interesse das autoridades e do público em geral acerca deste grande problema de como melhor educar o povo, permite-nos prever que, num futuro não tão remoto, progresso ainda maior será feito e grau ainda maior de eficiência será atingido, isto ganhará a aprovação daqueles cidadãos patriotas que tem dado suas melhores ideias para avançar este mais importante interesse (THOMPSON; LANE; REIS, 1903, p.18-19).

A escola republicana paulista adquire visibilidade no cenário nacional tendo como ponto de projeção a Exposição de Saint Louis que contribuiu de maneira expressiva, fazendo com que circulasse diante dos seus pares por meio do impresso e da comitiva, as apropriações, práticas e representações impondo-se como Estado privilegiado e adiantado no campo educacional. Nesse sentido, podemos apontar Horace Lane como o precursor que conduziu essa missão do governo paulista ao exterior por ser o mediador e interlocutor cultural.

3.3 Outras viagens

Após algumas reflexões realizadas ao longo do texto podemos ponderar que desde a chegada do Reverendo James Fletcher em 1851, as notícias a respeito do modelo de educação que era executado nas escolas norte-americanas começaram a circular com mais intensidade tanto na Corte como na capital da Província de São Paulo. Essas informações eram proferidas nas reuniões que aconteciam nas embaixadas instaladas na Corte ou nos encontros arranjados pelo missionário em jantares com os representantes do segmento político e econômico. Também por meio dos artigos jornalísticos que eram produzidos e disseminados nas faculdades entre os estudantes e, em especial, os acadêmicos de Direito.

Entre os americanófilos encontrados na capital, encontrava-se o professor Tell Ferrão⁴⁹ instalado na Faculdade de Direito no Largo São Francisco que desde o início dos anos 50 do século XIX fazia jus a tais informações.

No final dos anos de 1860 circulava uma carta, por entre os jovens que compunham a elite paulistana, escrita por um dos rapazes da família Paula Sousa, estudante nos Estados Unidos. O autor da carta era o estudante de engenharia R. Paula Sousa e relata a um dos seus amigos com domicílio na capital da Província de São Paulo o que ele estava percebendo a respeito da educação que era ministrada nos Estados Unidos. A seguir, apresentamos um trecho desta carta:

Nós míseros cidadãos brasileiros, não temos ideia, nem podemos ter, do imenso apreço em que o yankee tem a escola. É uma das principaes, sinão a principal questão, do condado, da cidade. Os homens mais activos e conceituados são eleitos para fazer parte do conselho de educação... É que a educação é para o americano do norte como a carne e o pão de que necessitam todos os dias. Por isso é também o povo mais instruído, o mais activo, o mais livre e o mais poderoso do mundo. Pudéssemos nós imita-lo! Pudéssemos esquecer as velhas e corruptas formulas a que vivemos subjugados, olvidando-nos de que vivemos também no continente americano! [Morse, 1970, p. 188].

Os educadores “amigos do progresso” já ouviam essas e outras informações advindas da região norte do continente a respeito do quesito educação, mas

⁴⁹ Tell Ferrão Professor na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, entre os anos de 1856 e 1860. Simpatizante da cultura americana e enfático divulgador da mesma entre seus alunos, como Tavares Bastos, Rangel Pestana e Prudente de Moraes (HISDORF, 1986).

plausivelmente sem ter o livre acesso a tais escolas para poder testemunhar e adaptar ao que lá estava sendo produzido. Com a instalação das Escolas Americanas de confissão protestante em plagas paulistas, na segunda metade do século XIX, foi que os educadores paulistas puderam testemunhar *in loco* o modelo educacional tão alardeado pela imprensa e pelos políticos como Tavares Bastos, Rangel Pestana e Prudente de Moraes.

Os senhores deveriam ir aos Estados Unidos. Muitos dos problemas que dedicadamente estudam para resolver aqui, lá já se acham em completa execução (REVISTA DE ENSINO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSADO PÚBLICO DE SÃO PAULO, 1903, p. 193-195).

Mas a primeira viagem planejada e executada com fins estritamente educacionais foi a que empreenderam os membros da comitiva paulistana para assistirem ao evento da Exposição Internacional de Saint Louis em 1904 na Luisiana. O professor e diretor da Escola Normal Oscar Thompson, além de participar da Exposição também dedicou algum tempo aos estudos da pedagogia aplicada nas escolas norte-americanas:

Oscar Thompson foi o primeiro herdeiro imediato dos primeiros reformadores republicanos. Herdou e intensificou as relações com Horace Lane, que manteve vivo o diálogo da escola pública paulista com experiência pedagógica presbiteriana, além disso, abriu canais diretos de comunicação de Thompson com os Estados Unidos, tanto em Nova York como em Massachussets, o que teria facilitado viagens do próprio Thompson como de outros professores do ensino público paulista (WARDE, 2003, p.158).

Essa primeira viagem com fins educacionais aos Estados Unidos foi liderada por Horace Lane. Ele tinha contatos importantes para os fins propostos e poderiam se tornar relevantes para os educadores paulistas que estavam reestruturando a instrução pública. Segundo Monarcha (1999), esta visita, em particular, para Oscar Thompson, tenha causado impacto sobre o ponto de vista educacional.

Além disso, estabelecerá um estreito laço com Horace Lane, que será fundamental para as próximas visitas que fará aos Estados Unidos, durante a primeira década do século XX. Uma hipótese possível, porém não confirmada é a de que Oscar Thompson era maçom tal qual Horace Lane, daí a identidade estabelecida entre eles (NERY, 2009, p. 31).

A figura a seguir mostra o diploma de maçom de Lane.



Figura 18: Diploma de maçom de Horace Lane

Fonte: Arquivo pessoal de Fred Lane, bisneto de Horace Lane

Essa viagem aos Estados Unidos serviu como fonte motivadora para que num futuro breve outras fossem realizadas por educadores mesmo que não recebessem auxílio do governo do Estado para realizar tamanha empreitada. Mas de alguma forma as palavras proferidas por Horace Lane na sede da Sociedade Beneficente do Professorado Paulista estavam provocando reações significativas nos docentes.

No decorrer do ano de 1907 o inspetor geral da instrução pública paulista, João Lourenço Rodrigues, foi por conta própria aos Estados Unidos para observar de perto o trabalho pedagógico que era realizado lá e adquirir novas informações e material de caráter informativo. Como resultado dessa experiência, buscava adquirir um novo olhar a respeito da prática pedagógica que vinha sendo aplicada na ainda incipiente instrução pública republicana no Estado de São Paulo. Enquanto realizava os seus afazeres na cidade de Boston, o educador paulista tem um encontro inesperado com a pioneira do ensino primário, a professora Márcia Browne:

É uma página “damiciana” essa a que nos legou, a propósito de *Miss Browne*, quando a descobriu na grande cidade de Boston. A norte-americana ligara seu nome a nosso ensino, de 1890 a 1896. “Mulher-homem” que governava homens tudo fizera pelas nossas crianças. Traçara métodos de ensino, normas didáticas, cuidara das salas de aula, planejara material nos melhores moldes pedagógicos. [...] Á rua Spruce, 23, em Malden. *Miss Márcia Prescilla Browne* está velha, alquebrada, corcunda. Não tem mais no olhar o brilho que outrora, há 20 atrás, intimidava a buliçosa criança paulistana. [...] Ela não o reconhece de pronto, mas passando o minuto rememorativo, ouvindo-o, reúne as lembranças e por fim o abraça com efusão, os olhos cheios de lágrimas. [...] “De seus lábios irrompem, então, uma torrente de palavras, a indagar dêste ou daquele, radiante quando informava da bela carreira de alguns de seus discípulos, pezarosa ao saber da morte de outros”. À partida, “ao dobrarmos a primeira esquina, lancei um último olhar à Casa Bemvinda. Seu perfil ficou estereotipado em minha mente e em meu coração, como uma das recordações mais gratas de minha passagem pela terra de Washington e Horace Mann (D’AVILA, 1946, p. 98).

Uma vez de volta a São Paulo, João Lourenço Rodrigues apresentou o seu relatório de acordo com o seu ponto de vista a respeito do que havia testemunhado da pedagogia aplicada nas escolas norte-americanas, inclusive com reedição no *Anuário de Ensino de 1909 e 1910*, que foi elaborado e publicado por Oscar Thompson. João Lourenço Rodrigues agradece por meio da mídia impressa a gentileza demonstrada por Horace Lane e Oscar Thompson pelas cartas de apresentação que ambos fizeram no intuito de facilitar o seu acesso às escolas públicas, uma vez estando nos Estados Unidos da América (CATANI, 1989).

[...] Embora encontrasse acesso fácil e acolhimento cordial por parte das autoridades escolares facto que attribúo às boas cartas de recommendação que me forneceram o illustre dr. Horacio Lane, director do Collegio Machenzie e o meu particular amigo dr. Oscar Thompson, digno inspector geral de Ensino (ANUÁRIO DO ENSINO DE SÃO PAULO, 1909-1910, p. 204).

Outro ator social que realizou empreitada semelhante foi o professor alagoano Manuel Ciridião Buarque que deixou a Faculdade de Direito no Recife e foi lecionar na Província do Rio de Janeiro. Pouco depois fixou residência definitiva na província paulista, onde assumiu a direção da Escola Neutralidade substituindo João Köpek.

Em 1890 Manuel Ciridião Buarque assumiu a cadeira de Pedagogia na Escola Normal de São Paulo, amigo de Caetano de Campos e Silva Jardim. Sendo um americanófilo, no início da década de 20 do século XX, assim como João Lourenço Rodrigues, empreendeu viagem de estudos para os Estados Unidos, contudo sem contar com o auxílio financeiro oriundo do poder público.

Em Nova York foram incontáveis as suas atividades educacionais, encaminhando estudantes brasileiros às escolas norte-americanas e mantendo um escritório- “Brazilian Bureau of American Education”, com o objetivo de incentivar as relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos. A convite do diretor da Universidade de Colúmbia em Nova York e sob os auspícios da “Pan-American Division” fundou o primeiro “Curso de Português”, a fim de difundir o ensino da nossa língua entre os norte-americanos, que julgavam suficientes para as suas relações com o nosso país [...] (D’AVILA, 1946, p. 93-94).

Os professores republicanos iniciaram um movimento de peregrinação pela Europa e também pelos Estados Unidos em busca de informação, formação e material didático para dar melhor qualidade e visibilidade ao trabalho pedagógico, tanto na formação dos novos profissionais da educação como também ao trabalho que estava sendo desenvolvido em sala de aula com as crianças. Esse novo olhar proposto pelo grupo formado por intelectuais do planalto de Piratininga estava propondo uma nova configuração para a efetuação da instrução pública no alvorecer do novo século. Dessa maneira, o Estado de São Paulo passou a influenciar o trabalho educacional no âmbito da instrução pública com o seu processo de produção e circulação das suas práticas, representações, apropriações e imposições dos seus saberes pedagógicos para a maior parte dos Estados da Federação.

O parecer de Marta Carvalho é que enquanto:

Assíduos viajantes, leitores ávidos, os intelectuais que de algum modo tomaram a si a tarefa de remodelar o imaginário e as práticas pedagógicas no país são personagens-chave na elucidação dos processos materiais de produção, circulação e apropriação dos saberes pedagógicos no Brasil. Em um período histórico em que, no país as iniciativas editoriais são escassas, dispersas, descontínuas e, na maior parte dos casos, voluntaristas, a intervenção desses intelectuais não pode ser subestimada. Os crivos que configuram a apropriação que fizeram do que leram, viram, ouviram e vivenciaram na sua privilegiada itinerância por circuitos culturais estranhos à grande maioria das populações brasileiras, foi determinante na configuração de suas estratégias de imposição de modelos pedagógicos (CARVALHO, 2000, p. 40).

Os educadores republicanos se apropriaram do ponto de vista apresentado pelos educadores protestantes oriundos dos Estados Unidos que creditavam ao fator educacional maior grau de responsabilidade em sanar os males da sociedade. Portanto, saíram dos limites geográficos das terras do Brasil em busca não só de instrumentos, mas também de formação para tornar o aparelho educacional republicano apto para a tarefa.

4 A PARCERIA DE OSCAR THOMPSON E HORACE LANE JUNTO À INSTRUÇÃO PÚBLICA PAULISTA (1909-1910)

A cidade de São Paulo no final do século XIX havia passado por uma ampla reforma na sua infraestrutura, economia e arquitetura, e uma alteração na diagramação das ruas. Também ocorreu a valorização dos prédios e dos espaços públicos, os quais haviam sido redesenhados para atender melhor a população que aos poucos deixava as fazendas e o interior e fixava domicílio na capital (MONARCHA, 1999). Os novos moradores da cidade chegavam à busca de melhores condições para gerenciarem os seus negócios, ou a procura de melhores oportunidades de trabalho. Havia também outro grupo de relativa significância que era composto por estudantes tanto para cursar o ensino secundário como o superior. Entre esses estudantes estavam os normalistas do final do século XIX embalados pelas preleções do professor Antonio Silva Jardim de ideal positivista e discípulo incondicional de Augusto Conte. Essa juventude normalista simpatizava cada vez mais com a ideologia liberal (MONARCHA, 1999).

Segundo Nery (2009), Oscar Thompson figura entre os estudantes da Escola Normal a partir de 1889 em meio às reformas iniciadas por Caetano de Campos. Em 1890, enquanto normalista, participou do planejamento, elaboração e execução do projeto que visava à criação do Grêmio Literário *Arcádia Normalista*. Em relação ao Grêmio Literário, Oscar Thompson ganha destaque diante de seus pares chegando a ocupar o cargo de presidente do projeto (GONÇALVES, 2002). Em 1891 ele concluiu o curso Normal. Logo após a formatura, seu nome é cogitado para trabalhar como professor adjunto na Escola Modelo o que, de fato, ocorre. Assim, ele participa da equipe de *Miss Browne*.

Em 1893 a diretora da Escola Modelo reclama o seu período de férias para retornar a sua terra natal e consegue uma temporada de seis meses. Indica para ser o seu sucessor um de seus auxiliares adjuntos, Oscar Thompson. No curto período de tempo em que ocupou o cargo de diretor interino da Escola Modelo, Oscar Thompson com mais alguns dos seus colegas de trabalho compartilhavam da opinião de que as práticas pedagógicas realizadas pelos professores da Escola Modelo deveriam circular entre os professores do ensino público paulista. Essa alternativa deveria efetuar a tarefa de divulgação entre os professores da instrução pública de ensino com relativa eficácia e

ao mesmo tempo com certo grau de eficiência a respeito das novas possibilidades em matéria de ensino (CATANI, 1989).

A alternativa encontrada foi editar uma revista mesmo sem auxílio financeiro do Governo. e dividir os custos entre os membros do conselho editorial, que era composto por Oscar Thompson e outros professores como Benedito Tolosa, Joaquim de Sant'Anna e Antonio Rodrigues Alves Pereira. Em 1893 é publicado o primeiro número da revista *Escola Pública*. Os artigos eram especificamente produzidos pelos professores da Escola Modelo apresentando as orientações pedagógicas presentes nela (NERY, 2009).

Em 1895, Thompson inicia o curso de Direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais no Largo São Francisco. Neste período, ele se consolida no cargo exercendo a função de diretor da segunda Escola Modelo anexa à Escola Normal.

Nessa época, existiam dois grupos distintos morando na capital do Estado de São Paulo. Um deles era constituído por estudantes que chegavam à capital para o exercício da vida acadêmica na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, patrocinados pelos pais sem as preocupações básicas com o custo da moradia, alimentação, vestuário e outras despesas (GONÇALVES, 2002). O segundo grupo era oriundo de famílias não tão abastadas, que precisavam trabalhar a fim de custear suas próprias despesas. A este grupo pertence o calouro Oscar Thompson, trabalhando na Escola Modelo do Carmo para poder se manter como estudante no curso de Direito.

A figura do diretor no universo da instrução pública paulista era algo inusitado, pois, em sua maioria, as escolas eram compostas de uma única sala com alunos em idades e grau de entendimento distinto e onde o próprio professor assumia as despesas do aluguel, mobília e material didático bem como as responsabilidades administrativas (GONÇALVES, 2002).

Dessa forma, começa a surgir no cenário da instrução pública paulista, no final do século XIX, a identidade e o espaço profissional, político e econômico do diretor de escola.

Visando imprimir em todas as escolas do Estado de São Paulo, o ensino renovado o governo adotou a mesma concepção aplicada às escolas-modelo, isto é, um centro de irradiação, um elemento, no caso o diretor, capaz de garantir a transformação da antiga escola de primeiras letras em uma escola primária moderna (SOUZA, 1998, p. 77).

Percebe-se que a linha de trabalho adotada na Escola Modelo com professores responsáveis pelo ensino dos alunos e a presença do diretor para gerenciar os assuntos mais amplos correspondentes à escola passa a ser o anseio para toda a rede de ensino do Estado.

4.1 A parceria entre Oscar Thompson e Horace Lane

O diretor de escola de maior expressão na capital bandeirante, naquele período, diante da opinião do governo republicano era o diretor da Escola Americana, Horace Lane. A Escola Americana no contexto de início da primeira República e por estar localizada na capital do Estado de São Paulo naquele momento era o referencial maior dos pioneiros republicanos no mote de inspiração para o projeto a ser implantado em todo o território paulista. Foi de onde o Governo obteve as duas primeiras diretoras, a professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade para o gênero feminino e a professora Márcia Browne para o masculino, ambas para a Escola Modelo, que era anexa à Escola Normal (RODRIGUES, 1930).

Horace Lane esteve por várias vezes nas instalações da Escola Normal e na Escola Modelo a convite do Caetano de Campos e também de *Miss Browne* (RODRIGUES, 1930). Quiçá tenha em algum momento se dirigido ao corpo de estudantes proferindo palestra na área da saúde, pois era médico assim como Caetano de Campos, ou articulando uma fala a respeito das oportunidades que estavam esperando por eles, estudantes paulistas, nos Estados Unidos, ou aparecesse algumas vezes para assistir apresentações especiais realizadas pelos alunos.

Levando em consideração o que Serra (2010) fala sobre as associações discentes, pode-se pensar que Oscar Thompson tenha feito algumas visitas à Escola Americana e realizado entrevista com o diretor na condição de estudante. Isso se deve ao fato de que o corpo discente da Escola Normal, em 1888, já havia fundado a sua primeira associação discente com teor político, o *Club Republicano*. Em 1889 o calouro Oscar Thompson inicia outra associação na mesma escola, no entanto, com característica literária. Isso denota uma nova postura que vinha sendo desenvolvida pelos estudantes da Escola Normal de São Paulo.

É plausível que Oscar Thompson imbuído desse espírito tenha se inspirado no estilo de gestão empreendida pelo diretor da Escola Americana. Esta aproximação pode ter acontecido por meio de *Miss Browne*, pois foi ela que indicou o

nome do Oscar Thompson para compor a equipe de novos auxiliares a serem contratados para a Escola Modelo, como pode ser notado neste fragmento: “Contudo, ao lado de *Miss Browne*, terá contatos com a Escola Americana (*Mackenzie College*), em especial, com Horace Lane.” (NERY, 2009, p. 29). Pode ser que essa escolha tenha acontecido em razão do desempenho do jovem normalista, pois a professora estava disposta a investir em jovens talentos. *Miss Browne* ainda foi determinante em sugerir que Oscar Thompson a substituísse como diretor interino enquanto estivesse ausente cumprindo o seu período de férias (RODRIGUES, 1930).

[...] Thompson que será o adjunto de Márcia Browne, em 1893. Esta parece ser a primeira aproximação dele com o grupo de origem norte-americana.” (NERY, 2009, p. 28).

As inovações incorporadas por Oscar Thompson à rotina da Escola Modelo no período em que *Miss Browne* esteve ausente foram aprovadas assim que ela retornou. Supõe-se que *Miss Browne* tenha presenteado Oscar Thompson com literatura especializada oriunda da América do Norte sobre o tema da administração escolar enfocando a atuação a ser desenvolvida pelo gestor escolar no fim do século XIX. Finalmente quando a Escola Normal foi transferida para as novas instalações na Praça da República foi novamente *Miss Browne* quem sugeriu o nome de Oscar Thompson como sendo o seu sucessor na condução da segunda Escola Modelo anexa à Escola Normal da Praça (GONÇALVES, 2002).

A professora Márcia Browne era conhecida pelo seu desprendimento e empreendedorismo diante das autoridades instituídas no Estado de São Paulo no campo da ainda incipiente instrução pública paulista (RODRIGUES, 1930). Supõe-se, portanto, que as indicações e sugestões por ela emitidas e endossadas por Horace Lane exerceram influência nos setores da instrução pública e de maneira distinta no que se relacionava à Escola Normal e Modelo, em especial, após a morte de Caetano de Campos. Diante desse contexto, Oscar Thompson passa a ver Horace Lane como seu mentor no início da sua carreira enquanto diretor da Escola Normal, cargo ao qual ele assume em fevereiro de 1902.

Único responsável pela escola perante o governo, o diretor tornou-se o interlocutor da escola com a administração do ensino e, dessa forma, substituiu os professores públicos na relação que mantinham com o Estado. Esta centralidade do diretor foi também apontada pelo inspetor geral do ensino, João Lourenço Rodrigues, em 1908: “Nos novos grupos instalados no ano passado verificou-se mais uma vez a importância decisiva que tem para

os destinos da instituição a escolha do diretor. Esta escolha é para o grupo uma questão de vida ou de morte. Pode-se dizer, em geral, que tanto vale o diretor, tanto vale o grupo” (SOUZA, 1998, p. 76).

Em 1904, Oscar Thompson participa da comitiva formada pelo Estado para representar São Paulo na Exposição Internacional de Saint Louis como diretor da Escola Normal na companhia de Horace Lane, diretor da Escola Americana. Segundo Warde (2002, p. 450) “Lane havia se tornado há tempo consultor dos dirigentes paulistas da instrução pública para assuntos educacionais de diversa ordem”.

Na condição de diretor da Escola Normal da Capital e já próximo a Horace Lane – assessor da inspetoria de ensino e diretor da Escola Americana - Thompson representará o Brasil na Exposição Internacional de Saint Louis (EUA), em 1904 (NERY, 2009, p. 28).

Ao retornar da exposição, Thompson é convidado a testemunhar as observações realizadas durante a viagem em uma entrevista para o jornal *O Estado de São Paulo*. Essa entrevista é posteriormente publicada na *Revista de Ensino*, o que fez circular impressões entre os docentes da instrução pública, suas ressalvas são apoiadas na apropriação do que estava sendo analisado. As notificações dizem respeito à organização do aparelho escolar norte-americano, os métodos aplicados na aprendizagem, o funcionamento do Curso Normal e salienta a iniciativa de alguns países que regularmente enviavam seus representantes para estudar nos Estados Unidos (GONÇALVES, 2002).

De 1909 a 1911, Oscar Thompson assume o posto de inspetor geral da instrução pública paulista, usufruindo ainda de elevado conceito diante dos seus pares e dos responsáveis pela administração governamental. Esta alteração ocorre em substituição ao seu contemporâneo e ex-normalista João Lourenço Rodrigues que deixa o cargo aparentemente sem razão (CATANI, 1989).

De acordo com Monarcha (1999), Thompson, entre outras alterações, reestrutura a administração da Inspetoria Geral até então considerado um departamento da Secretaria do Interior e daí em diante passa a responder como Diretoria Geral da Instrução Pública, divisão da Secretaria do Interior, com autonomia administrativa. Também oficializa o método analítico para o ensino da leitura, adotando a cartilha de Sarah Arnold como material didático.

Outra modificação importante, segundo Nery (2010), seria prover a impressão da *Revista de Ensino* como forma de sincronizar os servidores da instrução

pública paulista, e ainda reestruturar o Curso Normal na rede pública, priorizando a formação de professores.

Oscar Thompson desde que assumiu o cargo de gestor da Escola Normal até ocupar o posto máximo de Diretor Geral suscita em torno de si a formação de um grupo de professores a fim de levantar o debate sobre uma proposta político-pedagógica que unificasse a instrução pública bandeirante (MONARCHA, 1999).

4.2 O declínio da consultoria: críticas ao Programa de Ensino primário

Desde o início do século XX havia entre as fileiras do professorado paulista certo rumor crítico com respeito ao programa de ensino que estava sendo utilizado pela escola primária em todo o território bandeirante. Assim, no ano de 1904, o programa que abrangia as escolas primárias distribuídas em todo o Estado passou por uma reforma em razão da dificuldade de ser aplicado em tempo hábil. Essa reforma foi aprovada em 1904 e passou a vigorar somente em 1905 (SOUZA, 1998).

A responsabilidade de reformulação recaiu sobre Oscar Thompson, diretor da Escola Normal, e Horace Lane, diretor da Escola Americana: “A participação de Horácio Lane denota a permanência da influência americana na instrução pública do Estado de São Paulo no início do século XX” (SOUZA, 1998, p. 188).

Os dois educadores foram requisitados pelas autoridades do governo por arrostarem elevada soma de capital no que diz respeito à experiência no campo educacional, resultando em confiabilidade por parte dos seus pares. Outro ponto importante para esta escolha foi o fato de terem participado da Exposição Internacional de Saint Louis representando a instrução pública do Estado de São Paulo (GONÇALVES, 2002).

A Inspetoria Geral de Ensino tomou providências e encarregou uma comissão especial formada por Domingos de Paula e Silva, João Lourenço Rodrigues e Miguel Carmen Pinto. O objetivo da comissão era averiguar e dar o seu parecer à proposta reformulada por Thompson e Lane, pois a expectativa era que a mesma fosse apresentada aos professores (SOUZA, 1998).

A comissão após submeter o Programa de Ensino à análise emite o seu alvitre.

Ainda será necessário, como trabalho complementar, a elaboração de um manual destinado ao professor, formando uma exposição do método a seguir no desenvolvimento das diversas disciplinas. Esse trabalho deverá dar o

plano detalhado das lições em que cada matéria terá de desdobrar-se, isto é, a sua distribuição taxativa em teses perfeitamente concatenadas. Isto terá por efeito tirar o vago de certas teses um tanto sintáticas do programa geral e suprimir o arbítrio, que dando lugar a interpretações diversas e por vezes até antagônicas, serve de contínuo estorvo à unificação dos métodos do ensino em nossas escolas. (PARECER, ORDEM 7, 106, 1905⁵⁰ *apud* SOUZA, 1998, p. 189).

O programa foi reformulado e implantado nos grupos escolares e Escolas Modelo ainda no mês de abril de 1905. Mas em junho do mesmo ano a imprensa, por meio da *Revista de Ensino*, apresentou sua opinião sobre o novo programa (CATANI, 1989). O articulista Cardoso de Almeida sugeria que mesmo sofrendo eloquente redução ainda se mostrava um tanto inadequado para se obter os resultados que se esperavam impetrar das Escolas Modelo e grupos escolares. Apontava também como sendo os principais responsáveis pela inadequação da política voltada para a instrução pública os próprios políticos (CATANI, 1989).

Destarte em 1906, a *Revista de Ensino* volta a tocar na questão da possível inadequação do programa de ensino que havia sido reformulado em 1905. O artigo produzido pelo educador e socialista Artur Breves, presidente da instituição que editava o periódico, argumentava que os autores da reforma teriam sido pressionados a elaborar o documento com as características que, a seu ver, eram incompatíveis com a qualidade do trabalho pedagógico.

[...] é mais que suficiente para demonstrar que, talvez, por circunstâncias independentes de sua vontade, os seus autores foram infelicíssimos [...]. Há nele inconseqüências que à primeira vista se descobrem: disciplinas cujo aprendizado apenas se inicia abandonando-se por completo o que elas possuem de mais valor e alcance prático; o prurido de especificar e exemplificar processos de ensino incompatíveis com o objeto de um programa de tal natureza, que só deve enumerar as matérias a lecionar e o quantum de cada uma. (BREVES *apud* CATANI, 1989, p. 131).

O fato é que as críticas fluíam por meio das páginas da *Revista de Ensino*, órgão produzido pela Sociedade Beneficente do Professorado Paulista. O professor José Feliciano de Oliveira, que na época ocupava a cadeira de astronomia e geometria na Escola Normal, era um dos educadores preocupados com a condição da instrução pública.

Na oportunidade, analisou vários aspectos dos programas das escolas e da maneira como eram desenvolvidas, iniciando, como ainda era o hábito, por louvar a qualidade do ensino passado recente e terminando por acusar os

⁵⁰ PARECER, ORDEM 7, 106, 1905

políticos e legisladores pelos males da instrução pública. [...]. O artigo revela e desdobra, em perfeita concordância, as posições que vinham anunciadas pela *Revista*. [...]. J. Feliciano fala ainda na má distribuição das matérias, na falta do hábito de leituras regulares, no aprendizado de história e geografia e na concepção equívoca que se difundia, cada vez mais, e segundo o qual “todo ensino, toda ciência fica reduzida ao que a cadeira deu, à matéria, aos pontos que entram no exame” (CATANI, 1989, p. 155).

Duas décadas depois o professor José Feliciano de Oliveira escreveu em seu livro *O Ensino em São Paulo – algumas reminiscências* (REIS FILHO, 1995) um parecer sobre esse momento vivido pela instrução pública paulista.

O programa de ensino elaborado por Thompson e Lane estava no centro da disputa de um território fortemente contestado entre os professores e críticos da instrução pública, circulando em segmentos da sociedade civil paulistana, na primeira década do século XIX. Segundo Bourdieu (2003, p. 29) “qualquer que seja o campo, ele é o objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade”.

No decorrer do ano de 1909 a *Revista de Ensino*, em três momentos, retorna ao assunto referente ao programa de ensino, causando indisposição entre educadores, políticos, legisladores, etc. O fragmento a seguir demonstra isso:

As críticas, entretanto não ficavam apenas nisso, pois no número seguinte da *Revista* apareceu o terceiro editorial com o mesmo título e que retomou o problema propondo-se a examiná-lo a partir dos três aspectos que se consideravam essenciais no complexo domínio da educação: os programas de ensino, os métodos de ensino e as aptidões das crianças. Antes de passar a pronunciar-se sobre cada um desses aspectos, o editorialista observava: [...] a própria Inspeção da Instrução, a terceira das autoridades que, na hierarquia administrativa, superintendem os negócios do ensino- viu que o Dr. Lane e o Dr. Oscar Thompson andaram mal na redação de semelhante programa, agindo impensadamente, ou antes, precipitadamente, sem a reflexão necessária em um trabalho tão sério e de subida indiscutível importância (CATANI, 1989, p. 150).

Augusto Ribeiro de Carvalho, redator-secretário da *Revista de Ensino*, dentre os críticos, foi provavelmente o articulista com maior ímpeto a fustigar a dupla Lane e Thompson, levando o inspetor geral da instrução pública paulista a repensar e reavaliar algumas das suas mais antigas alianças estabelecidas no início do regime republicano.

Em junho de 1909 o tema levado a debate pela *Revista de Ensino* se referia a necessidade de se realizar algo para combater a pressuposta anomalia que comprometia a idoneidade da instrução pública no Estado de São Paulo. O articulista, A. R. Carvalho, argumentava a respeito da necessidade de se manter a lógica de adequação do conteúdo à idade cronológica dos estudantes, que deveria ser proposta

pelo Programa de Ensino e que continuasse servindo como guia seguro para a realização do trabalho docente. Sugeria que fosse imputado respeitabilidade ao programa, pois, o professor percebia a possibilidade da não exequibilidade da proposta pedagógica, criando um programa próprio que produziria toda sorte de idiossincrasias (CATANI, 1989).

No mês de setembro o espaço reservado na *Revista de Ensino* para o editorial produzido por A. R. de Carvalho trazia outro tema correlato ao que havia sido apresentado no mês de junho. O artigo dessa vez dissertava a respeito da disposição demonstrada pelos brasileiros em se impressionar com os modismos no campo da instrução importados de terras estrangeiras (CATANI, 1989). O articulista chega a sugerir mudanças de caráter amplo e profundo nas estruturas da instrução pública bandeirante, não bastaria apenas a realização de viagens curtas (seis meses) feita por alguns educadores nas escolas estabelecidas ao norte do continente americano ou mesmo na Europa. Ele afirma que cada país cria o seu modelo de acordo com as suas próprias peculiaridades. Continua a defender o seu ponto de vista discorrendo a ideia de que efetuar o transplante de programas de ensino de maneira simples e pura seria no mínimo ingênuo e acarretaria sem dúvidas efeitos colaterais de grande monta (CATANI, 1989).

Augusto Ribeiro propõe a necessidade de estruturar o Programa ao contexto, afirmando que qualquer tentativa em disfarçar a realidade seria apenas patrocinar a fuga dos parques recursos existentes. Também argumentava que a escola paulista deixava muito a desejar, pois não estava à altura do Estado de São Paulo, contrariamente ao que havia feito no passado. Conclui o assunto citando que num país como a França existe espaço para o debate, os profissionais da instrução interagem e discutem as probabilidades de melhores alternativas a curto, médio e longo prazo.

Para Oscar Thompson que até então não havia sido alvo de críticas por parte da imprensa, enquanto diretor das escolas Modelo e Normal, agora se encontrava em meio a um intenso conflito e na condição de possível réu nas páginas da *Revista de Ensino*. Pode-se perceber pelos textos publicados na *Revista de Ensino*, que o novo inspetor geral não estava concatenado com as expectativas do setor que representava, recebendo censura pelo seu isolamento em relação aos seus auxiliares. Isso gerou, segundo alguns críticos, a completa absorção de Oscar Thompson por parte da política e também dos padrinhos que num geral são exigentes nas suas solicitações.

A. R. Carvalho argumenta que o inspetor geral de ensino após passar alguns meses nos Estados Unidos entende que pode realizar as alterações ao seu bel prazer, provocando um movimento de retrocesso na escola primária só vista no período do Império (CATANI, 1989).

Em novembro, a *Revista de Ensino* volta ao mesmo assunto. Nesse último artigo, Augusto Ribeiro de Carvalho arrola a Inspetoria Geral da Instrução Pública sugerindo que ela havia assimilado a fragilidade do programa de ensino produzindo uma espécie de manual explicativo para os professores. Ribeiro cita os nomes de Horace Lane e Oscar Thompson, sem rodeios, e os identifica de maneira enfática, responsabilizando-os pela fraca atuação na redação do programa. Também pontua que ambos atuaram precipitadamente na elaboração do documento que seria a mola mestra do trabalho a ser desenvolvido nos grupos escolares.

Por que não se despe um pouco dessa frívola vaidade e não congrega os mui dignos diretores de grupos escolares e os dez inspetores, para a elaboração da reforma e do programa de ensino? [...] Metodizá-lo, coordená-lo e sistematizá-lo cientificamente, de modo que o professor, no desempenho do seu encargo, não esteja a dar cambalhotas para frente e para traz e saiba o que vai ensinar aos seus alunos – é um repto de honra que o Estado lança à sabedoria do magistério e ao patriotismo dos legisladores, os reformadores da escola paulista (CARVALHO⁵¹ *apud* CATANI, 1989, p. 148-149).

O artigo é contundente e define de maneira categórica quem são os responsáveis pelo baixo rendimento apresentado pelas Escolas Modelo e grupos escolares. Em sua opinião, os políticos, os legisladores e os especialistas todos estariam equivocados com relação ao programa de ensino. Finalmente, percebe-se um apelo por parte do articulista que em seu texto apresentava o ponto de vista da Associação Beneficente e da *Revista de Ensino*. Dizia que o inspetor geral passasse a conduzir as escolas localizadas no território bandeirante levando em conta as virtudes e limitações políticas, econômicas e sociais que formatavam o contexto.

Falando desses conflitos sociais, Bourdieu (2003, p. 33) diz que “os adversários lutam para impor princípios de visão e de divisão do mundo social, sistemas de classificações, em classes, regiões, nações, etnias, etc.”. É nesse sentido que estava instaurado o conflito entre os articulistas da *Revista de Ensino* e os autores do programa de ensino.

⁵¹ CARVALHO, A.R. Editoriais. **Revista de ensino**, 1909.

Em 1910 mais um artigo publicado pela *Revista de Ensino*, dessa vez assinado por Luís Cardoso, explorou o tema sobre as causas para a baixa produtividade escolar em plagas paulistas. Nota-se nos artigos publicados pela *Revista de Ensino* que os articulistas sugeriam que Oscar Thompson assumisse seu posto com um novo olhar para a realidade do Estado de São Paulo sem considerar os educadores estrangeiros (CATANI, 1989). Esses artigos provocaram sensíveis repercussões, circulando na imprensa, nos corredores da Secretaria da Instrução Pública, entre os inspetores de ensino chegando ao Senado Estadual.

O inspetor geral, Oscar Thompson, produziu o Anuário de 1910, documento instituído por João Lourenço Rodrigues com o objetivo de proporcionar comunicação e unidade entre a liderança da instrução pública, os diretores e os professores. Nesse documento Thompson apresenta sua preocupação em sanar as dificuldades com as quais a instrução pública se deparava e as estratégias para a melhoria do ensino. Segundo Gonçalves (2002), o diretor geral, em uma das suas alocações no Anuário de 1910, deixa um registro da preocupação em propagar o ensino profissionalizante e o ensino agrícola no Estado de São Paulo dirigindo sua atenção a outra área até então fora das discussões da época.

Após o debate provocado por meio desses textos produzidos por articulistas, o nome de Horace Lane vai deixando de ser citado nos impressos que tratavam da instrução pública paulista ainda na gestão de Oscar Thompson na Diretoria Geral de Ensino no período de 1909-1910. Nenhuma nota explicativa foi encontrada, até o momento, a respeito da lacuna deixada pelo educador norte-americano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de investigação científica teve início como uma leitura de lazer e que se tornou empolgante e por sua vez se transformou em uma questão para pesquisa no que resultou na execução desse texto.

Ao longo da pesquisa foi-nos possível perceber que a atuação do imigrante norte-americano Horace Lane na cidade do Rio de Janeiro no decorrer da década de 60 do século XIX causou sensível impacto para alguns dos atores sociais que naquele momento dividiam o cenário social político e econômico com ele.

Entre esses iremos destacar seus patrícios: os Reverendos Fletcher, Saimonton e Chamberlain. Estes exerciam a função de missionários protestantes, davam estudos bíblicos e pregavam o evangelho segundo a ideologia da fé reformada. O contato muito próximo com Lane acontece na Rua do Ouvidor enquanto desenvolve-se no campo comercial ao lidar com insumos e sementes agrícolas incluindo a rubiácea e na parte de cima do prédio de acordo com Boanerges (1987) os missionários realizavam aulas de inglês, estudos bíblicos e ministravam os cultos. O reverendo Fletcher, possivelmente mentor e responsável pela vinda de Lane para o Brasil, tinha perfil de reformador social, seja através dos contatos políticos, da economia e da educação. Este defendia a pregação do evangelho em sintonia com o progresso e esse imposto pelos Estados Unidos da América.

É importante pontuar que esse elenco de atores sociais ao longo da década de 60 do século XIX foi sendo ampliado com a presença de vários simpatizantes oriundos de diferentes segmentos da sociedade formada na corte, instalada na cidade do Rio de Janeiro, e dentre eles destacamos a presença do deputado alagoano Tavares Bastos, o jornalista Rangel Pestana e ainda o estudante de medicina Caetano de Campos os quais enriqueceram o grupo liderado por Flecher que defendia ideias de cunho liberal não só no universo político e econômico, mas também no campo educacional. Esse grupo conhecido como “os amigos do progresso”, ganhou visibilidade através da militância do deputado Tavares Bastos, formado na Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

Em 1885 Lane que havia se ausentado do Brasil retorna atendendo ao convite feito pelo irmão de ideais o Reverendo Chamberlain para assumir a direção da Escola Americana instalada no bairro de Higienópolis. Traz em seu currículo o histórico

de professor tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo e também de comerciante bem sucedido, o mesmo ocorrendo com sua carreira médica em exercício até aquele momento nos Estados Unidos.

Aos 45 anos de idade Lane retorna ao Brasil para empreender o sonho que acalentara ainda na sua juventude, idealizado enquanto exercia as suas atividades no campo do magistério em Petrópolis auxiliando o professor Henrique Köpek. Nessa experiência compreende o alcance da educação na reforma social de um país; visão construída por meio da educação universal vivida enquanto estudante na “Comoom School” idealizada por Horace Mann, reformador educacional no estado de Massachessets, na primeira metade do século XIX.

Os republicanos paulistas liderados por Prudente de Moraes e Rangel Pestana ao perceberem a pujança das propostas pedagógicas que eram desenvolvidas nas escolas americanas de confissão protestante procuraram estabelecer vínculos com essas instituições e proporcionar-lhes visibilidade nas comunidades onde estavam inseridas ao fazer circular através de impressos como forma de imposição. As práticas e representações pedagógicas apreendidas e difundidas por tais escolas concebiam a visão de mundo norte-americana apreciada pelos republicanos e almejada para o modelo que deveria ser adotado pelas escolas mantidas pelo poder público.

Essas instituições de cunho protestante estavam distribuídas na seguinte conjuntura geográfica sendo que 2 delas instaladas no interior do Estado de São Paulo nas respectivas cidades de Piracicaba (o Colégio Piracicabano) e Campinas (o Colégio Internacional) e a terceira na Capital do Estado (a Escola Americana).

Foi possível perceber por meio dos documentos analisados e dos trabalhos acadêmicos pesquisados que as atividades de Horace Lane junto aos republicanos paulistas na implantação das reformas na instrução pública no estado bandeirante, perduraram durante o período de 1890 a 1910. Horace Lane interage por mais de 20 anos pelos círculos do poder na capital paulista atuando como conselheiro e mediador no que se refere à construção do aparelho escolar republicano.

Mediante a pesquisa bibliográfica nota-se que a sua influência se fez perceptível junto a Caetano de Campos na reforma que foi aplicada num primeiro momento apenas na Escola Normal e em seguida na implantação da Escola Modelo. A indicação das diretoras para a Escola Modelo, Miss Browne e Maria Guilhermina de Loureiro e mais quatro professoras como regentes das classes da Escola Modelo. A sua presença se estende ainda durante todo o período de gestão de Gabriel Prestes enquanto

diretor da Escola Normal e de Cesário Mota enquanto Secretario do Interior ainda no primeiro mandato de Bernardino de Campos esse na condição de Governador do Estado de São Paulo período em que Lane recebe convite oficial do Governador para atuar com o predado de Consultor Educacional.

No início do século XX ainda encontramos Horace Lane próximo aos assuntos educacionais na capital paulista isso graças aos seus atributos de diretor escolar de fronteira. Para muitos que passaram pela Escola Normal e Modelo foi sentida a influência do diretor da Escola Americana, entre esses se encontra Oscar Thompson que na condição de diretor da Escola Normal estabeleceu estreitos laços de relacionamento com Lane que lhe foi apresentado ainda na época em que era estudante e enquanto adjunto de Miss Browne na Escola Modelo.

Em 1903, Horace Lane em parceria com Oscar Thompson e Carlos Reis elaboraram a edição do relatório que seria apresentado na Exposição Internacional de Saint Louis conhecido como “Education in the State of São Paulo”. O estado organizou uma comitiva liderada por Lane que se integrou à delegação brasileira instalada no Palácio Monroe para representar a escola republicana paulista em Saint Louis em 1904. Momento esse singular para a instrução pública paulista que se lança com uma proposta de vanguarda assumindo a liderança do setor perante seus pares.

Após a Exposição Internacional de Saint Louis, os diretores das escolas: Normal e Americana, na época os diretores de maior visibilidade no Estado de São Paulo, escreveram o Programa de Ensino que seria utilizado na Escola Modelo e nos grupos escolares. Esse programa foi a causa de grande celeuma num território que era fortemente contestado pelos educadores que estavam ligados a Revista de Ensino. As críticas mais severas ao programa, publicadas nas páginas da Revista de Ensino davam a entender que Oscar Thompson, então Inspetor Geral da instrução pública, deveria atentar para seus auxiliares próximos e suas contribuições e não se ater a fatos e orientações de realidades além mar.

Esse período de disputa teve como consequência final o rompimento aparente entre Horace Lane e Oscar Thompson, pois a partir de então não há mais registro do envolvimento de Lane com a instrução pública paulista. Se a cisão ocorreu ou não, os registros até então utilizados deixam de mencionar a parceria sem justificativa.

O que se percebe por meio dos impressos é que há um apagar das luzes em torno do ator social Horace Lane. Assim o educador norte-americano entra e sai da

instrução pública sem alarde. Diante desses acontecimentos o nome de Horace Lane passa a sofrer de um lento obscurecimento na imprensa e na historiografia da instrução pública paulista, vindo a falecer em 1912 como presidente do Mackenzie College. Instituição que dirigiu por 27 anos e que ainda em nossos dias ocupa posição de destaque no cenário educacional paulista.

Entretanto, o professor José Feliciano de Oliveira (1932) diz que entre os estrangeiros que contribuíram com a instrução pública paulista e que merecem destaque, estaria Horace Manley Lane. Também Almeida (2007, p. 152) afirma que “Lane pode ser considerado um nome de destaque no ensino paulista”.

Assim, esperamos que este trabalho possa contribuir com possíveis esclarecimentos históricos para uma melhor compreensão dos motivos pelos quais o modelo protestante de escolarização passou a ter influência na reorganização da instrução pública no final do século XIX e início do século XX. Também esperamos que ele provoque disposição para que outros pesquisadores deem continuidade ao tema dessa pesquisa proporcionando um novo olhar a respeito do universo constituído pela instrução pública paulista.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Geysa. **Escola Americana de Curitiba (1892-1934):** um estudo do americanismo na cultura escolar. 2003. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.
- ALBINO, Marcus. **Ide por todo o mundo:** a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1860-1892. Campinas: FAPESB/ Centro de Memória da UNICAMP, 1996.
- ALESSI, Clóris. **A Educação dos metodistas na região de Piracicaba (SP):** análise de um mito. 1993. Dissertação (Mestrado) - Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1993
- ALMEIDA, Jane Soares. **Ler as letras:** por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007.
- ALMEIDA, Vasni de. **A Cultura escolar metodista em Birigui (1918-2004).** Birigui: Instituto Noroeste de Birigui, 2005.
- ALONSO, Angela. **O Abolicionista cosmopolita:** Joaquim Nabuco e a rede abolicionista transnacional. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 15 nov. 2010.
- ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão.** São Paulo: Ática, 1982.
- ANUÁRIO DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO – 1909/1910.
- ARMSTRONG, Karen. **Uma História de Deus:** quatro milênios de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- AZEVEDO, F. de. **Uma interpretação do Instituto Mackenzie.** São Paulo: Mackenzie, 1960.
- AZEVEDO, Roberto C. **Projeto Brasil. S. Paulo.** Campinas: Instituto Adventista de Ensino, 1973.
- BARROS, José D`Assunção. **A História cultural francesa:** caminhos de investigação. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. São Paulo, v. 2, n. 4, 2005.
- BERTAN, Tereza Canhadas. **A Educação confessional protestante: Instituto Filadélfia de Londrina – 1994 a 1972.** 1990. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.
- BOISSTE, Jean. **História do protestantismo.** Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas: leituras, leitores, letrados, literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993.

_____. **Os Usos sociais da ciência: por uma sociedade clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2003.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAZIL of the Louisiana purchase exposition. St.Louis: [s.n.], 1904.

BUYERS, Paul Eugene. **História do metodismo**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1945.

CÁCERES, Florival. **História da América**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. 2. Reimpressão. São Paulo: Unesp, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à história**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARVALHO, Marta M. C. Por uma história cultural do saberes pedagógicos. In: SOUZA, Cyntia Pereira de; CATANI, Denice Barbara (Org.) **Práticas educativas, culturas escolares e profissão**. São Paulo: Escrituras. p.31-40, 1998.

CARVALHO, Marta M. C. Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente. **São Paulo em Perspectiva**, v.14, n.1, p.111-120, 2000.

CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do professorado público de São Paulo (1902-1918)**. 1989. 326 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1989.

CAVALCANTI, H. B. O Projeto missionário protestante no Brasil do século 19: comparando a experiência presbiteriana e batista. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, p. 61-93, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: a arte de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1974.

CHAMON, Carla Simone. **Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CONTI, Celso Luiz. **Imagens da profissão docente: um estudo sobre professoras primárias em início de carreira.** 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

COTRIM, Gilberto. **História e consciência do Brasil.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

CORDEIRO, Ana Lucia. Religião e projetos educacionais para a nação: a disputa entre Metodistas e Católicos na Primeira República Brasileira. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 110 -124, dez. 2005.

CUNHA, Iraci Castello. **Contribuições da educação adventista no Brasil.** 1975. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1975.

D'AVILA, Antônio. **Poliantéia comemorativa: 1846-1946 – Primeiro centenário do ensino normal do São Paulo.** São Paulo: [s.n.], [s.d.].

DEHER, Martin N. **A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial.** São Leopoldo: Sinodal, 1999. (Coleção Histórica da Igreja, 4).

_____. **É Preciso educar o povo!** A influência da ação missionária protestante na educação escolar brasileira (século XIX). Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/anped/0214T.PDF>>. Acesso em: 5 maio 2006.

DEWEY, John. **A Escola e a sociedade e a criança e o currículo.** Tradução de Paulo Faria, Maria João Alvarez e Isabel Sá. Lisboa: [s.n.], 2002.

ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1846_Escola_Normal.pdf>. Acesso em: 17 maio 2011.

FREITAS, Lourival Correia. **Filosofia da educação presbiteriana: sua função ideológica e suas possibilidades utópicas.** 1993. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista, Programa de Pós – Graduação, 1993.

FRESTON, Paul. Dilemas políticos do protestantismo latino-americano. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 8., 1998, São Paulo.

GARCEZ, Benedicto Novaes. **O Mackenzie.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

GILES, Thomas Ransom. **História da educação.** São Paulo: E.P.U., 1987.

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes, o cotidiano e as idéias de um moeiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: CIA da Letras, 1987.

GOLDMAN, Frank P. **Os Pioneiros americanos no Brasil (educadores, sacerdotes,**

covos e reis). Tradução de Olívia Krahenbull. São Paulo: Pioneira, 1972.

GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. **Religião, educação e progresso:** a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870-1914. São Paulo: Mackenzie, 2000.

GONÇALVES, Gisele Nogueira. **A Trajetória profissional e as ações de Oscar Thompson sobre a instrução pública em São Paulo (1889-1920).** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

GRABTREE, A.R. **História dos Batistas do Brasil, até o ano de 1906.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Brasileira Batista, 1973.

HACK, Osvaldo Henrique. **Protestantismo e a educação brasileira.** 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

HACK, Osvaldo Henrique. **Mackenzie College e o ensino superior brasileiro:** uma proposta de Universidade. São Paulo: [s.n], 2002.

HACK, Osvaldo Henrique. **Raízes cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional.** São Paulo: Mackenzie, 2003.

HANDY, **A Christian América** - Protestant Hopes and Historical Realities. New York: Oxford Press, 1984.

_____. **Historia del protestantismo em América Latina.** México: CUPSA, 1990.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo:** um estudo de suas origens. 1977. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

HILSDORF, Maria L. Spedo. **Colégios americanos de confissão protestante na província de São Paulo:** sua aceitação pelas elites progressistas da época. São Paulo: Didática, 1981.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **Francisco Rangel Pestana:** jornalista, político, educador. 1986. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

HOSWOKAUA, Elder. **Da Colina, “rumo ao mar”:** 1915-1945. 2001. Tese (Doutorado em História Econômica) – Centro universitário Adventista, São Paulo, 2001.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. **Igreja e germanidade:** estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. S. Leopoldo – Porto Alegre – Caxias do Sul, Sinodal, Escola Superior de Teologia São Lourenço dos Brindes, Ed. Universidade de Caxias do

Sul, 1984.

IAF, Ivan. **A Corte portuguesa no Rio de Janeiro**. São Paulo: Ática, 2001.

KNIGHT, George R. **Filosofia e educação, uma introdução da perspectiva cristão**. Tatuí: CPB, 1998.

_____. La mutacion de protestantismo lationamericano – uma perspectiva sócio-histórica. In: GUTIÉRREZ, Tomás. (Org.). **Protestantismo y cultura em América Latina** – aportes e proyecciones. Quito: Conselho Latinoamericano de Iglesias, 1989.

LÉONARD, Émile-Guillaume. **O Protestantismo brasileiro**. São Paulo: Aste – Juerp, 1951.

LERMEN, Tito Lívio. **A Escola evangélica**: princípios, postura dos profissionais e indicadores de uma possível proposta de renovação. 1987. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1987.

LEWIS, W. David. O Reformador como conservador: a contra subversão protestante na república primitiva. In: STANLEY, C.; RATNER, N. O Desenvolvimento da cultura norte-americana. Rio de Janeiro: Anima, 1985.

LIMA, Eunice Ladeia Guimarães. **A Presença de protestantes no Brasil – Colônia**: contribuições para a cultura e a educação. 1999. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Universidade Estadual “Julio de Mesquita Filho”, Marília, 1999.

MACHADO, José Nemésio. **A Contribuição batista para a educação brasileira**. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista, Programa de Pós – Graduação, 1993.

MACIEL, E. D. **O Pietismo no Brasil**. 1972. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1972.

MANN, Horace. **A Educação dos homens livres**. Edição compilada Lawrence A. Cremin. Tradução de E. Jacy Pinheiro. São Paulo: Ibrasa, 1963.

MARCELINO, Eliane Cristina Ártico. O jardim de infância anexo à Escola Normal de São Paulo: análise do modelo didático-pedagógico. **Revista de Iniciação Científica da Faculdade Filosofia e Ciências da Unesp**, Marília, v .4, n.1, p. 103-116, 2004.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARÇOLA, Fernanda Helena Petrini. **Memórias da república e da educação**: Cesário Motta Junior e a Convenção de Itu/SP (1873). Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/IAi7ck3i.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011.

MARTINS, Luiz Cândido; CARDOSO, Luis de Souza. **A Dimensão civilizatória da**

presença dos americanos no Brasil: tecnologia, educação e religião. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR 9., Ponta Grossa.

MATOS, Alderi Souza de. **O Colégio protestante de São Paulo:** Um estudo de caso sobre o lugar da educação na Estratégia Missionária da igreja. Fides Reformata. São Paulo, 1999.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900):** Missionários, Pastores e Leigos do Século 19. São José dos Campos: Editora Cristã, 2004.

MATTOS, Paulo Ayres. **Mais de um século de educação metodista.** Piracicaba: Cogeime, 2000.

MENDES, Marcel. **Mackenzie no espelho.** São Paulo: Mackenzie, 1999.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1990. (Ciências da religião).

MENDONÇA, A. G.; VESLASQUES FILHO. **Prócoro.** Introdução ao Protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. **O Celeste Provir:** a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo, Aste/ Pendão Real 1995.

MERCADO, Edna A. **A Educação no jornal O Estado de S. Paulo: 1890-1920. 1996.** 159 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

MESQUITA, Peri. **Metodismo e educação no Brasil:** formar elites e civilizar a nação. Piracicaba: Cogeime, 1993.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia Norte-Americana e Educação Protestante no Brasil.** Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. **Educação metodista:** uma questão não resolvida. Piracicaba: Unimep, Dissertação de Mestrado em Educação, 1992.

_____. **Migrações nas Américas.** A experiência dos norte-americanos no Brasil. Relações de gênero e diversidades Culturais nas Américas. São Paulo: Edusp. 1999.

MINARD, I. M. **A contribuição Educacional das missionárias Norte-Americanas na cidade de São Paulo.** Revista Mack. Arte, São Paulo, 11 agost. 2005.

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça:** o lado noturno das luzes. Campinas: Unicamp, 1999.

_____. **Educação da infância brasileira: 1875-1983.** Campinas: Autores Associados,

2001.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1998.

MONROE, Paul. **História da Educação**. 10. ed. São Paulo, Nacional, 1974.

MONTEIRO, Regina Maria. **As elites Paulistas e a Instrução Pública no Segundo Império** (Brasil: Percursos da Construção da Nação – 1870/1889) Campinas, 2000. v. 20.51. Disponível em:
<http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000200004>. Acesso: em 9 out. 2006.

MORGAN, David. **Protestants and Pictures – Religion: Visual Culture, and the Age of American Mass Production**. New York, Oxford University Press, 1999.

MUIRHED, H. H. **O Cristianismo através dos séculos**. Rio de Janeiro, Batista, 1949, v. 3.

NAGLE, Jorge **Educação e sociedade: na primeira república**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, José do. **O sistema pedagógico confessional metodista**. São Paulo: Escola Pós-Graduada em Ciências Sociais, Tese de Doutorado, 1980.

NASCIMENTO, Diana Gonçalves. **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

NERY, Ana Clara Bortoleto. Impressos de Professores: representação sobre educação e ensino nos periódicos paulistas (1911-1923). In: **31ª Reunião Anual da Anped**, 2008, Caxambu. Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação, 2008. v. 1.

NERY, Ana Clara Bortoleto. A formação de professores sob a ação reformadora de Oscar Thompson: um olhar sobre a Escola Normal de São Carlos e a Escola de Piracicaba. In: NERY, Ana Clara Bortoleto. **Em busca do elo perdido: a ação reformadora de Oscar Thompson e a formação de professores (1911-1923)**. Marília: Unesp, 2009.

NEVES, Margarida de Souza; HEIZER, Alda. **A ordem é o progresso**. O Brasil de 1870 a 1910. São Paulo: Atual, 1991.

NIEBUHR, H. Richard. **As Origens Sociais das Denominações Cristãs**. São Paulo, Ciências da Religião /ASTE, 1992.

_____. **O destino não manifesto: os imigrantes norte-americanos no Brasil**. São Paulo: União Cultural Brasil Estados Unidos, 1995.

_____. **O futuro não será protestante**. In / VIII Jornadas sobre Alternativas

Religiosas na América Latina. S. Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Costa. **Migrações nas Américas**: a experiência dos norte-americanos no Brasil In: HOLANDA; CAPELATO, Relações de gênero e diversidades culturais nas Américas. São Paulo. Edusp, 1999.

OLIVEIRA, José Feliciano. **O ensino em São Paulo**. São Paulo: TYP Siqueira, 1932.

PANIZZOLO, Claudia. **João Köpke e a escola Republicana**: criador de leituras, escritor da modernidade. 2006. 358 p. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

PONTES, Carlos. **Tavares Bastos (Aureliano Cândido, 1839-1875)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

PRADO, Alice da Silva. **Um modelo Pedagógico para a República**: práticas educacionais da escola americana em São Paulo. São Paulo, 1870-1915.

_____. **O Projeto Missionário Protestante no Brasil do século 19**: Comparando a Experiência Presbiteriana e Batista. H.B. Cavalcante [chavalea@richmond.edu] University Of. Richmond

_____. **Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos**: São Bernardo, UMESP, 1997.

RAMALHO, Jether Pereira. **Educação e uma interpretação sociológica da prática educativa de colégios protestantes no Brasil, no período de 1870- 1940**. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC – RJ, 1976.

REILY, Duncan Alexandre. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Aste, 1993.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A Educação e a Ilusão Liberal**: origens da escola pública paulista. Campinas: Editora Autores Associados, 1995.

REVISTA DE ENSINO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSADO PÚBLICO DE SÃO PAULO, São Paulo, ano III, 1903.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888**: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo, Pioneira, 1973.

RIBEIRO, Boanerges. **A igreja Presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma**. São Paulo: O Semeador, 1987.

RIVERA, Paulo Barreira. **Tradição, transmissão e emoção religiosa. Sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina**. São Paulo, Olho d'água, 2001.

ROCCO, Salvador et al. (Org.). **Poliantéia comemorativa: 1846-1946 – Primeiro centenário do ensino normal do São Paulo**. São Paulo: [s.n.], [s.d.].

RODRIGUES, João Lourenço. **Um retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino público em São Paulo**. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

ROSI, Bruno Gonçalves. **Atuação dos missionários das Igrejas Presbiterianas dos Estados Unidos do Brasil entre 1859 e 1888 e se papel nas relações entre os dois países**. 2009. 231 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, Joel Rufino. **Afinal, quem fez a república?** São Paulo: FTD, 2009.

SANTOS, P. C. M.; COSTA, A. R. A Escola de Minas de Ouro Preto e as "Seões de Geologia" do Brasil nas Exposições Universais. **Revista Escola de Minas**, Ouro Preto, v. 59, n. 3, jul./set. 2006.

SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. **O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil**. (Dissertação em Doutorado em Educação) - UESP, São Bernardo de Campo, 2002.

SERRA, Áurea Esteves. **As Associações de Alunos das Escolas Normais do Brasil e de Portugal: Apropriação e Representação (1906-1927)**. 2010. 290 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2010.

SILVA, Francisco de Assis. **História do Brasil: Colônia, Império, República**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

SILVA, Marcos. **Pedagogia Adventista, Modernidade e Pós-Modernidade: (Dissertação de Doutorado em Educação) – UNIMEP – Piracicaba, 2001.**

SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara. **Práticas Educacionais, Culturas Escolares, Profissão Docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Unesp, 1998.

STEWART, Charles T. **Mackenzie College: Escola Americana**. São Paulo: TYP. Siqueira Salles Oliveira, Rocha & Cia, 1932.

STOLL, David. **América Latina se vulene Protestante?** Cayambe, Equador Abua-Yalaa, Ed, 1982.

SUÍÇOS DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.suicosdobrasil.com.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

TEIXEIRA, Francisco M. P. **Brasil: História e Sociedade**. São Paulo: Ática, 2000.

THOMPSON, Oscar; LANE, Horace Manley; REIS, Carlos. **Education in the State of São Paulo**. São Paulo: Typographia Brazil de Campos Gurke, 1903.

TIMM, Alberto R.. **III Simpósio da Memória Adventista no Brasil, A Educação Adventista no Brasil, Uma História de Aventuras e Milagres**. Engenheiro Coelho, SP, UNASPRESS, 2000.

TOBIAS, José Antônio. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Ibrasa, 1986.

TROELTSCH, Ernst. **Protestantism and Progress: A historical study of the relation of Protestantism to the Modern World**. Disponível em: <<http://home.earthlink.net/~ejcarnations/troeltsch/>>. Acesso em: 25 ago. 2001.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Contribuição norte-americana à Educação no Brasil. **Revista de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 229-266, 1946.

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. **Contribuição Protestante à reforma da Educação Pública Paulista**. 1993. 124 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Ciências Humanas, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1993.

_____. **Protestantismo e Educação: a presença liberal norte-americana na reforma Caetano de Campos - 1890**. 2006. 195 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Instituto Metodista de Ensino Superior, Piracicaba, 2006.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. 2. ed. Brasília: UNB. 1980.

VIEIRA, Ruy Carlos de Camargo. **Vida e obra de Guilherme Stein JR: raízes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil**. Tatuí, 1995.

VITA, Álvaro. **Sociologia da Sociedade brasileira**. São Paulo: Ática S. A., 1989.

WARDE, Mirian Jorge. O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 5, p. 126-160, jan./jun., 2003.

_____. **Oscar Thompson na Exposição de St. Louis (1904): a exhibit showing “machinery for making machines”**. In: FREITAS, Marcos César. **Os Intelectuais na História da Infância**. São Paulo: Cortez, 2002.